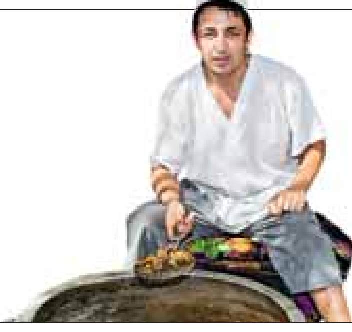
Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sábado, 10 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.518 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **2€**



Diário de Um Cientista
Gaio: ladrão de bolotas ou um silvicultor discreto?

P2 Verão



Uzbequistão
O país das cúpulas azuis começa a olhar além da Rota da Seda

Fugas

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Público

Jogos Olímpicos
Pichardo chega à prata e ameaça retirar-se

Desporto, 32/33

Governo trava alargamento dos manuais digitais para avaliar impacto

No próximo ano lectivo, o Ministério da Educação não vai alargar o projecto-piloto dos manuais digitais a mais turmas do 1.º ciclo e do ensino secundário, já que quer avaliar o seu impacto na aprendizagem dos alunos. Em resposta a questões do PÚBLICO, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação avança que o projecto-piloto se mantém "nos mesmos moldes para turmas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico", mas a integração de novas turmas nos restantes níveis de ensino será suspensa Sociedade, 14

Guiné Equatorial
A luta da ilha de Ano-Bom contra a ditadura de Obiang

Mundo, 18/19

Novas aquisições
Há um relógio de reis do Palácio Nacional de Queluz

Cultura, 28/29

Opinião
E será que se aprendeu alguma coisa?



Francisco Louçã escreve sobre os dez anos do colapso do BES Espaço Público, 10

Maternidades
Porto e Coimbra fizeram 30 partos de Leiria numa semana

Destaque, 4 a 7

ISNN-0872-1548

Página dois

SEMANA SIM



Iúri Leitão O português concluiu a prova de omnium com 153 pontos e conquistou a medalha de prata. Além disso, ainda deu uma lição de *fair play* quando rejeitou aproveitar-se da queda do atleta que seguia em primeiro lugar.



Tim Walz Kamala Harris escolheu o governador do Minnesota para ser o candidato dos democratas à vice-presidência dos EUA. É um cargo de grande responsabilidade numa campanha que tem pouco espaço para erros.



Pepe Aos 41 anos, o futebolista anunciou que vai reformar-se dos relvados. Foi um momento emotivo em que Pepe recebeu muitos elogios dos seus pares e de pessoas com quem se cruzou ao longo da sua vida desportiva.

SEMANA NÃO



Ana Paula Martins Ao longo da semana, a ministra foi coleccionando críticas políticas e dos sindicatos, o que levou o primeiro-ministro a reagir. Na quinta-feira, disse que confiava na sua governante a "300%".



Fernando Madureira O ex-líder dos Super Dragões soube no dia 6 que vai responder em tribunal por 31 crimes: 19 de coacção agravada, três de atentado à liberdade de informação e sete de ofensas à integridade física, entre outros.



Tommy Robinson O homem de 41 anos foi identificado como sendo o instigador dos violentos motins anti-imigração no Reino Unido, a partir de um *resort* de luxo em Chipre.

Por Sónia Sapage

INQUÉRITO PÚBLICO



JOANA GONÇALVES

"As pessoas estão mais conscientes do risco depois dos incêndios de 2017"

Mariana Oliveira

Paulo Fernandes É engenheiro florestal e professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Num ano em que a área ardida em Portugal está bastante abaixo da de anos anteriores, Paulo Fernandes traz à memória os incêndios trágicos de 2017 para lembrar que, por causa deles, "as pessoas estão mais conscientes do risco" e têm mais cuidados. Isso, combinado com a chuva que foi sempre ocorrendo desde o Outono, tem permitido às florestas manterem o seu grau de humidade elevados, o que não favorece a ocorrência de incêndios neste ano em que tem havido uma sequência de dias quentes e secos mais localizados. Mas o especialista em engenharia do fogo deixa um aviso: "Não está ao alcance de um proprietário florestal típico fazer a gestão do território."

A que se deve a diminuta área ardida até ao momento em Portugal, com menos de cinco mil hectares ardidos?

Essencialmente, à quantidade de precipitação bastante elevada que ocorreu desde o Outono passado no Norte e Centro do país e também no Sul. A chuva foi sempre ocorrendo, o que permitiu que a vegetação fosse mantendo uma grande quantidade de humidade, o que vai adiando a ocorrência dos incêndios. Por outro lado, tem havido sequências de dias quentes e secos, mas de forma mais localizada. Sem grandes eventos de vento. Essencialmente em distritos como Bragança, Guarda, Castelo Branco e Alentejo, zonas onde o número de ignições é baixo. A probabilidade de haver grandes incêndios mantém-se, por isso, baixa. O maior incêndio deste ano teve cerca de 200 hectares, o que é pouco. Num ano com o Inverno seco, os cinco mil hectares que arderam até agora poderiam ser a área ardida em Janeiro ou nos primeiros três meses do ano.

O número de incêndios também está em menos de metade do registado na década anterior?

Sim, temos uma redução consistente desde 2000, que é acompanhada de uma tendência crescente de investimento no dispositivo de combate aos fogos.

A que atribui esta descida do número de ignições?

Não há estudos sobre isso, por isso apenas lhe posso dar a minha percepção sobre essas causas. Acredito que existe um efeito combinado: as pessoas estão mais conscientes do risco depois dos incêndios catastróficos de 2017. Aumentou o grau de alerta entre as populações, o que fez com que as pessoas passassem a ter mais cuidados e as causas negligentes tendam a diminuir. Por outro lado, com o abandono rural diminuiu a população que usa o fogo e a pouca que permanece está mais velha e com menor intervenção no território.

Anos como este podem, contudo, significar fogos mais intensos no futuro?

Políticas muito focadas no controlo de ignições e com um sistema de combate robusto a prazo vão criando territórios mais vulneráveis aos incêndios. Porque o problema está nos combustíveis. E, se não temos fogo, temos de ter um mecanismo que o substitua. A biomassa tem de ser regulada a bem ou a mal. Mas temos de ter presente que a esmagadora maioria do território em Portugal é privada. E não está ao alcance de um proprietário florestal típico, que tem um hectare ou menos, fazer a gestão do território. Isso só está ao alcance das grandes empresas do sector do papel. A raiz do problema está, por isso, na economia rural destes territórios.

Como analisa as políticas públicas que têm sido desenvolvidas na área da prevenção dos incêndios?

O que vemos mais é um reforço das questões relacionadas directamente com a protecção civil ou no cumprimento da legislação sobre a limpeza em torno das casas e das aldeias. Isso é visível, ainda que não haja números sobre isso a nível nacional. No entanto, o impacto disto é meramente na protecção das pessoas e, eventualmente, das casas. Não tem impacto na propagação dos incêndios no espaço rural. A única coisa que consigo destacar a esse nível é a implementação da rede primária por parte do ICNF – faixas com um mínimo de 100 metros de largura com um menor volume de combustível, que estão a ser executadas nas matas nacionais, nos baldios e nos perímetros florestais. Mas estas zonas representam menos de 10% do território. De resto, há muito pouca gestão florestal, com excepção das plantações de eucaliptos do sector do papel e dos montados para retirar a cortiça.

Ou seja, anos dramáticos como 2003 e 2017 podem repetir-se?

Infelizmente, não podemos afastar essa possibilidade. Até porque vemos isso a acontecer em países com políticas mais antigas e consistentes em termos de incêndios florestais. Exemplo disso foi o que aconteceu no mês passado com um incêndio florestal que destruiu um terço da cidade canadiana de Jasper.

Ainda é cedo para dizer que a máquina de combate está mais eficaz ou que os investimentos na prevenção estão a dar frutos?

O dispositivo de combate a incêndios tem [hoje] mais capacidade e isso vê-se nas estatísticas: uma maior percentagem da área ardida está associada aos grandes incêndios. Tal quer dizer que os incêndios vão-se eliminando mais facilmente. Sobram os que ocorrem com as piores combinações de terreno, vegetação e meteorologia. O que vale é que a prevenção, que é tímida do ponto de vista de dimensão no território, vai sendo compensada pela diminuição do número de fogos.

Os culpados habituais

Grande angular



António Barreto

As políticas públicas têm, entre nós, resultados muito variados. Há, ao longo dos anos, êxitos indiscutíveis, como nos casos dos serviços domésticos, da mortalidade infantil, da alfabetização e do desenvolvimento da ciência. Vamos admitir que os responsáveis por estes feitos são os governos (uns mais do que outros), as autarquias (com diferenças entre elas), a administração pública, as empresas e os cidadãos. É o que se chama uma história feliz. Todos contribuíram para o bem de todos.

Mas também há resultados negativos. Ou seja, erros, falhanços, ineficácia, injustiça e corrupção. Os responsáveis serão mais ou menos os mesmos, dos cidadãos aos governos, passando pelas empresas e pelas autarquias. Só que há algo mais a dizer. Cada um culpa os outros pelos erros e atrasos. Cada partido, com anos de governo, culpa os anteriores e os sucessores. Os partidos sem experiência de governo culpam os outros. As autarquias culpam os governos e a administração central, além dos partidos das suas oposições. Os cidadãos culpam quase todos: "Eles."

Será sempre assim. É muitas vezes assim. O eleitorado lá vai fazendo distinções, por vezes acertadas, por vezes ilusórias, mas sempre verdadeiras, pois são as suas escolhas. É frequentemente difícil apurar quem foi responsável pelos erros e pela inércia. A democracia é assim. Por isso, a "não democracia" culpa tudo e todos, com os chavões habituais: "são uns inúteis", "ladrões" ou "corruptos". Não se vai lá muito longe com esta disposição de espírito, mas a democracia é assim. Bom é saber guardá-la, com as suas imperfeições e as suas insuficiências.

Este relativismo sereno não pode ocultar os casos mais sérios. Há na verdade situações e falhanços que merecem análise atenta. Não propriamente para designar o culpado e encostar o responsável no pelourinho. Mas para perceber porquê. Só depois disso será possível fazer melhor.

É difícil eleger os casos mais graves e que melhor nos podem servir para aprender. Mas, nos tempos que correm, o primeiro parece ser o Serviço Nacional de Saúde. Aquele que foi, para muitos e durante anos, a pérola da democracia portuguesa e o caso mais brilhante das políticas públicas, transformou-se, diante de todos, com notícias sucessivas, no caso mais flagrante e no insucesso mais cruel. O fiasco das urgências, das maternidades, da obstetrícia e das cirurgias ultrapassa os limites do entendimento. Dinheiro? Investimento? Previsão? Organização? Vencimentos? Ganância? Concorrência? Mudança de costumes? Alteração da procura? Tudo pode ser invocado. Mas tudo era previsível. E para tudo havia recursos. O que faltou? O que falhou? Por que razão PS e PSD, ao longo de décadas de governo, não souberam gerir, não conseguiram corrigir, falharam as previsões, descuraram o sistema e deixaram o SNS entregue ao acaso e aos profissionais que, contra o vento, tentam fazer muito mais do que os seus deveres?

Segundo caso de incompreensível incompetência, o do aeroporto de Lisboa. Após dez, vinte, trinta anos de hesitação, de promessas, de estudos, de contradições, de certezas, de garantias e de demagogia, ainda estamos nas vésperas das decisões, na antevéspera dos concursos e longe de certezas sobre a dimensão, a localização, o equipamento e a modalidade. Ao longo das décadas, vários líderes do PS e do PSD, primeiros-ministros dos dois partidos e diversos ministros de ambos anunciaram convicções e tomaram decisões. Contradisseram-se e desmentiram-se. Negaram o que fizeram e mudaram de opinião. E não foram só os partidos, os governos e a administração pública, foram também as mesmas empresas de auditoria, de projecto, de consulta, de advogados, de engenharia e de *lobbying*. O aeroporto já teve pelo menos cinco localizações, três variantes e quatro modalidades. Com frequência, as mesmas pessoas ou as mesmas instituições disseram, em poucos anos, o que se devia fazer e o seu contrário.

Terceiro caso de inegável incompetência, de absoluta insensatez e de incompreensível falhanço: o caminho-de-ferro, a rede de comboios, o sistema antigo, as novas linhas e o famigerado TGV. O que se passou realmente nestes trinta anos durante os quais todos os governos e os seus dois grandes partidos, PS e PSD, prometeram renovar, revalorizar, equipar, modernizar, aumentar e melhorar as redes existentes e construir novas e todos, sem excepção, foi exactamente o contrário. Fecharam centenas de quilómetros de linhas. Apodreceram outros tantos. A "grande velocidade" foi adiada décadas. Os equipamentos ficaram obsoletos. O sistema actual é um verdadeiro escândalo de desconforto, de insegurança e de ineficácia.

Quarto caso a merecer análise, o estado a que a justiça chegou. A morosidade é proverbial. A tendência para a prescrição inscreveu-se nas tradições nacionais. A luta entre corpos profissionais, agressivos e auto-suficientes, atingiu cumes inéditos. O uso e abuso de escutas telefónicas e a gestão das mesmas ao longo do tempo e em conformidade com as qualidades dos "escutados" ou das suas vítimas desesperam qualquer pessoa ciosa do Estado de direito e dos direitos dos cidadãos. A divulgação de segredos e de conteúdos de escutas é hábito que distorce o direito e o sentimento de justiça. A evidente desigualdade social que a justiça portuguesa confirma e dilata é indiscutível. A corrupção continua a minar impunemente os alicerces da democracia. A incapacidade de adiantar e terminar processos que envolvam muito dinheiro, políticos reputados e ricos poderosos começa a ser lendária. A perda de confiança na justiça, por parte de tantos cidadãos, é notória e perigosa. A justiça vive em desequilíbrio profundo, favorecendo alguns profissionais, certos corpos e os poderosos. Com uma característica especial: como toda a gente depende da justiça, como quase todos aspiram a justiça e como muitos receiam represálias, estabelece-se uma crença: não é assim tão grave, a justiça ainda faz muito, são só uns casos excepcionais... Verdade é que parece ser o caso mais flagrante de impotência do legislador, de fraqueza do soberano e de incapacidade dos reformadores.

PS e PSD têm de comum uma história de serviços prestados ao país e à população. Essa história é indiscutível. Mas também têm de comum uma enorme ineficácia e um estranho hábito de uso e abuso do poder político. Como têm de comum terem deixado decapitar a inteligência e a capacidade técnica do Estado, deixando-o à mercê da demagogia e dos vampiros habituais.

Sociólogo

> **Cada um culpa os outros pelos erros e atrasos. Cada partido, com anos de governo, culpa os anteriores e os sucessores. Os partidos sem experiência de governo culpam os outros. As autarquias culpam os governos e a administração central. Os cidadãos culpam quase todos: 'Eles'**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

Não nos interessa estar num país onde as leis de amnistia não amnistiam

Carles Puigdmont, ex-governante catalão

A maior conquista é a amizade

Cristiano Ronaldo
Futebolista, comentando o anúncio de fim de carreira de Pepe



O Estado tem de olhar para o envelhecimento como um problema sério da sociedade portuguesa

Manuel Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas

Orgulho-me de não ser perfeita. A cada ano que passa estou cada vez mais confortável com o meu corpo. Permite-me ignorar as opiniões dos outros

Kate Winslet, actriz

"Não há reforma profunda do SNS que possa ser feita com um único partido político"



Carlos Cortes Bastonário da Ordem dos Médicos revela que pediu – e ministra aceitou – que mapa de vagas para contratar novos clínicos seja publicado antes do exame da especialidade

Entrevista

Ana Maia Texto
Daniel Rocha Fotografia

Em entrevista ao PÚBLICO, o bastonário Carlos Cortes salienta que em dez anos a Ordem duplicou o número de vagas para formar médicos e que há lugares que ficam desertos por falta de atractividade. E lamenta que os concursos para contratar jovens médicos ainda não estejam concluídos. "Se tivéssemos que avaliar o Ministério da Saúde na questão dos recursos humanos, era um chumbo absoluto", diz, reafirmando que tem de existir uma reforma do SNS. E deixa um apelo ao consenso político.

Tivemos as maternidades de Leiria e das Caldas da Rainha encerradas em simultâneo, as três urgências de obstetrícia da Margem Sul do Tejo fechadas. Isto não traz riscos para as grávidas?
É impossível dizer que nesta situação, sendo anómala, não possa haver problemas de segurança para as grávidas. Estamos a falar de duas situações muito diferentes. Uma coisa é a Grande Lisboa, em que, apesar de tudo, há um conjunto de maternidades que estão próximas. Leiria é diferente, porque à volta não tem nada. Provavelmente a maternidade mais próxima, em distância horária, é a das Caldas, que também está fechada. Leiria, para mim, neste momento, é o caso mais grave, porque não só está a urgência fechada, como também o apoio emergente. Acho que é uma situação inadmissível, que não devia ter acontecido. Tem de existir uma reforma do Serviço Nacional de Saúde [SNS].

Quando fala em reforma, é, por exemplo, o SNS ser mais aberto a horários diferentes dos médicos, cativando-os a ficar?
Há um conjunto de reformas que têm de ser feitas. Há um nível que é necessariamente organizativo. O SNS não funciona em rede. Pensei que a Direcção Executiva do SNS [DE-SNS] viesse de alguma maneira colmatar esta dificuldade. Mas vemos que isso não está a acontecer com a questão das maternidades. A DE-SNS não está a fazer esta coordenação nacional. Vou de forma mais profunda nessa reforma: os hospitais não podem funcionar como há 60 anos, com serviços estanques, com uma porta aberta 24 horas que não consegue dar resposta às pessoas que se dirigem à urgência. Portugal tem dez milhões e meio de pessoas. Quase sete milhões dirigem-se anualmente ao serviço de urgência e pouco mais de três milhões nem sequer lá deviam ter entrado. Enquanto não reformularmos este modelo, as coisas não vão correr bem. E depois não vão correr bem noutra vertente, que é a dos recursos humanos. Criou-se um pouco a ideia, nestes últimos 20 anos, de que se podia de alguma forma retirar os profissionais de saúde e os médicos de um papel de alguma preponderância no sistema. Percebemos que esta fórmula está gasta. Os médicos, os profissionais de saúde, têm de ter uma voz activa naquilo que é o desenvolvimento do SNS. E não a terem fez com que muitos se tenham desmotivado. Há um conjunto de aspectos que são muito valorizados pelos médicos: a formação, investigação, flexibilidade do horário. E depois há a integração dos cuidados, que não existe...

A Ordem dos Médicos (OM) criou uma comissão para avaliar as Unidades Locais de Saúde (ULS).
Sou favorável à integração de cuidados. Mas as ULS não foram uma integração de cuidados, foram uma integração dos conselhos de administração e das direcções executivas dos agrupamentos de centros de saúde.

O que falhou?
Pegou-se em várias direcções e fez-se uma. Integrar cuidados é fazer com que o doente não tenha que andar a saltitar de um lado para o outro. Com as ULS, isso piorou. A OM criou uma comissão de acompanhamento e solicitei um relatório preliminar. E é arrasador.

O que diz?
Está tudo a correr mal. Genericamente diz que em algumas situações a integração piorou. Há menos integração do ponto de vista assistencial entre os centros de saúde e os hospitais. Muitas vezes existiam, entre o ACES e o hospital, protocolos de colaboração para ajudar a fluidez assistencial, que é absolutamente necessária. Uma vez criadas as ULS, estes protocolos deixaram de existir, porque já não existiam duas entidades, só havia uma. E recuou-se em alguns aspectos da integração assistencial.

É um desastre na área formativa. A própria OM está a ter dificuldade em perceber como é que as coisas vão funcionar do ponto de vista formativo. As administrações regionais de Saúde tinham um papel absolutamente central na organização da formação da medicina geral e familiar e da

> "Vamos continuar a ter um problema de forma cada vez mais grave todos os anos se não existir esta reforma de fundo do SNS



saúde pública. Desaparecem e não sabemos quem é que vai tratar das coisas. Como é possível pretender-se fazer a maior reforma do país e não ter uma estrutura de apoio para os conselhos de administração? Isto foi *à la carte*. Cada conselho de administração organizou a sua ULS, fez a integração como achou que a tinha que fazer. Até ao dia de hoje, não conheço nenhum documento orientador para a criação das ULS.

Deixou uma crítica à direcção executiva, falando da falta de funcionamento em rede do SNS. O que está a falhar?

Não quero más interpretações. Só tenho a dizer bem do director executivo. É um homem conhecedor da realidade, uma pessoa profundamente lúcida e com grande sentido de responsabilidade. Há aspectos de diálogo, de solicitação de colaboração da OM, que são uma novidade em relação à direcção executiva. A direcção executiva, e acho que tem que se manter esta formulação, é uma espécie de organização-chapéu do SNS e é quem tem de tomar as decisões. E as decisões que são tomadas nas urgências não podem ser só decisões das ULS, tem de ser uma decisão com uma visão nacional.

A linha SNS Grávida, a única medida concluída no eixo das mães e dos bebés seguros, é suficiente para garantir a segurança das grávidas?

Não é uma linha telefónica que garante a segurança das grávidas, não é suficiente. Falei da lucidez do director executivo, porque tem a noção de que a rede das maternidades tem de ser revista. As maternidades não são só feitas de obstetras. Têm neonatologistas, pediatras, anestesiologistas, um conjunto de outras especialidades que têm de apoiar. Esta dificuldade não aparece de repente, tem que ver com falta de recursos humanos, mas também com uma maior exigência do ponto de vista clínico que existe. Temos um problema este Verão e que vamos continuar a ter de forma cada vez mais grave todos os anos se não existir esta reforma de fundo do SNS. A ministra referiu que 19 mil grávidas ligaram a para a linha SNS Grávida. A linha ajuda, mas não resolve.

Para o bastonário, faz sentido existir uma concentração de urgências, sobretudo em Lisboa e Vale do Tejo?

Esta fórmula actual não funciona. É um fracasso.

Fala de ter as maternidades todas abertas e fechos rotativos.

Por mais que haja planos de Verão e planos estratégicos, isto não está a funcionar. Se não se fizer uma reforma de fundo e corajosa... Tenho invocado a necessidade de haver um consenso político alargado, porque não há reforma profunda do SNS que possa ser feita com um único partido político. Tem de gerar um consenso pelo menos na Assembleia da República, entre os vários partidos representados. Os hospitais não podem continuar a funcionar desta maneira e as maternidades também não. Tem de haver uma melhor gestão de recursos. Tem de haver uma concentração de recursos.

Permanente ou temporária, até se terem mais recursos humanos?

O que queria é que houvesse recursos humanos em todo o lado. Mas não os vamos ter daqui a um mês, não os vamos ter daqui a um ano. Vai demorar muito, porque, em primeiro lugar, o SNS tem de saber captar e manter os médicos nos seus quadros. E o SNS não está a conseguir fazê-lo. Até lá, temos de ter medidas para poder dar segurança e qualidade na prestação dos cuidados às grávidas e a todos os outros doentes. Quando não temos médicos necessários, há duas formas de o fazer. Provavelmente as duas [em conjunto] são a melhor solução. Se o SNS não responde, o sector privado e social pode dar uma ajuda. Por outro lado, não havendo recursos numa e noutra maternidade, se calhar temos que os juntar.

A OM vai abrir mais vagas formativas para médicos ginecologistas/obstetras no próximo ano? Esse mapa já estará em discussão.

Isso está dependente do Ministério da Saúde e dos hospitais e centros de saúde. O que a OM faz é uma avaliação da capacidade que os serviços têm para formar médicos internos. Agora, isto não é uma lista de supermercado: precisamos de 100 especialistas nesta determinada especialidade, então vamos abrir vagas para formar 100 especialistas. Isto não funciona assim. Nós vamos aos serviços ver qual é a capacidade que têm. A OM, em dez anos, aumentou mil vagas. Fez o seu trabalho ao longo dos anos. Quem não fez o seu trabalho foi o Ministério da Saúde, que não soube aproveitar estes médicos especialistas que se formaram para o SNS. A realidade é esta. Aliás, muitos médicos nem sequer aceitam uma vaga de especialidade. Portanto, não há aqui um problema de falta de vagas. Há um problema do Ministério da Saúde, das direcções das ULS, que não tornaram os seus serviços mais atractivos para captarem profissionais. Os médicos fizeram um exame em Abril e, neste momento, os concursos ainda estão a decorrer. Há ULS que nem sequer desencadearam ainda os processos. Qual é a mensagem que estão a passar aos médicos? Que não estão interessados neles.

Que custos já está a ter?

O sector social e o privado não estiveram à espera de Agosto para ir buscar esses médicos. Antes mesmo de terem terminado a especialidade já estavam a ser aliciados. Pedi à ministra da Saúde que o mapa das vagas para [contratar] jovens especialistas seja publicado no início do ano, para que os médicos saibam as vagas antes do exame final. Neste momento o número de vagas que abrem não corresponde ao número de candidatos, portanto não há problema nenhum em antecipar a publicação desses mapas. A ministra aceitou.

Relativamente à comissão de análise das maternidades públicas e privadas criada pela OM, estão a conseguir os dados que têm pedido?

Não. Também pedi à ministra para nos ajudar porque este é um trabalho muito importante, que o próprio ministério já devia ter feito há muito tempo. Nós queremos tirar uma fotografia à situação das maternidades para podermos, com mais propriedade, apresentar uma proposta concreta ao ministério. Mas, para isso, a OM precisa saber onde estão os obstetras, onde é que fazem falta, que estrutura têm estas maternidades.

No primeiro semestre os médicos fizeram três milhões de horas extras e contrataram-se 2,4 milhões de horas de prestação de serviço. Continua a apostar-se no sítio errado?

Isto é a prova do fracasso da política de recursos humanos no Ministério da Saúde. Os médicos não estão só a ir para o privado e para o sector social, estão a ir para a prestação de serviço. Não é isso que queremos. A solução é ter esses médicos dentro do SNS. Se tivéssemos que avaliar o Ministério da Saúde na questão dos recursos humanos, era um chumbo absoluto.

A ministra disse que no próximo ano esta situação das urgências já não será igual. Vê sinais de que isso vai acontecer?

Há três pressupostos. Primeiro: é preciso coragem política. Segundo: é preciso um consenso político transversal a todos os partidos. Terceiro: há que envolver os agentes que estão no terreno. Se não soubermos fazer isto, acho que vai ser muito difícil. Não há nenhuma reforma e nenhum plano que aguente a falta de recursos humanos. Agora, a minha mensagem é de esperança e é de apelo a um pacto. Que as pessoas se deixem de servir do SNS colocando-o na arena política do combate político eleitoral. Isso não serve para nada. Todos têm a responsabilidade de ajudar a salvar o SNS.

Balanço

Maternidades do Porto e Coimbra fizeram 30 partos de Leiria numa semana

Alexandra Campos e Gina Pereira

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, várias urgências de ginecologia-obstetrícia vão estar fechadas ou com constrangimentos



MANUEL ROBERTO

A recomendação é: ligar para a Linha SNS Grávida antes de se dirigir a qualquer urgência obstétrica

As maternidades de Coimbra e o Centro Materno-Infantil do Norte (Porto) fizeram 30 partos de mulheres provenientes de Leiria numa semana, desde sexta-feira da semana passada, dia em que a urgência de ginecologia-obstetrícia deste hospital fechou ao exterior por falta de médicos em número suficiente para assegurar as escalas. Foram 19 as mulheres encaminhadas de Leiria para Coimbra, que fica a 76 quilómetros de distância de Leiria, e 11 as que tiveram partos programados no Porto, a quase 200 quilómetros, apurou o PÚBLICO.

Mandar as grávidas com partos programados para maternidades a muitos quilómetros de distância foi a forma encontrada pela Direcção Executiva do Serviço Nacional de Saúde (SNS) para contornar o problema do encerramento prolongado da maternidade do hospital de Leiria, que vai permanecer de portas fechadas até ao próximo dia 19.

O Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN) adianta que está preparado para receber até esse dia cerca de duas dezenas de partos programados. Resta saber quantas mulheres optarão por ter os bebés em Coimbra, onde as duas maternidades da Unidade Local de Saúde (ULS) da cidade estão abertas.

A ULS de Coimbra está também a garantir as urgências de ginecologia e obstetrícia das mulheres da área de influência de Leiria, adiantou entretanto a Direcção Executiva do SNS, explicando que as grávidas com partos programados podem optar entre as maternidades de Coimbra e o CMIN, sendo o transporte "acautelado" pela unidade de Leiria. Mas o organismo liderado por António Gandra d'Almeida insistiu na necessidade de se ligar sempre antes para a Linha SNS Grávida (808 22 22 22).

Além da falta de resposta em toda a vasta região oeste, uma vez que tem também estado encerrado o serviço de urgência e ginecologia mais próximo – o das Caldas da Rainha, que de acordo com as escala actual disponível *online* só abre na segunda-feira, mas voltará a encerrar no feriado de 15 de Agosto –, mantém-se muito complicada a situação na margem sul do Tejo, com as três maternidades – as dos hospitais Garcia de Orta (Almada), do Barreiro e de Setúbal – todas encerradas ao exterior, em simultâneo, nos próximos dias.

O bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, considera, em entrevista ao PÚBLICO, que o encerramento simultâneo das duas urgências de obstetrícia na região oeste é a situação "mais grave" que se vive no país, tendo em conta a vastidão da região abrangida pelos hospitais.

Mas o panorama que se vive na região de Lisboa também é preocupante. Ainda assim, ficou mais suavizado depois de o Garcia de Orta ter conseguido ficar aberto ao Centro de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) do INEM durante este fim-de-semana, o que significa que grávidas que sejam encaminhadas pelo 112 poderão ali ser atendidas. O Garcia de Orta era o hospital que deveria assegurar a rotação das maternidades na Margem Sul neste fim-de-semana, mas a falta de médicos em número suficiente para completar as escalas de urgência acabou por ditar o encerramento deste serviço.

Segundo informação do hospital, o Garcia de Orta irá também assegurar a resposta em rede ao nível da neonatologia. "Prossegue o esforço e o trabalho para encontrar uma solução, de modo a garantir que a urgência de ginecologia e obstetrícia reabre ao exterior", assegurou a mesma fonte. Se isso não acontecer, o Garcia de Orta voltará a encerrar a maternidade nos dias seguintes, pelo menos até ao dia 15, que é feriado.

Urgências de obstetrícia na Área Metropolitana de Lisboa este fim-de-semana



Fonte: SNS PÚBLICO

O panorama na região de Lisboa e Vale do Tejo para este fim-de-semana volta, assim, a ser confrangedor: quase metade (sete) das 13 urgências de ginecologia e obstetrícia vão estar encerradas ou com constrangimentos, sobrecarregando de novo a Maternidade Alfredo da Costa, que já se prepara para dois dias complicados, como aconteceu no sábado e domingo passados, quando fez 60 partos e atendeu cerca de 400 grávidas, o dobro do habitual. Para aliviar a previsível sobrecarga, como referido, o Hospital de Santa Maria vai também receber grávidas da Margem Sul durante o fim-de-semana, mas apenas encaminhadas pelo CODU.

Segundo a informação publicada no Portal do SNS, e considerando apenas a Área Metropolitana de Lisboa, hoje e amanhã estarão de portas completamente fechadas Setúbal, Vila Franca de Xira e Barreiro, enquanto a urgência de ginecologia e obstetrícia do Amadora-Sintra vai estar referenciada , ou seja, está apenas aberta aos casos encaminhados pelo CODU do INEM e a Linha SNS 24. A do São Francisco Xavier vai estar aberta das 9h às 21h, mas fica referenciada entre as 21h e as 24h.

Mas haverá também várias urgências de pediatria fechadas ou com constrangimentos durante o fim-de-semana: fechadas vão estar as dos hospitais de Chaves, de Loures e do Barreiro, enquanto estarão referenciadas as do Amadora-Sintra e do Serviço de Atendimento Complementar Pediátrico de Viseu, segundo a informação do Portal do SNS, que está sempre a ser actualizada.

Parto a caminho de Lisboa

Talvez por causa da confusão gerada por todos estes encerramentos intermitentes e rotativos de maternidades, na quinta-feira uma grávida em trabalho de parto que estava a dirigir-se da Margem Sul para a MAC, em Lisboa, por meios próprios (apesar de a urgência do Barreiro estar aberta nessa altura), acabou mesmo por ter o bebé em trânsito, na Ponte 25 de Abril, noticiou a TVI. O CODU/INEM afirma que não foi contactado para esta situação, pelo que se depreende que a mãe não recorreu previamente à Linha SNS Grávida.

As críticas à situação que se vive na Margem Sul multiplicam-se, com porta-vozes das comissões de utentes de Almada, Seixal, Barreiro e Setúbal a mostrarem-se, em uníssono, muito preocupados pela perturbação que os encerramentos simultâneos estão a provocar nas grávidas e a considerarem mesmo que este é um "sinal de desinvestimento no SNS".

A plataforma *online* Portal da Queixa adiantou que tem estado a receber "inúmeras reclamações de utentes a relatar constrangimentos no atendimento" nas urgências hospitalares, com a especialidade de obstetrícia a ser "a mais visada", com cerca de 15% do total das queixas. Desde o início deste ano, especifica, já foram publicadas nesta plataforma 2593 reclamações dirigidas a prestadores de cuidados de saúde não só públicos mas também privados.

BE junta-se ao coro de críticas da oposição contra a ministra

"O acesso ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) piorou nestes últimos cinco meses e o primeiro-ministro deve reconhecer esse falhanço", defendeu ontem Fabian Figueiredo, em conferência de imprensa no Parlamento. Para o líder parlamentar do Bloco de Esquerda, o primeiro passo para resolver os problemas no SNS passa por "mudar a postura autoritária e incompetente" da ministra da Saúde. No final de uma semana em que a oposição coincidiu nas críticas ao Governo pela actual situação do SNS, o Bloco acusou mesmo a ministra da tutela de ser "incendiária".

Para o deputado bloquista, a ministra da Saúde "diz que a culpa é de toda a gente, menos da própria". "Não podemos ter uma incendiária no Ministério da Saúde", vincou, argumentando que Ana Paula Martins espalha o caos e culpabiliza as administrações hospitalares e os profissionais de saúde pelos problemas do SNS. É preciso "mudar a postura autoritária e incompetente com que a ministra tem lidado com a área", referiu. Nos primeiros cinco meses da governação, "o acesso ao SNS e os cuidados de saúde pioraram", sustentou.

Estas críticas somam-se às do resto da oposição, que nos últimos dias intensificou as declarações sobre a incapacidade de resposta do SNS. Terça-feira, por exemplo, a deputada do PS Mariana Vieira da Silva criticou as mudanças que o Governo fez na Direcção Executiva do SNS: "Não podemos esconder que aquilo a que assistimos a partir de Março foi um desmontar do que estava feito."

No mesmo dia, André Ventura, líder do Chega, descreveu o momento no sector da saúde como "explosivo" e o dirigente do PCP Bernardino Soares criticou o atraso na colocação de médicos especialistas, acusando o Governo de "garantir prioridade aos privados para os contratarem". Já o líder da IL, Rui Rocha, considerou a execução do plano de Verão um "desastre".
J.M. e F.C.

Sindicatos muito críticos

Fnam fala em "política catastrófica" e aponta porta de saída à ministra da Saúde

A presidente da Federação Nacional dos Médicos (Fnam) exigiu ontem um ministro da Saúde "com competência para a função", alertando para os riscos de a actual "política catastrófica" poder, em última análise, resultar em mortes de grávidas e bebés.

"Em última análise, podem morrer grávidas, podem morrer bebés, e isto só se deve à política catastrófica deste Ministério da Saúde, de Ana Paula Martins, isto não se deve a mais ninguém, e nós entendemos que estas medidas destroem o SNS", disse Joana Bordalo e Sá à agência Lusa.

Na véspera de um fim-de-semana em que está previsto o encerramento de dez urgências de obstretícia/ginecologia e pediatria, a sindicalista lembrou que a Fnam avisou e antecipou que "era inevitável o que está a acontecer agora". "Isto só tem um responsável, chama-se Ministério da Saúde. [A ministra] Ana Paula Martins não teve vontade política para reverter esta situação e isto acontece devido à falta de médicos", acusou.

Questionada sobre se a falta de médicos para assegurar as escalas dos serviços de urgência se deve também ao facto de os profissionais estarem a apresentar minutas de escusa às horas extrad além das obrigatórias, Joana Bordalo e Sá disse que tem "algumas entregues, mas nem é necessária a sua entrega para as urgências não funcionarem".


MATILDE FIESCHI
Joana Bordalo e Sá, presidente da Federação Nacional dos Médicos

Joana Bordalo e Sá salientou que o problema também se passa nas urgências de pediatria, além da obstetrícia, "que não têm sido muito faladas" e que "também são um drama". "Esta ministra da Saúde, o que está a fazer, no fundo, é encerrar as urgências de obstetrícia. Não é só na região de Lisboa e Vale do Tejo, mas também em Leiria e nas Caldas da Rainha, onde ocorreu uma situação dramática que a Fnam lamenta", disse, numa referência ao caso de uma mulher que, após sofrer um aborto espontâneo, viu alegadamente negada a assistência no hospital, cuja urgência obstétrica estava encerrada.

A líder sindical destacou também a situação do Hospital de Santo André, em Leiria, que vai ter a urgência ginecológica/obstétrica fechada até ao dia 19 e que, por isso, as grávidas com partos programados terão de escolher entre ser encaminhadas para Coimbra ou Porto. "Isto é que parece ser o novo normal e esta ministra da Saúde está a obrigar as grávidas a fazer 200 quilómetros para irem ter os seus bebés", acusou, alertando para o risco que a situação acarreta.

Joana Bordalo e Sá sublinhou que a Fnam continua a defender e a exigir um SNS forte, mas "exige também um Ministério da Saúde, uma ministra da Saúde com competência para a sua função, ou seja, um ministro ou uma ministra que consiga de facto servir o SNS, porque isso não está a acontecer". E lamentou a "atitude de intransigência, inflexibilidade em relação aos médicos": "A escolha de não negociar com os médicos foi deste ministério de Ana Paula Martins. Isto é muito urgente resolver."

Já o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) defendeu que o Governo tem de acabar com a existência de "vários SNS" no país: "O Governo tem de resolver um problema que é a existência dos vários SNS. Não podemos ter no Norte tudo impecável, tudo a funcionar bem, e depois termos esta situação que considero praticamente trágica a sul de Coimbra, em que há grávidas a fazerem centenas de quilómetros por dia", disse à Lusa o secretário-geral do SIM, Nuno Rodrigues, numa alusão às urgências de obstetrícia e ginecologia encerradas.

Para o líder sindical, estes problemas de desigualdade de acesso ao SNS têm a "competitividade do sector privado" como uma das principais causas, uma vez que os principais grupos operam em Lisboa e Vale do Tejo. **Lusa**

Um SNS renovado e fortalecido

Opinião



António Gandra d'Almeida

O SNS é uma das maiores riquezas de Portugal.

Mas a atual estrutura do SNS, no seu todo, ainda não dá uma resposta eficiente e equitativa. Estamos, por isso, comprometidos em renovar o SNS para o fortalecer, de modo que os resultados da sua atividade se materializem na vida das pessoas de forma mais eficaz e justa.

Só com uma autoridade de compromisso transversal que estimule e inspire todos os intervenientes na saúde é que iremos conseguir obter resultados globais no setor que permitam servir ainda melhor os portugueses.

A Direção Executiva do SNS está a trabalhar para redefinir a atual rede de urgências do SNS, proporcionando respostas mais integradas e solidárias que garantam uma melhor qualidade de serviços aos nossos concidadãos.

Não podemos desperdiçar o potencial da integração de cuidados de saúde no SNS. A integração de cuidados é uma estrutura organizacional virtuosa que contribui para o fortalecimento do SNS, tendo como matriz comum uma resposta integrada que promove serviços assentes em práticas de qualidade, eficientes e generalizadas a todos os cidadãos, seja nos Cuidados de Saúde Primários (CSP), nos Cuidados de Saúde Hospitalares (CSH), na Rede Nacional de Cuidados Continuados (RNCCI), nos Cuidados Paliativos (CP) ou noutros níveis de intervenção que o justifiquem.

Com um horizonte temporal coerente, vamos concretizar um plano que determinará o quadro global dos profissionais do SNS, assente numa formação de elevada qualidade, como é timbre das organizações que a promovem, que assegure a qualidade e a continuidade dos serviços de saúde prestados aos portugueses.



A direção executiva está a aproveitar tudo o que de bom existe e a qualidade dos profissionais do SNS

Paralelamente estamos no terreno, diariamente, a monitorizar todas as situações nas urgências em permanente articulação com as administrações hospitalares e com as equipas médicas garantindo o seu funcionamento em rede.

A presente situação é complexa e exigente, mas a atual direção executiva está a aproveitar tudo o que de bom existe e a qualidade dos profissionais que trabalham no SNS, cumprindo assim a missão que lhe foi confiada: manter um SNS de serviço tendencialmente gratuito, de cobertura universal, que proporcione cuidados de saúde gerais, sendo o seu financiamento assegurado pelos impostos dos portugueses.

Director Executivo do SNS

A decisão de Powell nuns EUA em campanha

Editorial



Marta Moitinho Oliveira



Além da dificuldade de decidir o momento certo para baixar juros, a dose adequada para o fazer e de a explicar, Powell poderá querer blindar o anúncio para não atrair a atenção da classe política

O caminho para as eleições de Novembro nos EUA tem seguido o guião de que podia pertencer a um filme: o actual Presidente, Joe Biden, desistiu de concorrer depois do desconforto quanto à sua preparação, e o Partido Democrata já tem uma candidata, Kamala Harris, que desde o anúncio tem desafiado – e sido um desafio – ao candidato do Partido Republicano, Donald Trump.

A dialéctica tem estado muito centrada nas habituais questões que marcam o debate público nos EUA, como por exemplo a imigração, mas há um tema novo que pode vir a entrar nas agendas dos candidatos. A economia americana está a arrefecer? E o que deve fazer a Reserva Federal norte-americana (Fed)?

A semana começou com as bolsas assustadas com medo de uma recessão global depois de dados sobre o número de empregos criados terem mostrado uma economia mais fraca. Parte das perdas registadas pelos mercados foram recuperadas e a semana fecha com mais dados sobre o mercado de trabalho, mas desta vez menos maus, aos quais os investidores se podem ou querem agarrar. A calma de ontem ficou a dever-se a informações mais favoráveis, a indicar que os pedidos de subsídio de desemprego caíram para o nível mais baixo num mês.

Os próximos dias serão decisivos: qualquer indicador económico que seja publicado será analisado com muita atenção e servirá para engordar o painel de informação que economistas, analistas e bancos centrais usarão perto das novas decisões da Fed (e do BCE), marcadas para Setembro.

Por tradição, os banqueiros centrais focam-se nos seus mandatos para decidir sobre os juros – e decidem com base na evolução da inflação e da economia, e não com base em flutuações nas bolsas. Na Europa, Lagarde classifica a evolução dos preços para justificar a política de juros.

No entanto, a próxima decisão de Jerome Powell acontece num momento político quente. Qualquer passo que possa ser lido como um estímulo à economia vai atrair as críticas de Trump, que, embora possa defender uma política de baixos custos de financiamento, sabe que uma economia que se mostra forte beneficia quem está no poder e penaliza quem luta por ele, como sublinhava esta semana no *Financial Times* Barry Eichengreen, professor de Economia da Universidade da Califórnia.

Além da dificuldade de decidir o momento certo para baixar juros, a dose adequada para o fazer e de explicar como esta se relaciona com os fundamentos da economia, Powell poderá querer blindar o anúncio de forma a não atrair a atenção da classe política para a sua decisão.

CARTAS AO DIRECTOR



Paris 2024
Iúri Leitão não travou até chegar à prata nos Jogos

Ordem admite mais urgências abertas com menos médicos do que o previsto

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Salvemos o SNS!

A melhoria pela salvação do SNS e a saída do seu estado comatoso deve ser um desígnio nacional para que aquele serviço seja para todos. Há milhões de portugueses que não têm alternativa ao SNS. "O Governo está a cumprir o plano de emergência [para o SNS]", diz, sem pingo da realidade, o primeiro-ministro. Qual cumprimento? Na ginecologia? Na obstetrícia? As mulheres grávidas não são lorpas. Engrossam os milhares de portugueses sem médico de família, sendo eu um dos que não o têm há 20 anos! Esta gente da governança chora lágrimas de hipócrita carpideira, ao lamentar os índices demográficos negativos pela baixa natalidade, mas os planos para assistir gestantes saíram furados, já que os serviços de urgência de obstetrícia fechados são atentados.

Diz a imprensa que mais de metade do orçamento do SNS é sangrado para os hospitais da mercantilização da saúde. Urge usar estas volumosas verbas para dotar os serviços, neste caso, de obstetrícia, para responder a quem deles precisa. Em política o que parece é: há uma concertação antiga do PS e PSD para esvaziar o SNS e oferecer a sua nata aos hospitais privados do negócio. Está em marcha um SNS para indigentes! A saúde jamais deve ser alvo de negócio. Os hospitais privados respondem aos accionistas, o SNS responde aos doentes. Ponto!

Vítor Colaço Santos, São João das Lampas

Inaugurações

Oportuna foi a inauguração da maternidade no Hospital de Santa Maria. A mesma obra a que o PS tinha dado início. E eram tantos. Era o primeiro-ministro, que trouxe consigo a ministra da tutela e também o ministro das Finanças. Mal se via e não prestou declarações, mas estava lá também o novo CEO do SNS. Um pouco em plano mais recuado, por vezes mesmo escondido, caminhava o Presidente da República, que tinha sido convidado. Não parecia muito feliz. Feliz ficou ele quando um jornalista o informou que um ciclista português tinha acabado de ganhar uma medalha de prata. Aí, sim, o nosso Presidente empolgou-se.

Na maternidade agora inaugurada faltava o equipamento, coisa sem importância. Compra-se e coloca-se no sítio. O que não se pode comprar são os médicos que, talvez por não haver de sobra, na versão de uma médica da MAC, já andam a ser aliciados para mudar de poiso, deixando assim desfalcado o quadro daquela maternidade. Quando a manta é curta... É como quem diz: "Tira-se dum bolso e põe-se no outro."

José Rebelo, Caparica



Há uma concertação antiga do PS e PSD para esvaziar o SNS e oferecer a sua nata aos hospitais privados do negócio. Está em marcha um SNS para indigentes! Os hospitais privados respondem aos accionistas, o SNS responde aos doentes

Vítor Colaço Santos
São João das Lampas

"Ai, mourir por toi"

Quando D. Miguel de Unamuno, o inesquecível e corajoso reitor da universidade de Salamanca, disse e escreveu que Portugal era um país de suicidas, certamente não teve em conta aqueles e aquelas que morriam de amor pelos outros, pelas causas ou a pátria. Quem não se esqueceu dessas criaturas com a alma a transbordar de convictos sentimentos e afectos foi o cantor

ZOOM ESTADOS UNIDOS

MICHAEL REYNOLDS/EPA



Clientes passam por decorações de Halloween à venda numa loja Costco em Washington. Dados oficiais mostram uma queda nos novos pedidos de desemprego, o que levou o S&P 500 a registar o seu melhor dia desde 2022

Charles Aznavour que nos deixou um vastíssimo legado donde emerge a celebre "*Ai, mourir pour toi*" que a minha geração cantou até à exaustão.

Não há muitos anos houve gente, muita gente, que morreu supostamente feliz durante um confortável banho quente, não sei se a cantar, mas cujos vapores os adormeciam num sono sem retorno. Agora, recentemente, do mesmo lugar onde há dois mil anos um homem magricelas, cabelos hirsutos e barbicha descuidada correndo riscos se atreveu a dizer que éramos todos iguais, chegam notícias preocupantes que há quem recomende e recupere do passado a morte por falta de pão!

Para além de tudo que nos entristece e tira o sono, o que é insuportável é o silêncio cobarde da civilização.

José Manuel Pavão, Porto

Adão e Silva e a alegria

Pedro Adão e Silva, ex-ministro da Cultura, considera que a entrada em cena de Tim Walz na campanha presidencial norte-americana fez multiplicar a alegria. Somando a isso o eterno sorriso de Kamala Harris, a campanha democrata dá ideia que vivemos num mundo onde impera a paz e a prosperidade, e a sociedade norte-americana é a mais feliz do universo. Mas não é a alegria que vai trazer a paz nas guerras da Ucrânia-Rússia e de Israel-Hamas. Não é a alegria que vai fazer reviver as mais de 14.000 crianças mortas em Gaza com armamento norte-americano. Enquanto a campanha alegre democrata continua, os palestinianos são massacrados. "Sei agora como nasceu a alegria/ quando a juventude não é uma lágrima...", escreveu Eugénio de Andrade.

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

PÚBLICO ERROU

No texto "Bienal de Cerveira homenageia Isabel Meyrelles e questiona a liberdade dos cidadãos" (edição de ontem), o PÚBLICO errou no nome de uma das curadoras, Mafalda Santos.

ESCRITO NA PEDRA

Não há outro inferno para o homem além da estupidez ou da maldade dos seus semelhantes
Marquês de Sade (1740-1814), escritor

O NÚMERO

20.000

O ministro da Educação, Fernando Alexandre, revelou ontem que no próximo ano lectivo haverá mais 20 mil alunos no básico e secundário

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

P

publico.pt



Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira,
Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

E será que se aprendeu alguma coisa?



Francisco Louçã

A finança-sombra já voltou a dominar a criação de crédito e o BES foi simplesmente substituído por outros agentes

Da primeira vez como tragédia, da segunda como farsa, desse modo ou doutro a reflexão histórica está povoada de metáforas sobre ciclos que repetem acontecimentos, tipologias de personagens e patologias várias. A vida económica não é excepção, e estou certo de que nos dez anos do colapso do BES florescerão úteis recapitulações jornalísticas e análises judiciosas sobre o maior império financeiro em Portugal no século XX, e muitas não deixarão de aceitar esse destino cíclico: enquanto houver bancos, haverá crises bancárias e escândalos a condizer. Lembrar-se-á assim que o Presidente Cavaco assegurava uns dias antes da falência que o banco era sólido, que Vítor Bento, chamado para uma tarefa impossível, constatou mais de 3,5 mil milhões de euros de prejuízo anual, que o governador do Banco de Portugal ignorou os alertas óbvios e que, uma vez declarada a resolução do banco, tanto o Governo como Carlos Costa vieram assegurar que a operação "não implica custos para o erário público".

Aquele retrato de manipulação de contas, de operações de biombo e de venda de produtos tóxicos aos clientes só pode ser compreendido no contexto de um monumento de incompetência ou adaptação por parte das autoridades, ou os dois. Eram demasiados os sinais – as "prendas" de Angola que levaram a uma tardia retificação da declaração de IRS de Ricardo Salgado, a luta entre accionistas familiares, a evidência de operações em cascata – para que esta incúria possa ser explicada por erros pueris.

Acresce que não faltaram as denúncias sobre casos concretos. Lembre-se quem lê estas linhas do caso dos submarinos, processados pela Escom, um dos tentáculos daquele império (os administradores receberam 16 milhões por esta operação e pagaram 5% de IRS, além de que uma parte do dinheiro faz parte de um mistério, onde é que já viu isto?). Em 2006, a polícia espanhola fez um *raid* no BES-Espanha numa investigação sobre branqueamento de capitais; em 2010 foi a *Operação Furacão* em Portugal. Lembre-se ainda de terem sido divulgadas as conclusões de um relatório do Congresso norte-americano que indiciava uma das sucursais do BES pela ocultação da fortuna que o ditador Pinochet tinha roubado no Chile (recebi a honra de um comunicado da administração do BES por essa revelação: "O Dr. Louçã tem uma estranha e patológica obsessão pelo Banco Espírito Santo. O Dr. Louçã mente de forma propositada quando diz que o Banco Espírito Santo 'oculta parte da fortuna de Pinochet'. O Banco Espírito Santo não tem qualquer relação financeira com Pinochet", se bem que se tenham descoberto os números das contas e os movimentos em causa) – isto foi em abril de 2009, cinco anos antes do colapso do BES. Ou seja, os governos e o Banco de Portugal sempre souberam. Sugiro então que houve sempre duas razões para que, mesmo sabendo do barril de pólvora que era o BES, o tivessem ignorado, esquecido ou ocultado.

A primeira razão é que as autoridades políticas e de supervisão entenderam que este era o funcionamento normal do sistema financeiro, que a produção de papéis tóxicos era "inovação financeira" e que vendas a descoberto ou seguros sobre fracassos em benefício do infrator eram boas práticas. Nesta via, nas últimas décadas do século XX, no auge da globalização financeira, este sistema multiplicou o milagre da alavancagem. Quando em 2008 o Lehman Brothers e o Bear Stearns faliram, os seus capitais próprios tinham uma relação de 30:1 e 33:1 para com os seus compromissos. Ou seja, uma mera quebra de 3% no valor de mercado eliminava todo o capital de cada uma das empresas, obrigando-as a reconhecer perdas e a procurar capital. Ora, este sistema foi favorecido pela desregulação, anunciada como o melhor dos mundos, era o prémio do mérito da aventura financeira. As almofadas de capital eram mínimas e dançava-se no fio da navalha. Como os bancos tendiam a ser cada vez mais alavancados, o risco era iminente.



Para as autoridades, esta forma de agir era não só tolerável como desejável e até elogiável. Ricardo Salgado não só era o dono disto tudo como merecia o trono e era homenageado



RITA CHANTRE

Na véspera da crise de 2008, o Deutsche Bank estava alavancado em 40:1, o mesmo que o banco franco-belga Dexia. O valor dos ativos do Dexia ou do belga Fortis (ambos nacionalizados na sequência do colapso) ultrapassava o PIB dos respetivos países. Deste modo, a alavancagem disponibilizava enormes oportunidades que exigiam a criação de instrumentos artificiosos para captarem poupanças e para alimentarem o circuito. A inflação de capital fictício foi por isso a principal característica do capitalismo florescente do dobrar do milénio. Em consequência, o setor financeiro foi dominado pela banca-sombra, que chegou a gerir mais crédito do que a banca tradicional. A grande crise de 2008 foi precisamente o colapso de um setor da finança-sombra, a especulação imobiliária nos Estados Unidos. Em Portugal, tudo isso era BES. Portanto, para as autoridades, esta forma de agir era não só tolerável como desejável e até elogiável. Era assim que devia ser, Ricardo Salgado não só era o dono disto tudo como merecia o trono e era homenageado pelo feito.

Houve, no entanto, uma segunda razão para a alegria com que as autoridades saudaram a especulação financeira em que o BES se destacou. Era o mais prosaico dos motivos: as próprias autoridades eram o BES. Em dois livros escritos com alguns colegas, *Os Donos de Portugal, 1910-2010* e *Os Burgueses*, e em que estudámos o perfil e o trajeto profissional de todos os governantes da democracia constitucional até ao XVII Governo, descobrimos sem surpresa que em todos os governos, com uma única excepção (o de Maria de Lourdes Pintasilgo), se sentaram representantes do BES no Conselho de Ministros. Em postos-chave na governação e através da sua influência na condução de operações financeiras fundamentais para os projetos públicos e privados, o BES reinava. Esse era mais um fundamento para que o Presidente, os governos e o Banco de Portugal não fechassem os olhos, antes acarinhassem e estimulassem o poder daquele império. Era a sua gente.

Resta concluir sobre a renovação do ciclo, constatando que para nenhuma destas doenças haverá remédio nas respostas atuais: a finança-sombra já voltou a dominar a criação de crédito e o BES foi simplesmente substituído por outros agentes, seja através do mecanismo da dívida pública externa, do BCE ou de outros controladores da nossa vida. *Back in business*.

Economista

A economia na ditadura: um texto e o contexto

Coluna do Provedor



José Alberto Lemos

Um leitor viu numa notícia acerca de um livro sobre a CUF "um panegírico da ditadura disfarçado de história económica"

A notícia ocupava uma página inteira da Economia do dia 26 de Junho, na edição impressa, e tinha como título: "Peso da CUF no PIB antes do 25 de Abril era o de quase quatro Autoeuropas".

Na entrada, dizia que o "império industrial desenvolvido por Alfredo da Silva valia mais do que os restantes seis grupos nacionais todos juntos" e, logo a abrir, o artigo explicava que a Companhia União Fabril (CUF) era o maior conglomerado português da época e o maior da Península Ibérica, representando 5,5% do produto interno bruto (PIB) e 1,7% do emprego. A Autoeuropa representa hoje 1,5%.

O grupo tinha cerca de 200 empresas espalhadas por 46 sectores, entre os quais o químico, naval, celulose, banca, seguros, turismo, agricultura, alimentação, e esteve na origem do complexo industrial de Sines e de hotéis como o do Alvor e da Penina, no Algarve. Em alguns destes sectores foi considerado pioneiro, graças à adopção de métodos tecnológicos avançados, mas também de formas de gestão mais eficientes.

Todos estes dados foi a notícia buscá-los a um livro intitulado *O impacto do grupo CUF na economia portuguesa em 1973*, da autoria de Luciano Amaral, professor da Nova School of Business and Economics (SBE), editado pela Fundação Amélia de Mello, criada em 1964 para "dar continuidade e reforçar a obra social do grupo CUF".

O livro fala da génese do grupo CUF, ainda no século XIX, mas analisa sobretudo o período de grande crescimento após a II Guerra Mundial, já que foi nas décadas de 1950/60 que se tornou um colosso económico. Um período de crescimento da economia portuguesa, de resto, que não se repetiu desde então. "Embalada por um crescimento do PIB *per capita* de 4% que vinha da década anterior, nos dez anos posteriores a 1960, a média subiu para os 7% e, entre 1969 e 1973, atingiu uma excepcional aceleração entre 10% e 11% nalguns anos", assinalava o artigo.

Nestas afirmações viu um leitor "um panegírico da ditadura disfarçado de história económica" e considerou "triste" que um jornal como o PÚBLICO, "de matriz pluralista e livre", o tenha publicado de "forma acrítica".

Francisco Alves Rito

Império industrial desenvolvido por Alfredo da Silva valia mais do que os restantes seis grupos nacionais todos juntos

Antes e depois da II Guerra



Em 1973, pouco antes de ser nacionalizado, o universo CUF integrava cerca de 200 empresas

Não sabemos o que

"É impossível analisar os grupos económicos do salazarismo, como a CUF, sem o enquadramento de que a economia funcionava com condicionamento industrial e na base de monopólios e concessões do Estado aos grupos económicos como a CUF e o grupo Champalimaud, e que cada grupo económico tinha um ou mais bancos para se financiar", protestou Jorge Teixeira.

Para este leitor, o artigo "não faz esse enquadramento, nem procura esses esclarecimentos por parte de ninguém, e passa assim a ser uma peça propagandística que vende um mito que se destina a desvalorizar o Portugal democrático, cuja economia é aberta e de mercado, ao contrário da economia fechada, mercantilista e corporativa do salazarismo e do marcelismo".

Por isso, não hesita em classificar a peça como "um péssimo trabalho do PÚBLICO a alimentar a cruzada dos saudosistas e do Chega. Lamentável!".

O provedor confrontou o autor do artigo com esta crítica contundente. Francisco Alves Rito começa por lembrar que "o artigo é específico sobre o estudo publicado agora, não é uma peça geral sobre a história ou o 25 de Abril. O estudo/livro retrata o percurso de um dos grupos económicos portugueses mais relevantes para a economia nacional num período particular da economia portuguesa e aborda também o enquadramento que o leitor refere. Além de vários outros aspectos que, por serem muitos e diversificados, não cabem num texto de uma página. O livro não foge a essa questão, pelo que não nos parece justa a afirmação de que se trata de 'um panegírico da ditadura disfarçado de história económica'. Não é assim que o apreciamos, até pela reputação do autor".

O jornalista invoca o percurso do autor do livro: "Luciano Amaral é um professor conceituado da Nova SBE e já não é o primeiro estudo que faz sobre a história e evolução da economia portuguesa, nomeadamente no livro *Economia Portuguesa – as Últimas Décadas*.

E reitera que "o artigo não pretende fazer a história sobre o 25 de Abril" e, tendo "um âmbito delimitado" e "estando identificado o promotor da publicação do livro, a Fundação Amélia de Mello", manifesta uma convicção: "Acredito que os leitores do PÚBLICO sabem relativizar e enquadrar este aspecto específico desse período no contexto geral do período histórico."

Posição algo divergente manifestou a subeditora da secção de Economia, em que saiu a peça. Isabel Aveiro foi muito lacónica, mas bastante clara: "O artigo deveria ter tido mais contexto, de facto, sobre a situação empresarial, económica e política de Portugal que levou à ascensão e desenvolvimento do grupo CUF antes do 25 de Abril. Da minha parte, só posso lamentar que a edição tenha permitido tal circunstância."

Tomem-se estas palavras como uma autocrítica, já que foi a própria que editou a secção no dia em causa, como assumiu junto do provedor. O facto de lamentar que "a edição tenha permitido" lacunas no contexto abordado pelo artigo dever-se-á a circunstancialismos do dia de trabalho que terão impedido que prestasse mais atenção ao seu teor. É, pelo menos, assim que o provedor interpreta a afirmação.

Esta divergência de olhares sobre o artigo entre autor e editora é simultaneamente curiosa e virtuosa. Porque espelha um olhar que incide mais sobre o texto e outro que incide mais sobre o contexto em que ele surge. Como sabemos, e o assunto é recorrente, em jornalismo é muito importante enquadrar, contextualizar, as questões, porque um jornal é lido por públicos diversificados e nem todos os leitores dispõem dos conhecimentos necessários para entender na plenitude as questões abordadas.

No capítulo dedicado à construção de notícias, a propósito de "*background* e incorporação própria da redacção", diz o Livro de Estilo do jornal: "O enquadramento noticioso e a interpretação dos factos apresentados em cada peça deverá incluir, sempre que possível, os respectivos antecedentes – o leitor não é obrigado a saber o que o jornalista tem como adquirido; o público são muitos públicos, com interesses e níveis de conhecimento distintos."

E, logo a seguir, acrescenta: "Princípio geral: escrever como se todos os leitores comprassem o jornal pela primeira vez na vida. O leitor não sabe e quer saber – mas é preciso que ele também compreenda. O leitor agradece que se lhe dê toda a informação útil sobre qualquer acontecimento."

Foi isto que faltou na peça em causa? Não totalmente. Apesar de ter lacunas, a notícia cita o prefácio do livro, escrito por outro economista, Vítor Bento, que assinala que "a economia e a sociedade melhoraram consideravelmente, com um PIB que é 2,5 vezes o de 1973, o ensino generalizado, a cobertura do sistema de saúde e o Estado social, que permitiram que a pobreza tenha sido praticamente eliminada". Um progresso visto como "incontornável", dada a integração de Portugal na União Europeia.

Teria sido útil, naturalmente, acrescentar que as taxas incomparáveis de crescimento económico registadas desde 1950 até à crise petrolífera de 1973 e o peso do então grupo CUF no PIB nacional não evitaram que o país continuasse a ter alguns dos piores índices mundiais em questões-chave como a esperança de vida, a mortalidade infantil, o analfabetismo, a pobreza, a subnutrição, a fome, a taxa de cobertura de saneamento, electricidade e água canalizada, etc. E, mais importante ainda neste contexto, a débil criação de emprego e a volumosa e persistente emigração. Ou acrescentar, como sugere o leitor, que naquela época a economia funcionava com condicionamento industrial e na base de monopólios e concessões do Estado a grupos económicos como a CUF.

Estas omissões fazem do artigo um "panegírico da ditadura disfarçado de história económica"; ou uma "peça propagandística que vende um mito que se destina a desvalorizar o Portugal democrático"; ou um "péssimo trabalho a alimentar a cruzada dos saudosistas e do Chega", como acusa o leitor?

É óbvio que não. Trata-se de extrapolações abusivas que as lacunas do artigo não caucionam. E que derivam de reacções emotivas ou exacerbação ideológica e não de uma leitura racional e ponderada da peça. Se o PÚBLICO fizesse panegíricos da ditadura, desvalorizasse o Portugal democrático ou alimentasse cruzadas de saudosistas do salazarismo não seria apenas um leitor a protestar, mas milhares. E que, rapidamente, deixariam de o ser.

Cinquenta anos após a queda da ditadura, há hoje um distanciamento histórico que permite abordar aspectos do regime sem que isso se confunda com a sua apologia. Mesmo que se cometam eventuais erros nessa abordagem.

provedor@publico.pt

Lojas fechadas aos domingos e feriados? Ainda não deverá ser desta vez

Partidos terão de discutir projecto de lei de cidadãos para encurtar horário de fecho de lojas para as 22h e encerramento ao domingo. PS e PSD têm sido contra

Maria Lopes

É um tema que, a espaços, tem ido ao Parlamento, seja a reboque de petições ou por proposta dos partidos mais à esquerda, Bloco e PCP. Mas o resultado tem sido sempre a rejeição do encerramento das grandes superfícies e das lojas dos centros comerciais aos domingos e feriados. O mesmo caminho arrisca levar o projecto de lei apresentado no âmbito de uma iniciativa legislativa de cidadãos (ILC) que ganhou espaço mediático há um mês: PSD, PS, IL e Chega deverão seguir o exemplo de como votaram há dois anos e chumbar a pretensão dos mais de 20 mil subscritores do diploma.

A larga maioria são trabalhadores do sector do comércio e pretendem que os estabelecimentos de venda ao público e de prestação de serviços, incluindo os localizados nos centros comerciais, possam estar abertos entre as 6h e as 22h de segunda-feira a sábado e encerrem aos domingos e feriados. "É uma reivindicação antiga destes trabalhadores; tem que haver um equilíbrio entre a vida familiar e social e a vida profissional e nesta área do comércio ele é muito escasso", afirma ao PÚBLICO a porta-voz da comissão representativa da ILC.

Márcia Barbosa, que é também membro da comissão executiva da direcção nacional do CESP, a associação sindical dos trabalhadores do comércio, escritórios e serviços, argumenta que a redução do horário, tornando-o mais regular, vai "tornar o sector mais atractivo para emprego". "Se é para ganhar o salário mínimo, há outras actividades que não exigem que se tenha horários rotativos, se trabalhe até à meia-noite e se abdique dos domingos com a família." A sindicalista acredita que o encerramento ao domingo não vai levar ao despedimento de trabalhadores: actualmente, para sustentar um horário alargado ao domingo, "há bancos de horas e o regime de adaptabilidade que obrigam a trabalho gratuito de duas horas por dia", descreve Márcia Barbosa.

Que acrescenta até argumentos ambientais para a redução do horário de fecho dos centros comerciais das 23h ou 24h (consoante o dia da semana) para as 22h: a essas horas há muito menos clientes mas há custos com salários, luzes, ar condicionado, segurança.

Se a maioria dos partidos não parece aberta à restrição, a CCP – Confederação do Comércio e Serviços de Portugal e a APED – Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição também se opõem, mas já houve pelo menos uma voz do retalho que assumiu ser "favorável" a que o sector encerre todo ao domingo. Pedro Subtil, líder do grupo Mosqueteiros, que detém as marcas Intermarché, Bricomarché e Roady, admitiu na passada semana ao *Jornal Económico* que a tendência é "vantajosa" para as empresas e para as famílias. Márcia Barbosa conta que o CESP tem recebido apoio para esta medida de várias associações de comércio tradicional.

A abertura das grandes superfícies ao domingo foi permitida a partir de meados dos anos 90 a espaços com mais de 2000m2, embora apenas até às 13h, pelo executivo de António Guterres, numa solução de compromisso entre os interesses da grande distribuição e do pequeno comércio. Em Outubro de 2010, essa permissão foi alargada até às 24h, com José Sócrates, dando aos municípios poder para fazerem a regulação. Desde então o Parlamento dis-



Iniciativa pretende que grandes superfícies passem a encerrar ao domingo

Facilitação de regras aumentou participação legislativa dos eleitores

Depois de entre 2003 e 2015 terem sido apresentadas apenas cinco iniciativas legislativas de cidadãos (ILC), a mudança das regras no final de 2016 fez com que o recurso a este instrumento aumentasse significativamente. Das 35 mil assinaturas de eleitores em papel necessárias até então para entregar uma ILC sob a forma de projecto de lei na Assembleia da República, a exigência baixou para 20 mil e o processo passou a poder ser digital, e estas iniciativas ganharam algum fôlego. Desde 2017 contam-se já 14 ILC, incluindo esta última, referente à restrição do horário do comércio, e várias propostas apresentadas acabaram mesmo por se tornar leis.

Na passada legislatura (2022-2024) foram entregues duas iniciativas: a que pretendia instituir o dia 16 de Maio como o Dia do Portugal Activo acabou por caducar porque lhe faltavam cerca de 250 subscritores e os promotores não os acrescentaram; e outra para o alargamento da licença parental inicial para 180 dias ou 210 dias seguidos que se encontra no gabinete do presidente da Assembleia da República (AR).

Na legislatura que lhe antecedeu, entre 2019 e 2022, houve sete iniciativas que deram origem a três leis. A mais mediática foi a que autorizou a inseminação de mulheres com material genético de companheiros já mortos, iniciativa promovida por uma cidadã do Porto que, entretanto, já conseguiu ser mãe; mas houve outra com especial impacto no ensino superior ao permitir aos institutos politécnicos adoptarem a designação de universidade politécnica e concederem doutoramentos. E ainda uma terceira que estabeleceu a carreira especial e o regime remuneratório de técnico superior das áreas de diagnóstico e terapêutica.

Das restantes iniciativas, a do Dia do Portugal Activo não tinha assinaturas suficientes; a da nacionalização dos CTT foi retirada pelos proponentes; a proibição de corridas de cães foi chumbada; e a inclusão de medidas de resgate animal no Plano Nacional de Emergência da Protecção Civil caducou.

Na legislatura anterior, quando as regras mudaram a reboque de uma petição, os professores foram os primeiros a ter uma iniciativa, mas a exigência da recuperação total do tempo de serviço congelado acabou chumbada. As restantes também não vingaram. **M.L.**

DANIEL ROCHA



cutiu várias vezes a limitação horária, tendo tido a última, em Outubro de 2022, base numa petição com 81 mil assinaturas e com projectos do BE e do PCP, que foram chumbados pelos votos contra do PS, PSD, Chega e IL.

Os argumentos dos dois lados da barricada não terão mudado assim tanto (apesar de o PS ter mudado de líder), pelo que o desfecho também não deverá agora ser diferente. Os liberais afirmam que se mantêm contra, e os dois maiores partidos não se querem já comprometer: como o projecto de lei entrou quando os trabalhos parlamentares estavam quase a ser interrompidos para as férias de Verão, o assunto ainda não foi analisado no PS; no PSD, o vice-presidente do grupo parlamentar João Vale e Azevedo afirma que os deputados sociais-democratas querem recolher "o máximo de informação e opiniões para enquadrar a sua posição" e recusa "adicionar ruído".

Mas, segundo as informações recolhidas pelo PÚBLICO, tanto PS como PSD deverão continuar a opor-se à iniciativa.

Em 2022, no parecer que enviou ao Parlamento com uma súmula sobre as regras e horários de funcionamento do comércio no resto da Europa, a CCP realçava que Portugal tem "uma das maiores janelas horárias de funcionamento" das lojas e defendia ser preciso analisar as "tendências de evolução do comércio".

Lembrava a expansão dos supermercados de pequena e média dimensão nos centros urbanos, as lojas com novos conceitos e orientadas para o turismo e o crescimento do comércio electrónico. E defendia não se justificar que se fixem horários em função de conceitos, ou seja, por serem lojas de rua ou em centro comercial.

Nessa comparação a nível europeu, percebe-se que as lojas estão fechadas ao domingo na Áustria, República Checa e Polónia. O encerramento é a regra noutros países, mas com pequenas excepções em algumas áreas de actividade ou em horário parcial, como nos casos da Bélgica, Alemanha, Espanha (restauração), França, Grécia, Hungria, Islândia, Luxemburgo, Países Baixos e Noruega.

PS e BE querem explicações do ministro da Educação após novos contratos de associação

Joana Mesquita

Em causa decisão do Governo de celebrar novos contratos de associação com colégios privados e de aumentar o financiamento

A decisão do Governo da Aliança Democrática (AD) de celebrar novos contratos de associação com os colégios privados e de aumentar o seu financiamento reabre uma nova cisão entre partidos da esquerda e o executivo apoiado no Parlamento por PSD e CDS. Ontem, o Partido Socialista questionou o ministro sobre a medida que compromete a "qualidade da educação pública em Portugal". E o Bloco de Esquerda apresentou um requerimento para ouvir com urgência Fernando Alexandre, ministro da Educação, Inovação e Ciência na Comissão de Educação e Ciência.

O anúncio foi feito, na quinta-feira, pelo ministro da Presidência, António Leitão Amaro, em conferência de imprensa depois do Conselho de Ministros. No próximo ano lectivo, juntam-se às 203 turmas já financiadas pelo Estado, mais quatro, passando a existir 207 turmas em colégios privados totalmente pagas pelo Estado. Também a verba por turma e por ano escolar sobe de 80 para 86 mil euros, um aumento de cerca de 7%.

Bloco e PS não gostaram. Os bloquistas apresentaram mesmo um requerimento à presidente da Comissão de Educação e Ciência, a deputada do Chega Manuela Tender, para que o ministro Fernando Alexandre seja ouvido com urgência em sede de inquérito, para explicar "que rumo o Governo pretende para a Educação", lê-se na iniciativa do BE.

Acusando o executivo de estar a "dar um sinal de retrocesso na política de educação" e de "seguir um rumo oposto ao do reforço da escola pública", os bloquistas exigem ao responsável pela Educação que esclareça "este posicionamento do Governo na contramão das grandes linhas da política educativa previstas na Constituição da República Portuguesa".

Também o PS quer que Fernando Alexandre esclareça a decisão que, para os socialistas, compromete a "qualidade da educação pública em Portugal através do desvio de recursos públicos de forma inadequada", indica o partido em nota de imprensa.

A celebração de contratos de associação com os privados depende da não existência de oferta pública na região. Quando tal acontece, o Estado garante ensino gratuito aos alunos, custeando a sua frequência numa instituição privada.

É nesse sentido que, para os socialistas, a medida da AD pode violar a lei, já que o Governo não apresentou nenhum estudo "que comprove a falta de oferta pública nas áreas abrangidas por esta resolução". Por isso mesmo, o PS "exige" ao executivo que "apresente um estudo detalhado que justifique a necessidade de financiar os contratos de associação com base na carência de oferta pública e uma avaliação que sustente o aumento do financiamento por turma".

Eufemismo

Ao anunciar a medida, Leitão Amaro terá apontado ao reforço da "complementaridade da oferta pública e privada". Um "eufemismo", considerou Alexandra Leitão, líder parlamentar do PS, numa publicação na rede social X, para "descapitalização da escola pública em benefício dos privados". "Privatizar serviços públicos e aumentar a desigualdade no acesso: uma assinatura dos governos PSD-CDS", escreveu. Na mesma publicação, Alexandra Leitão lembrou precisamente a lei para dizer que esta "não adopta a solução da 'complementaridade'".

> **Privatizar serviços e aumentar a desigualdade no acesso: uma assinatura dos governos PSD-CDS**
>
> **Alexandra Leitão**
> Líder parlamentar do PS

O tema é relevante para Alexandra Leitão, que foi secretária de Estado da Educação no Governo socialista que voltou a impor como condição necessária para a celebração dos contratos de associação a carência de escolas públicas na zona, baseando a decisão na Lei de Bases do Ensino Particular e Cooperativo, de 1979, em que se refere que deve ser dada prioridade a contratos "com estabelecimentos que se localizem em áreas carenciadas da rede pública escolar".

Em 2013, PSD e CDS, então os partidos do Governo, deixaram cair a necessidade de carência de oferta pública no novo Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo. No entanto, como o estatuto do ensino particular foi aprovado por decreto-lei, não pode modificar uma lei que lhe é anterior por constituir reserva legislativa do Parlamento e, por isso, a Lei de Bases do Ensino Particular e Cooperativo manteve-se em vigor.

Em Maio de 2016, quando António Costa tinha chegado há pouco mais de seis meses a São Bento, o Ministério da Educação, então tutelado por Tiago Brandão Rodrigues, defendeu que os contratos celebrados em 2015, baseados no novo estatuto, eram ilegais e anunciou cortes no financiamento a colégios privados.

A contestação foi forte e a 16 de Maio um mar de gente inundou o largo em frente da Assembleia da República para protestar contra a decisão do executivo. Um dia depois, Alexandra Leitão deu o assunto por "encerrado", depois de um parecer da Procuradoria-Geral da República corroborar a posição do Governo. A alteração foi significativa: de 1624 turmas financiadas em 2015 passou-se para 534.

DANIEL ROCHA



Alexandra Leitão critica escolhas do Governo para a educação

Governo suspende alargamento dos manuais digitais para avaliar impacto

Ministério da Educação trava acesso de novas turmas do 1.º ciclo e do secundário ao projecto-piloto que está em vigor há quatro anos. Será feito um estudo para aferir resultados na aprendizagem dos alunos

Cristiana Faria Moreira

No próximo ano lectivo, o Ministério da Educação não vai alargar o projecto-piloto dos manuais digitais a mais turmas do 1.º ciclo e do ensino secundário, já que quer avaliar o seu impacto na aprendizagem dos alunos. Assim, este projecto-piloto, que vem sendo implementado desde há quatro anos, vai manter-se "nos mesmos moldes para turmas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico" (do 5.º ao 9.º ano) e será suspensa a integração de novas turmas nos restantes níveis de ensino, avançou o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) em resposta a questões do PÚBLICO.

Assim, o projecto-piloto prossegue para os cerca de 24 mil alunos que já aprendiam com manuais digitais no ano lectivo passado. A perspectiva é que sejam incluídas mais turmas do 5.º ao 9.º, mas a tutela não tem ainda dados finais sobre as novas adesões.

O projecto arrancou no ano lectivo 2020/2021, em nove agrupamentos escolares, abrangendo 48 turmas, 1050 alunos e 213 docentes. No ano lectivo seguinte, o seu alcance mais do que triplicou, chegando a 24 agrupamentos, 189 turmas, 3753 alunos e 1034 professores.

Em 2022/2023 envolveu 11.437 alunos, de 575 turmas, de 68 agrupamentos e no ano que agora termina chegou a 24.011 estudantes de 1168 turmas, de 103 agrupamentos.

"O projecto vai entrar em 2024/2025 no seu quinto ano lectivo, ainda em piloto, sem que tenha sido avaliado o seu impacto na aprendizagem dos alunos, existindo apenas resultados de questionários a alunos, professores e directores. Nesse sentido, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação vai solicitar um estudo de avaliação de impacto para tomar uma decisão sobre o projecto baseada em evidência para o ano lectivo 2025/2026 e seguintes", refere o ministério. Este ano, do total de alunos que nele participaram, 8,4% eram do 1.º ciclo (3.º e 4.º anos), 28,5% eram do 2.º ciclo, 46,8% eram do 3.º ciclo e 16,3% eram do ensino secundário.

Não são consensuais

A adopção de manuais digitais não gera consenso na comunidade educativa. E deu, inclusive, origem a uma petição pública, promovida pelo Movimento Menos Ecrãs, Mais Vida, pelo fim imediato do projecto-piloto.

Nesse documento, entregue na Assembleia da República em Abril e posteriormente discutido na Comissão de Educação, os autores argumentam que o projecto "foi imposto a crianças já altamente penalizadas devido à pandemia e aos confinamentos, em que o ensino à distância deixou manifestamente profundas lacunas nas aprendizagens". Entre muitos outros aspectos, apontam as conclusões "unânimes" dos estudos científicos a comprovar "a superioridade do papel e da escrita nas aprendizagens" e a constatação dos efeitos negativos na capacidade de leitura e de retenção de conhecimento quando os ecrãs substituem os livros.

O Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos, em Vila Nova de Gaia, prepara-se para entrar no terceiro ano do projecto-piloto, mantendo as oito turmas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico (do 5.º ao 8.º anos de escolaridade) que já nele participavam no último ano escolar. Para o próximo ano, o director, que é também o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos Escolares, Filinto Lima, decidiu também não incluir mais turmas.

"Temos continuidade, mas é o momento certo para fazermos um balanço e perceber o caminho que temos de trilhar. Não poderá ser um caminho híbrido, em que temos textos no digital e cadernos de exercício em papel? É um momento de reflexão para depois em 2025/2026 decidirmos se seguimos com os mesmos instrumentos ou não." Por agora, não consegue fazer uma avaliação do impacto que os manuais digitais têm tido nas aprendizagens, mas nota que alguns pais têm dificuldade em conseguir acompanhar e ajudar os filhos.

Por isso, à semelhança do que pretende fazer na sua escola, acredita que este é o momento certo para o Governo avaliar o projecto, sem esquecer os computadores e a cobertura da rede de internet que ainda não chegam a todos os alunos. "Começámos a construir a casa pelo telhado, mas esquecemo-nos de pilares, como os computadores ou a rede de *wi-fi*. As salas de aula não estão dotadas de fichas para ligar à corrente. Há um conjunto de pormenores a que é importante ligar. As escolas não podem escamotear o digital, não devemos é entrar a toda a pressa", considera Filinto Lima.

Para o professor da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, João Lopes, esta decisão é uma boa notícia, sobretudo no que respeita ao 1.º ciclo, e vai em linha com o que vários estudos têm concluído. "Internacionalmente há uns oito anos, dez anos, surgiu uma série de estudos que, no essencial, mostra que a compreensão de textos impressos é significativamente superior à compreensão em formato digital. Esta vantagem verifica-se, sobretudo, em textos informativos, como é o caso dos manuais escolares, e é independente da faixa etária, do nível de escolaridade, da extensão dos textos e do tipo de questões que se colocam", nota João Lopes. Essa vantagem do impresso poderá justificar-se, por um lado, pela forma como utilizamos os dispositivos digitais e pela pouca paciência que temos em estar numa página de internet mais do que uns segundos e, por outro, pela leitura na diagonal que fazemos dela. No caso dos alunos mais jovens, colocam-se ainda outras questões com a escrita.

FOTOS: DANIEL ROCHA





Projecto-piloto prossegue para os cerca de 24 mil alunos que já aprendiam com manuais digitais no ano lectivo passado

Mais 20 mil alunos inscritos nas escolas

O ministro da Educação, Fernando Alexandre, disse ontem que no próximo ano lectivo haverá mais 20 mil alunos no básico e secundário, o que constitui um "desafio" para as escolas. "Foi uma surpresa. Vivemos um período demográfico muito difícil nas últimas décadas, mas nos últimos anos tivemos influxo de população estudantil. Para o ano vamos ter mais 20.000 alunos no básico e secundário. Obviamente cria desafios, mas são problemas bons. Temos de atrair novos professores para a docência", disse, no Porto, onde revelou que os professores reformados que aceitem voltar à escola para dar aulas somarão à reforma entre 1200 e 1300 euros, o equivalente à remuneração-base quando iniciam actividade (corresponde ao primeiro escalão da carreira).

Leviandade, vingança e preconceito: Pinho recorre de condenação atacando justiça

Ana Henriques

Defesa de antigo ministro diz que juízes mostraram falta de rigor e que actuação do Ministério Público foi vingativa

Condenado a dez anos de cadeia por se ter deixado corromper pelo banqueiro Ricardo Salgado, o antigo ministro da Economia Manuel Pinho recorreu da sentença. Elaborado pelo advogado Ricardo Sá Fernandes, o extenso recurso que irá agora ser apreciado pelo Tribunal da Relação de Lisboa refuta ponto por ponto o raciocínio seguido pelos juízes de primeira instância, que são acusados de terem sido levianos, preconceituosos e também de falta de rigor intelectual.

No que diz respeito a alguns incidentes que rodearam a fase de investigação do processo, a defesa do antigo governante socialista fala numa justiça "vingativa e iníqua", ansiosa por "fazer pagar os arguidos por responsabilidades que não têm".

O ministro que teve de se demitir depois de ter feito "corninhos" numa discussão parlamentar com o deputado comunista Bernardino Soares foi sentenciado em Junho por ter sido pago para favorecer os negócios do Grupo Espírito Santo. Em causa está a atribuição do selo de Projecto de Interesse Nacional (PIN) a vários empreendimentos turísticos e imobiliários do grupo liderado por Ricardo Salgado, como a Herdade da Comporta e o Loteamento do Pinheirinho.

Através de uma *offshore* sediada no Panamá que criou para o efeito com a mulher, a Tartaruga Foundation, o antigo ministro recebeu meio milhão de euros em Abril de 2005, verba a que acresceu o pagamento mensal, entre Maio de 2005 e Junho de 2012, de uma avença no valor mensal de 15 mil euros. Pagamentos que sempre explicou dizendo que se reportavam quer a prémios de produtividade como administrador do BES, quer a salários a que tinha direito enquanto administrador do BES África, função que assumiu já depois de se demitir do Governo.

Foi também após deixar o executivo, em 2010, que encabeçou a candidatura de Portugal à organização do torneio de golfe Ryder Cup, que se veio a realizar oito anos depois precisamente na Herdade da Comporta.

Terá também favorecido o Grupo Espírito Santo quando despachou, alegadamente em tempo recorde, a pretensão das Águas do Vimeiro, empresa gerida pelo irmão de Ricardo Salgado, para alargar a área da concessão, por forma a abranger novos pontos de captação.

A reversão em 2006, por Manuel Pinho, de uma decisão da Autoridade da Concorrência para que a Brisa pudesse adquirir a concessão das Auto-estradas do Atlântico, apesar da concentração decorrente das concessões de que já era titular, foi igualmente considerada um acto criminoso pela justiça. Aqui, a ligação ao BES advirá do facto de este banco ser na altura credor da Brisa.


DANIEL ROCHA

Manuel Pinho foi condenado a dez anos de prisão no caso EDP

A defesa do antigo ministro é particularmente agreste neste ponto. "Impressiona, pela falta do rigor intelectual que se esperaria do tribunal, que tenham sido ignorados os termos concretos em que Manuel Pinho justificou o interesse nacional que o levou a dar provimento ao recurso da Brisa, empresa que não dependia financeiramente do BES/GES", pode ler-se no recurso agora apresentado, que classifica ainda como "maliciosas e infundadas as insinuações" dos juízes de que o advogado António Vitorino e a consultora Roland Berger teriam dado apoio a Pinho nesta matéria, porque "já estariam 'feitos' com a Brisa".

"É particularmente chocante (e até leviano) que o tribunal tenha afirmado, sem qualquer prova, que a Roland Berger deu esse apoio [gratuito] ao ministro da Economia apenas porque perspectivava voltar a prestar consultadoria à Brisa", ataca Ricardo Sá Fernandes.

Só admite fraude fiscal

No que respeita às imputações feitas ao seu cliente relativamente ao favorecimento dos projectos imobiliários, o advogado classifica-as como infundadas, surpreendentes e mesmo ridículas, garantindo que o arguido nunca interferiu nesse sentido. "Só um inaceitável e lamentável préjuízo do tribunal pode ter levado a tão despropositado juízo", lamenta. Para logo atacar também o Ministério Público, segundo o qual a criação dos PIN correspondeu a um plano destinado a ultrapassar condicionamentos legais a nível do urbanismo e do ambiente.

"Os magistrados que subscrevem a acusação – e quaisquer pessoas – podem não gostar, por razões atinentes às suas preferências ou opções políticas, do modelo dos projectos PIN. Mas deviam abster-se de lhes atribuir uma intenção fraudulenta, pondo em causa os governos da República, democraticamente escolhidos nos últimos 20 anos", observa Sá Fernandes, para quem as conclusões a que chegaram os juízes nesta matéria são "ilógicas e inverosímeis". A defesa de Manuel Pinho dedica depois um dos capítulos do recurso à enumeração das decisões tomadas pelo então ministro contra os interesses do grupo de Ricardo Salgado, igualmente condenado neste processo por corrupção activa.

O antigo governante foi sentenciado por dois crimes de corrupção passiva, um de fraude fiscal e um crime de branqueamento. Apenas admite a fraude fiscal, quando escondeu pagamentos do Grupo Espírito Santo na *offshore* do Panamá. Mas alega que isso era prática corrente no grupo liderado por Ricardo Salgado e que, como regularizou a situação em 2013, preenchendo uma nova declaração de IRS, já não lhe podem ser assacadas responsabilidades criminais nesta matéria.

Portal das Matrículas aberto para inscrições no pré-escolar

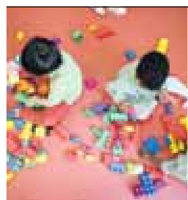
Clara Viana

As famílias que não matricularam os seus filhos na educação pré-escolar ainda o podem fazer, apesar de o prazo para estas inscrições ter terminado a 15 de Maio. A garantia foi dada pelo secretário de Estado da Administração e Inovação Educativa, Pedro Cunha, durante uma reunião na quinta-feira com a Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos de Ensino Particular (ACPEEP), adiantou ao PÚBLICO a sua presidente. Segundo Susana Baptista, o governante informou a este respeito que "o Portal das Matrículas está aberto", salientando que as famílias que não matricularam os filhos no prazo legal (15 de Abril a 15 de Maio) "deverão" fazê-lo agora.

A inscrição no Portal das Matrículas apenas abrange os estabelecimentos de ensino públicos, mas é uma das condições para garantir a frequência gratuita no sector solidário ou no ensino particular, no caso de não haver vaga no público. A gratuitidade abrange as crianças que completem três anos entre Setembro e Dezembro e tenham sido beneficiárias do programa Creche Feliz, lançado em 2021.

O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) já informou que 20.262 crianças aguardam ainda colocação na educação pré-escolar, das quais 8237 têm três anos. A três semanas da abertura do ano lectivo, o MECI está à procura de soluções para criar mais vagas na rede pública que se juntem às "103 novas salas" já garantidas em concelhos com maior pressão (Lisboa, Sintra e Seixal).

Em declarações aos jornalistas, o ministro da Educação indicou que se reuniu na quinta-feira "com três câmaras da Área Metropolitana da Lisboa" para discutir a possibilidade de se reorganizar salas e garantir mais lugares. Em causa podem estar salas que foram atribuídas a associações de pais e outras actividades em datas anteriores, já que agora as instruções são para que todos se centrem nas actividades lectivas. Este trabalho está também a ser feito com o sector social, confirmou ao PÚBLICO o presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), Lino Maia. "A prioridade é para encontrar salas", referiu, admitindo que será "difícil". "Várias salas que estavam disponíveis no pré-escolar passaram há um ano para a valência creche, dada a procura do Creche Feliz." "Outra hipótese em cima da mesa é a de aumentar a capacidade por sala", disse. Por lei não são permitidas, actualmente, mais de 25 crianças por sala.



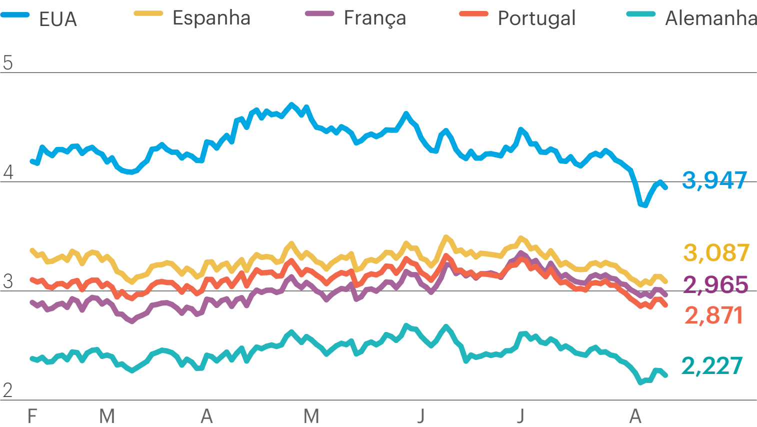
Caso não haja resposta na rede pública ou social da freguesia, Governo admite recorrer aos privados

Na semana passada, o Governo garantiu que, "caso não haja resposta na rede pública ou no sector social e solidário da freguesia onde se situa o estabelecimento de ensino, a transição para a educação pré-escolar no sector privado será considerada como uma solução subsidiária".

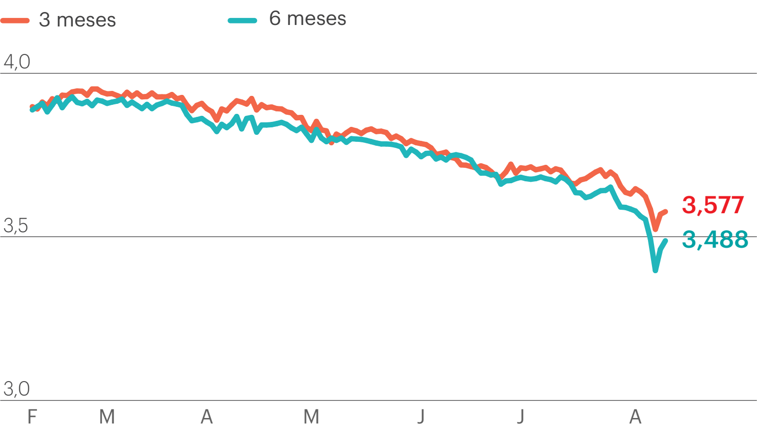
Se não for possível assegurar uma destas alternativas, as crianças do Creche Feliz poderão "excepcionalmente continuar a frequentar a creche". "Serão poucos os privados com capacidade para assegurar esta permanência", admite Susana Batista, especificando que ainda desconhecem qual o valor que o Governo se propõe pagar por criança, nem quantas vagas serão precisas, nem se a gratuitidade é total ou se só abrange a componente pedagógica".

Juros com trajectória descendente

Taxas de juro da dívida pública a 10 anos
2024, em %



Taxa de juro Euribor
2024, em %



Fonte: Reuters PÚBLICO



Stress nas bolsas abre a porta a um corte mais rápido dos juros

Mais desconfiados quanto à possibilidade de a economia conseguir uma aterragem suave, os investidores estão a apostar em que os bancos centrais terão de agir mais rápido do que esperavam

Sérgio Aníbal

Depois de uma semana marcada pelo medo de uma recessão na economia mundial e pela ameaça de nova crise nos mercados financeiros, as famílias e empresas que têm prestações de crédito a pagar ficaram pelo menos com um motivo para se animarem: aumentou também nos mercados a perspectiva de uma descida das taxas de juro mais rápida do que era esperado. Ainda assim, alertam os analistas, a incerteza é grande demais para que o rumo a adoptar pelos bancos centrais esteja já definido.

Os sinais de que alguma coisa tinha mudado nas expectativas relativamente à economia mundial surgiram na segunda-feira. Depois de, no final da semana anterior, terem sido conhecidos dados do emprego nos EUA mais negativos do que o esperado, as bolsas mundiais tiveram um dia para esquecer, começando com uma queda abrupta de 12,4% no principal índice de Tóquio, a que se seguiram descidas em torno de 2% nas bolsas europeias e de 3% nos EUA.

O que causou as quedas no valor das acções foi, explicaram os analistas, a combinação da perspectiva de subida das taxas de juro no Japão com o medo de uma recessão mundial trazido pelos dados dos EUA.

Depois de algumas tentativas de acalmar os investidores por parte dos responsáveis dos bancos centrais, os mercados começaram uma recuperação. E, nos dias seguintes, os índices bolsistas recuperaram a maioria do terreno perdido.

Todavia, o ambiente foi, durante toda a semana, de nervosismo e grande volatilidade nas cotações, com os investidores a darem uma atenção redobrada a qualquer novo indicador económico divulgado nos EUA, à procura de sinais de força ou de fraqueza dados pela economia.

Depois desta semana atribulada, a expectativa passou a ser a de que os bancos centrais, em resposta aos receios de recessão e à turbulência dos mercados, irão ter de acelerar o processo de descida de taxas de juro que, até agora, vinha sendo feito com todos os cuidados.

São vários os indicadores que mostram esta mudança nas expectativas. Em primeiro lugar, aqueles que revelam, através de cotações, a aposta dos investidores na evolução das taxas de juro dos bancos centrais.

Se na semana anterior se apontava para um corte de 0,5 pontos percentuais nas taxas de referência da Reserva Federal (Fed) até ao final do ano, agora esse valor encontra-se próximo de um ponto percentual. No que diz respeito ao BCE, os investidores passaram de uma aposta média de um pouco menos de dois cortes de 0,25 pontos percentuais até ao final do ano para mais de três cortes.

Euribor e dívida pública

Outros indicadores que podem servir de referência são as taxas de juro praticadas pelos mercados, que de alguma forma tentam antecipar aquilo que os bancos centrais irão fazer.

As taxas Euribor, que revelam os juros médios praticados nos contratos de crédito de muito curto prazo e que servem de referência para as taxas de juro dos empréstimos a taxa variável na zona euro, registaram entre 1 e 6 de Agosto uma descida de mais de 0,1 pontos percentuais, que a partir de metade desta semana foi apenas parcialmente recuperada.

Já nas taxas de juro da dívida pública dos países da zona euro, assistiu-se também a uma aceleração da tendência de descida, mas com uma subida a registar-se nos últimos dias, o que manteve as taxas de juro da dívida a 10 anos portuguesa ligeiramente abaixo dos 3%.

Mas se nos mercados os sinais prevalecentes são de uma expectativa de uma descida mais rápida das taxas de juro, também é verdade que muitos analistas alertam para a incerteza que

EUROPEAN CENTRAL BANK/REUTERS



Há grandes expectativas sobre qual será o comportamento dos bancos centrais

ainda existe relativamente à forma como irão evoluir as economias e condicionar os bancos centrais.

Miguel Faria e Castro, economista na Reserva Federal de St. Louis considera que será preciso uma confirmação de maior fraqueza na economia para ter a certeza de que as autoridades monetárias irão cortar taxas de juro mais rapidamente – uma opinião pessoal, que não vincula a Fed.

"Há alguns sinais de desaceleração, mas a economia ainda está bastante quente para padrões históricos, e a inflação ainda acima do alvo", afirma o economista português, que considera que os responsáveis da Fed "ainda vão precisar de confirmação de que há mesmo fraqueza e que inflação está claramente em trajectória para o alvo e para descer de forma rápida". "A turbulência pareceu ser muito pontual e causada por factores externos, como a política monetária japonesa; logo não me parece que para já seja um factor com muito peso nas decisões", acrescenta ainda.

Já no que diz respeito ao BCE, Miguel Faria e Castro tem uma visão um pouco diferente, afirmando que "há mais sinais de fraqueza na economia europeia, principalmente na alemã", o que pode apontar para uma descida mais rápida das taxas de juro. No entanto, "tem de haver alguma sintonia nos movimentos dos juros dos dois lados do Atlântico para evitar grandes flutuações de taxas de câmbio e de outros indicadores macro".

Outros economistas, embora também inseguros em relação ao rumo que irá ser seguido pelas economias, salientam que a instabilidade sentida agora nos mercados torna mais desafiante a concretização de uma aterragem suave tanto nos EUA como na Europa. Em termos económicos, uma aterragem suave acontece quando, após ter subido as taxas de juro para combater a inflação, o banco central consegue, depois de atingido o seu objectivo de estabilidade de preços, evitar uma entrada em recessão.

Matthew Luzzetti, que chefia a equipa do Deutsche Bank que analisa a economia norte-americana, por exemplo, salientou num relatório desta semana que, para o que irá acontecer à economia e ao rumo da política monetária, as condições nos mercados financeiros serão "cruciais". "Saber se os mercados estabilizam ou se voltam a revelar movimentos como os do início da semana pode revelar-se decisivo para determinar o resultado final registado pela economia", afirma.

Uma coisa é certa, os indicadores que venham a ser conhecidos nos próximos dias poderão desempenhar um papel fundamental no rumo futuro das taxas de juro, pelo impacto que poderão vir a ter no ambiente que se vive nos mercados. Nos EUA, a divulgação da taxa de inflação na próxima quarta-feira e os dados do comércio a retalho na quinta são os que geram neste momento mais expectativa.

Analistas alertam para a incerteza que ainda existe sobre como irão evoluir as economias

Nos EUA, a divulgação da taxa de inflação e dos dados do comércio a retalho está a gerar expectativa

Ferrovia

Greve na CP ainda sem impacto, poderá causar perturbações já hoje

A circulação de comboios decorreu ontem "dentro da normalidade", segundo a CP, no primeiro dia de uma greve marcada até dia 31 por dois sindicatos, que prevêem que a situação "se comece a complicar" a partir de hoje.

"Supressões, para já, não há. Há alguns atrasos, mas a partir de amanhã [sábado] é que as coisas se vão começar a complicar, porque vai ser necessário fazer a manutenção dos comboios", afirmou António Pereira, do Sindicato Independente Nacional dos Ferroviários (Sinfb), em declarações à agência Lusa.

Prevendo que durante o dia de sexta-feira a circulação ferroviária fosse "praticamente normal", o dirigente sindical explicou na manhã de ontem ser muito prematuro fazer um balanço" da paralisação, cujo impacto, por se tratar de uma greve ao trabalho extraordinário, "só se vai reflectir mais ao final do turno". "Aí os trabalhadores começam a deixar de fazer trabalho extraordinário, pode ficar já material circulante (comboios) com a revisão por fazer e começa a complicar-se a situação daí para a frente", sustentou.

Convocada pelo Sinfb e pelo Sindicato dos Trabalhadores do Metro e Ferroviários (Stmefe) para o período entre 9 e 31 de Agosto, a greve irá afectar o trabalho das oficinas da CP - Comboios de Portugal e incide sobre o trabalho extraordinário, com excepção do dia 15 de Agosto, em que será de 24 horas.

Contactada pela Lusa, fonte oficial da CP disse que, neste momento, "a circulação está a decorrer dentro da normalidade", não havendo registo de quaisquer supressões.

Num aviso publicado no seu *site*, a transportadora alerta, contudo, para a possibilidade de "perturbações pontuais na circulação" devido à greve, com especial incidência no dia 15 de Agosto.

"Informamos que, por motivo de greve convocada pelos sindicatos Sinfb e Stmefe, entre os dias 9 e 31 de Agosto de 2024, prevêem-se perturbações pontuais na circulação, podendo ser mais acentuadas no dia 15 de Agosto", refere.

A CP chegou a acordo, no mês passado, com 11 sindicatos, tendo sido desconvocada uma greve prevista para essa altura, mas as duas estruturas sindicais que convocaram a greve em curso não concordam com o que foi apresentado.

Em declarações à Lusa, António Pereira, do Sinfb, disse que o acordo que os restantes sindicatos assinaram "foi praticamente [igual ao] apresentado dois dias antes", indicando que, se não tinham acordado antes, também não o iam fazer naquela data. "Estamos a lutar pela majoração das carreiras. A empresa quer dar-nos mais trabalho com o mesmo dinheiro e nós não aceitamos de maneira nenhuma", assegurou.

A greve dos trabalhadores da CP, no final de Julho, foi suspensa depois de ter sido alcançado um acordo de princípio para aumentos salariais e regulamentação de carreiras, divulgou fonte sindical.

"Nos termos do acordo, todos os índices salariais são actualizados em mais 1,5% a partir de 1 de Agosto de 2024 e o valor do subsídio de refeição sobe para 9,20 euros", pode ler-se num comunicado publicado pela Federação dos Sindicatos dos Transportes e Comunicações (Fectrans), no dia 23 de Julho.

Por sua vez, a CP deu conta, numa nota, que depois de uma reunião com representantes de vários sindicatos (ASCEF, Assifeco, Fentcop, Sinafe, Sindefer, Sinfa, Sintti, SIOFA, SNAQ, SNTSF e STF) foi possível alcançar um acordo.

A operadora ferroviária também já tinha fechado acordo com o Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses (SMAQ) e o Sindicato Ferroviário da Revisão Comercial Itinerante (SFRCI). **Lusa**



Greve na CP será de 24 horas no dia 15 de Agosto, pelo que os efeitos poderão ser maiores

Função pública

Aumentos de 6% em 2025, defende Frente Sindical

A Frente Sindical quer uma actualização salarial de pelo menos 6% na função pública, em 2025, para todos os trabalhadores, para alinhar a competitividade do emprego público com o privado, foi anunciado ontem.

A proposta faz parte do caderno reivindicativo para 2025, que a Frente Sindical já fez chegar ao Governo, e que tem como lema "atrair e reter talento na administração pública", anunciou, em conferência de imprensa, em Lisboa, a presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE), Helena Rodrigues, que coordena a Frente Sindical.

"Entendemos que, para a administração pública, em 2025, uma actualização salarial inferior a 6% não é aceitável", realçou Helena Rodrigues, ladeada por representantes dos vários sindicatos que compõem a Frente Sindical (professores, enfermeiros, quadros técnicos e polícia).

Adicionalmente, aquela estrutura defende a compensação do tempo de serviço que foi congelado no período da *troika* (seis anos, seis meses e 23 dias), à semelhança do que aconteceu com os professores. "Esta é uma questão de justiça e equidade. Se for preciso tempo, se for preciso haver faseamento da aplicação da medida, nós cá estaremos", sublinhou a representante sindical.

No caderno reivindicativo, que pretende ser o ponto de partida para negociações com o Governo, está também incluída a revisão de carreiras ainda não revistas, como acontece nos psicólogos e nutricionistas, por exemplo, e que abrange cerca de 2000 trabalhadores do Estado.

A Frente Sindical defende também o fim das quotas previstas no Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública (SIADAP), a actualização do subsídio de refeição de seis para dez euros por dia e a actualização das ajudas de custo para valores que acompanhem o aumento dos combustíveis e da hotelaria.

Quanto ao subsistema de saúde da administração pública (ADSE), a Frente Sindical reivindica a descida da taxa do desconto de 3,5% para 2,5%, lembrando que o Tribunal de Contas considerou a actual taxa elevada. Já para os reformados e pensionistas, é também proposta uma actualização das pensões em, pelo menos, 6%, bem como regras menos penalizadoras para carreiras contributivas mais longas. **Lusa**

A luta da ilha de Ano-Bom contra a ditadura de Obiang

Protestos contra a extracção de minério levaram à repressão. Governo no exílio pede ajuda: "Sem Ano-Bom, a Guiné Equatorial não tem vínculo com a CPLP"





António Rodrigues

Desde que os navegadores portugueses a avistaram num primeiro dia do ano no século XV que a história de Ano-Bom é uma história de sofrimento, exploração e esquecimento. A pequena ilha de 17,5 quilómetros quadrados, 180 quilómetros a sul da ilha de São Tomé e a 300 quilómetros da costa do Gabão, ponto de abastecimento de água potável e alimentos frescos para os navios que passam pelo golfo da Guiné, seria um paraíso para os seus cinco mil habitantes não fosse o colonialismo.

Os ano-bonenses apontam o ano de 1886 como o princípio da sua desdita, quando em nome da potência colonial espanhola se aboliu o sistema de governo histórico-político da ilha e se impôs o controlo desde Buenos Aires. Os nativos, descendentes do primeiro povoamento da ilha por africanos de Angola, tinham conquistado essa autonomia depois das revoltas aquando da transferência de soberania da ilha de Portugal para Espanha pelos tratados de S. Ildefonso (1777) e El Pardo (1778), que ditaram também a passagem para as mãos do vice-reino da Prata das ilhas de Corisco e de Fernando Pó.

Os espanhóis encarregar-se-iam de deixar à pequena ilha uma ditadura sanguinária como herança da independência da Guiné Equatorial. Primeiro por Francisco Macías Nguema, que depois de eleito nas primeiras eleições do país independente em 1968 se tornou ditador até ser deposto pelo sobrinho, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, que o mandou fuzilar em 1979 e ficou ele com o poder até hoje.

Não é que Obiang tenha particular sanha em relação aos ano-bonenses, nesse aspecto é muito democrático, a violência e repressão do seu regime, o controlo obsessivo da sociedade, a mão de ferro em relação a qualquer dissidência estende-se de Malabo, a capital, na ilha de Bioko (antiga Fernando Pó), até Rio Muni (a parte continental, onde fica a segunda maior cidade, Bata), passando pelas outras quatro ilhas que compõem o país (Corisco, Ano-Bom, Elobey Grande e Elobey Pequena, esta última desabitada).

O autoproclamado governo da república de Ano-Bom declarou a independência unilateral da ilha a 9 de Julho de 2022, depois de várias propostas de autonomia apresentadas ao regime sem obter qualquer resposta a não ser mais "políticas de perseguição, repressão e assédio, discriminação sistemática, abandono e detenção em regime de incomunicabilidade, migração forçada, intimidação e extorsão contra a população de Ano-Bom, bem como terrorismo de Estado e extermínio", como afirma o *site* oficial da jovem república.

"A ditadura que leva 56 anos como sistema na Guiné Equatorial não dialoga com ninguém. É arbitrária e tem a tortura como arma de repressão através das forças de segurança, gendarmes, polícias, exército e quase meio povo fang colaborando. Os ano-bonenses vivem humilhados na Guiné Equatorial", disse ao PÚBLICO o primeiro-ministro de Ano-Bom no exílio, Orlando Cartagena Lagar.

Num país onde poucos ousam protestar nas ruas contra as arbitrariedades do regime, os cidadãos de Ano-Bom manifestaram-se publicamente contra a empresa marroquina ligada ao poder em Rabat e Malabo que explora minerais na ilha sem qualquer preocupação com o impacto ambiental. Uma carta aberta contra as acções da Somagec levou o Presidente Obiang a enviar militares para Ano-Bom com a incumbência de prender os 16 assinantes e todos aqueles que ousem protestar.

Comunicações cortadas

Mas com as notícias da repressão a chegarem à comunidade de activistas e exilados da Guiné Equatorial na diáspora, sobretudo em Madrid, o regime decidiu cortar as comunicações e isolar a ilha. O ministro de Transportes, Correios e Novas Tecnologias de Informação, Honorato Evita Oma, até ameaçou a Starlink de Elon Musk com sanções se não interrompesse o serviço de internet por satélite, de acordo com o Diario Rombe.

A 24 de Julho, o activista Guillermo Akapo Bisoko dizia no *Diario Red* que "a violência e a opressão por parte do regime apoderaram-se da ilha, deixando os seus habitantes num estado de constante medo e angústia". O Governo equato-guineense não está disposto a ceder um centímetro a quem ousa desafiar o seu poder absoluto. Nos últimos tempos "as autoridades intensificaram as suas medidas repressivas, silenciando qualquer voz dissidente e violando os direitos humanos de maneira flagrante".

"Tem havido detenções massivas de cidadãos da ilha de Ano-Bom desde o final de Julho até esta data", disse na quarta-feira a investigadora Ana Lúcia Sá, no *podcast* do PÚBLICO Na



FOTOS: DR

Protesto contra as explosões na ilha de Ano-Bom, no dia 2 de Agosto, junto à embaixada da Guiné Equatorial em Madrid

Nos últimos tempos "as autoridades intensificaram as suas medidas repressivas, silenciando qualquer voz dissidente e violando os direitos humanos de maneira flagrante"

Terra dos Cacos. Num país onde não há "protestos massivos contra o regime", houve manifestações na rua para contestar "as práticas de detonação ilegal que estão a destruir a fauna e a flora" da ilha e que "podem causar derrocadas e colocar em perigo a vida da população".

Na lista de atentados ao bem-estar e ao ambiente dos ano-bonenses em troca de milhões para o Estado central, que inclui o seu uso para aterro de lixo nuclear nos anos 1980, a ameaça vem agora dos explosivos da empresa marroquina Somagec, que já antes construiu um porto e um aeroporto na pequena ilha.

A Ambô Legadu, a agência de notícias independente de Ano-Bom, escreve que "a alma de Annobón" está "no seu relevo montanhoso, um traço distintivo que define a geografia e molda a paisagem". Para os ano-bonenses, a Somagec está a usar explosivos para extrair desse relevo montanhoso minerais de "forma clandestina", o que levou aos protestos dos ilhéus, explica o primeiro-ministro.

"A Guiné Equatorial, junto com Marrocos, quer-se dizer, os dirigentes dos dois países são os donos da empresa Somagec que opera em Ano-Bom desde cerca de 2005 até hoje", diz Cartagena Lagar. "Estão a extrair minerais de forma clandestina para cobrir as dívidas contraídas pela Guiné Equatorial em matéria de segurança. Desde 1979 que o Governo da Guiné Equatorial está custodiado por milhares de soldados marroquinos, o que aparentemente gerou uma dívida de milhões e, para cobri-la, o Governo entregou a ilha à Somagec."

Como refere a Ambô Legadu, "a onda de sequestros nocturnos de cidadãos ano-bonenses pelo regime da Guiné Equatorial continua a ocorrer perante a impavidez da comunidade internacional, violando todas as normas e garantias constitucionais". Onde está a União Africana? Onde está a Comunidade dos Estados da África Central? Onde está a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), onde se fala realmente português (o fá d'Ambô, o crioulo com base no português), ao contrário do resto da Guiné Equatorial?

O primeiro-ministro diz que o governo ano-bonense escreveu à CPLP a pedir ajuda e ainda não obteve resposta. Ao PÚBLICO Zacarias da Costa, secretário executivo da organização diz não saber nada, pois está de férias e só volta ao trabalho na segunda-feira. Mas lembra que "a CPLP, como organização intergovernamental, não interfere, como mandam os seus princípios, em assuntos internos de cada um dos países".

"Em relação à violação dos direitos humanos, à repressão, a essas situações que acontecem, como agora na Guiné-Bissau, nós preferimos o diálogo com as autoridades nacionais e reforçar os mecanismos nacionais existentes para lidar com esses problemas. Nós não interferimos directamente no dia-a-dia e, sobretudo, na condução da governação do país."

Na quarta-feira, a Ambô Legadu deu conta da primeira morte derivada da repressão. O coração de Anatolia Mum Majeda não resistiu à prisão de dois filhos (Diosdado e Bienvenido Ballovera Mum). Na prisão, a tortura e os longos interrogatórios são o "tratamento" habitual para os que ousam desafiar o poder dos Obiang.

Primeiro-ministro de Ano-Bom no exílio

"Não vamos dar nem um passo atrás. A não ser que nos matem a todos"

Entrevista

António Rodrigues

Cartagena Lagar Pede ajuda à CPLP e diz que o seu povo é reprimido pela ditadura por protestar contra a dinamitagem da sua ilha

O primeiro-ministro do autoproclamado governo de Ano-Bom no exílio, Orlando Cartagena Lagar, apela aos Estados-membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) que façam qualquer coisa para travar a repressão do regime de Teodoro Obiang "A situação na ilha é de assédio total, o povo está sequestrado pelo Estado e o Governo de Rio Muni [nome da região continental da Guiné Equatorial], sem luz nem água e sem comunicações. Cortaram a linha telefónica e a Internet. Levamos semanas sem podermos comunicar com a população de Ano-Bom", diz. "Se estivéssemos em Ano-Bom já nos tinham assassinado a todos."

Quem são as pessoas que o regime prendeu?

Por causa de uma carta a apelar ao fim da utilização de dinamite pela empresa Somagec para a extracção de minérios, 20 pessoas foram detidas na ilha e deportadas para Malabo, incluindo mulheres e pessoas com mais de 70 anos. Continuam detidas sem cuidados de saúde, em celas sem ventilação, com muito calor e mau cheiro. Todos estão com aspecto de estar doentes. Depois, em Malabo, continuaram a perseguição brutal desde o dia 19 de Julho até hoje. Há mais de 50 reféns detidos pelo regime em condições insalubres. São mantidos pelo povo ano-bonês que lhes leva todos os dias comida e água. Estão presos sem culpa formada e são submetidos a interrogatórios diários de quase 12 horas. Alguns são sujeitos a torturas físicas e ameaças de morte.

Que está a fazer a Somagec?

Os dirigentes da Guiné Equatorial e de Marrocos são donos da empresa Somagec que opera em Ano-Bom desde 2005 até hoje. Estão a extrair minerais de forma clandestina para cobrir as dívidas contraídas pela Guiné Equatorial em matéria de segurança. Desde 1979, o Governo da Guiné Equatorial tem estado custodiado por milhares de soldados marroquinos e, ao que parece, isso gerou uma dívida de milhões. Para cobrir a dívida, entregou a ilha à Somagec.

Os militares enviados para Ano-Bom permanecem na ilha?

Os militares de Obiang continuam lá. Uns 400 homens armados que submetem a população a todo o tipo de humilhações, incluindo abuso de menores sob ameaça de arma. As pessoas têm medo de ir aos seus campos para não serem atingidas pelos fang [etnia maioritária no país] armados. A fome tomou conta da população. Existe o risco de morte por fome, falta de medicamentos e desespero.

Que mensagem enviou o seu governo às pessoas na ilha?



Por causa de uma carta a apelar ao fim da utilização de dinamite pela empresa Somagec para a extracção de minérios, 20 pessoas foram detidas na ilha e deportadas para Malabo, incluindo mulheres e pessoas com mais de 70 anos



Não vamos dar nem um passo atrás até à libertação. A não ser que nos matem a todos. A nossa luta pela liberdade é pacífica, mas forte e persistente. Com toda a firmeza e determinação, queremos recuperar o controlo legítimo da nossa ilha. Vamos até ao fim que é a liberdade.

Pediram apoio a Espanha?

Estamos desde o princípio a solicitar apoio e reconhecimento a Espanha e a outros organismos, mas tudo anda muita lentamente e, mesmo assim, continuamos a lutar. Confiamos que tudo acabará por chegar, mas, durante esse tempo, o povo vai sofrendo carências, de infra-estruturas, de luz, água corrente, saúde e passa fome. Não deixam passar nem um quilo de arroz e sobrevivem com as bananas e os tubérculos que já escasseiam.

E com a CPLP tentaram falar?

Enviámos relatórios à CPLP a pedir ajuda e denunciando a utilização e usurpação da nossa soberania. Sem Ano-Bom, a Guiné Equatorial não tem qualquer vínculo com a CPLP.

ACPLP respondeu?

Nunca falámos com ninguém da CPLP. Oxalá tivéssemos contacto com a sede ou com qualquer Estado-membro. Mas não enviámos os documentos há muito tempo. Confiamos que surtirá efeito.

Quando enviaram?

Há duas semanas. Deveria haver solidariedade e tratamento preferencial de apoio e reconhecimento tendo em conta a nossa situação de povo pequeno, oprimido e, sobretudo, pelos vínculos históricos que temos com São Tomé e Príncipe, pela proximidade geográfica e por partilharmos uma língua comum, o crioulo português. Coisa que a Guiné Equatorial não tem. Estamos num momento crítico, a nossa população sofre perseguição e agressão militar. É preciso expulsar a Guiné Equatorial desta casa chamada CPLP, é um país que pratica discriminação, torturas, assassínios, exclusão e dominação étnica. Apartando Ano-Bom da Guiné Equatorial, esta deixa de ter vínculos com a língua portuguesa. Além disso, Ano-Bom já proclamou a independência pelo que a Guiné Equatorial já não faz parte dos países de língua portuguesa.

Já tentaram a embaixada portuguesa em Madrid?

Não nos receberam. Estamos a tentar, mas já sabe como são os protocolos.

PP pede demissão dos ministros do Interior e da Defesa depois da fuga de Puigdemont

Sofia Lorena

O ex-presidente da Catalunha, procurado pela justiça, ainda jantou em Barcelona depois de falar aos apoiantes

Quando a polícia catalã fechava os acessos ao Parque da Ciutadella, na quarta-feira à noite, preparando-se para deter Carles Puigdemont na manhã seguinte, quando se esperava que reaparecesse em Barcelona, pela primeira vez em quase sete anos, já o ex-*president* estava na cidade. Segundo o secretário-geral do seu partido, Jordi Turull, Puigdemont até ficou para jantar, na quinta-feira, enquanto a polícia fechava estradas e mandava parar carros, tentando impedir que saísse da Catalunha.

A acreditar nos relatos de Turull, e do advogado Gonzalo Boye, as duas pessoas que acompanharam Puigdemont, a sua passagem pela capital catalã terá sido um misto de nervos e descontracção. Coube a Boye confirmar, ontem de manhã, que o líder independentista já não está em Espanha, mas sim "num lugar seguro fora do Estado", de "regresso a casa", ou seja, à Bélgica. "Terminou o trabalho que veio fazer e suponho que hoje ou amanhã vai dirigir-se aos cidadãos da Catalunha", acrescentou, entrevistado pela rádio RAC1.

A verdade é que, na quarta-feira de manhã, quando publicava nas redes sociais um vídeo onde anunciava ter iniciado "o caminho de regresso do exílio", Puigdemont já não estava em Barcelona, onde dormiu duas noites, entre terça e quinta-feira. Afinal, Puigdemont reapareceu, mas não regressou.

Segundo Turull "o presidente ia tomando decisões à medida que o dia avançava". Quando desapareceu, diante de milhares de pessoas, incluindo centenas de polícias e jornalistas, "foi preparar-se para o debate de investidura" do novo presidente da Generalitat, o socialista Salvador Illa, numa altura em que "entrar no Parlamento e ser detido era uma opção". Mas "a polícia estava cada vez mais agressiva", descreveu o dirigente do Juntos pela Catalunha, em declarações à mesma rádio catalã.

"Ele queria entrar no Parlamento e exercer os seus direitos. Mas quando se sabe que não se vai conseguir chegar a meio caminho do Parque da Ciutadella, com uma mobilização policial nunca vista, nem para o maior criminoso ou terrorista, então procuram-se outras opções", disse Turull. "Puigdemont não é nenhum Hannibal Lecter", afirmou. "Ele pensou que não queria a má imagem para os Mossos [d'Esquadra], a prenderem um presidente", justificou ainda, uma tese difícil de defender quando a polícia catalã se vê atacada por políticos, juízes e outras polícias.

"Os acontecimentos ocorreram de forma diferente do esperado", disse o comissário-chefe dos Mossos d'Esquadra, Eduard Sallent, numa conferência de imprensa já esta sexta-feira. "O dispositivo foi configurado para impedir o acesso à Ciutadella", o grande parque onde se ergue o Palácio do Parlamento, explicou. Todos os agentes que estavam de serviço tinham conhecimento do mandado de captura, garantiu.

Mas tudo evoluiu rapidamente: Puigdemont apareceu acompanhado por "pessoas e autoridades que ocupam cargos eleitorais e que têm responsabilidades para com as instituições", subiu ao palco montado no Passeio Lluís Companys, falou durante uns cinco minutos e voltou a descer, com Boye e Turull. "Nesse momento, tentámos aproximar-nos, mas uma massa de pessoas formou um muro e não conseguimos entrar", descreveu o comissário. Então, "o sr. Puigdemont e o sr. Turull puseram um chapéu, entraram num carro [que transportava uma cadeira de rodas] e fugiram", disse.

"Puigdemont estava aqui e, de repente, já não está", relatou o jornalista José Luis Sastre na emissão da rádio Cadena Ser.

O comissário desmentiu que tenha sido negociado um acordo para que o fugitivo se entregasse aos Mossos (como noticiado por alguns *media*), mas disse que o plano passava por detê-lo "num lugar mais idóneo".

Depois das detenções de dois agentes, por suspeitas de cumplicidade na fuga, Sallent admite que haja mais polícias envolvidos. "É possível que outros *mossos* o tenham ajudado e agora temos de investigar e seguir a via penal e administrativa para cada caso."

Jimmy Jump

A (nova) fuga de Puigdemont era um cenário – para o qual foi concebida a *Operação Jaula*, posta em marcha na quinta-feira de manhã –, mas a polícia não acreditava que isso acontecesse, explicou ainda o responsável dos Mossos. "A chegada de Puigdemont foi mais parecida com a chegada de Jimmy Jump do que com o regresso de um ex-presidente da Generalitat", desabafou, numa referência ao *streaker* (pessoa que corre nua em público) catalão Jaume Marquet i Cot, conhecido como "Jimmy Jump".

Atacando Puigdemont – "Ninguém estava preparado para o seu comportamento impróprio" –, o conselheiro (equivalente a ministro) do Interior da Catalunha, Joan Ignasi Elena, defendeu os Mossos. "É uma força extraordinária. É a garantia da segurança dos cidadãos. Vou manifestar o meu apoio mais sincero aos Mossos por tudo o que fazem todos os dias", afirmou, ao lado do comissário Sallent, apelando aos políticos para deixarem de envolver a polícia catalã nos seus confrontos.

Na mesma conferência de imprensa, também o director-geral da Polícia dos Mossos, Pere Ferrer, defendeu que "os acontecimentos deixaram a polícia numa situação que não merece". "Colocar a polícia como responsável por problemas políticos não resolvidos é um mau negócio para a polícia", disse.



ALBERTO ESTEVEZ/EPA

Puigdemont reapareceu, mas não regressou à Catalunha

> **Perante esta farsa, o Governo não pode continuar de férias, a rir-se dos espanhóis**
>
> **Alberto Núñez Feijóo**
> Presidente do Partido Popular

A culpa dos Mossos

Esta não é uma situação inédita para a polícia catalã, um dos símbolos da autonomia, que antes do referendo ilegal de 1 de Outubro de 2017 foi posta sob tutela do Ministério do Interior. Depois da votação sobre a independência, marcada por duras cargas policiais, o então comissário dos Mossos, Josep Lluís Trapero, chegou a ser acusado de "sedição".

Não parece provável que a polícia desapareça do debate político. Reagindo aos acontecimentos da véspera, o ministro da Presidência, Félix Bolaños, responsabilizou precisamente os Mossos pelo falhanço em prender Puigdemont. "Toda a operação policial foi da responsabilidade dos Mossos", sublinhou.

Um apontar de culpas que não convence o PP. O líder do principal partido da oposição de direita, Alberto Núñez Feijóo, pediu a demissão do ministro do Interior, Fernando Grande-Marlaska, e da ministra da Defesa, Margarita Robles, responsabilizando-os pela "negligência da operação policial". Feijóo exigiu ainda que o presidente do Governo, Pedro Sánchez, vá ao Congresso responder pelo sucedido. "Perante esta farsa, o Governo não pode continuar de férias, a rir-se dos espanhóis."

Já Pablo Llarena, juiz do Supremo Tribunal instrutor do caso contra Puigdemont e contra todos os dirigentes independentistas acusados por causa do referendo de 2017, divide os seus pedidos de responsabilidades. Em dois despachos distintos, o magistrado solicita aos Mossos e ao Ministério do Interior de Espanha (do qual dependem a Polícia Nacional e a Guarda Civil) pormenores sobre "os elementos que determinaram o fracasso do ponto de vista policial", sobre o "plano inicialmente aprovado" e as ordens dadas para a detenção do ex-presidente catalão na fronteira com França.

Armamento dos EUA e Alemanha pode estar a ser usado no ataque da Ucrânia em Kursk

André Certã

Foi declarado estado de emergência federal. Vídeos mostram veículos alemães e norte-americanos em solo russo

Equipamento de guerra ocidental pode estar a ser usado na Rússia pela Ucrânia no ataque que as forças ucranianas estão a realizar na região russa de Kursk, segundo o *Washington Post*, de acordo com informações recolhidas a partir de um canal de Telegram pró-russo. Ontem, o Ministério da Emergência da Rússia declarou um estado de emergência federal na região.

Segundo o correspondente-chefe do *Wall Street Journal*, Yaroslav Trofimov, forças ucranianas controlam ainda uma grande parte de território na zona de Kursk, incluindo a cidade de Sudja, por onde passa um importante gasoduto que ainda liga a Rússia à Europa. Segundo o correspondente, forças ucranianas atingiram ainda uma base militar russa na região de Lipetsk, uma região vizinha mais interior da Rússia.

A declaração de um estado de emergência federal pelas autoridades centrais da Rússia é outro sinal de que, segundo a estação de televisão Al-Jazeera, "as coisas não estão a correr como planeado" para as forças russas.

"A discussão incluiu a situação na região de Kursk devido ao ataque das Forças Armadas ucranianas. Foi criado um nível de resposta federal na região", lê-se no comunicado do Ministério russo, que anunciou o estado de emergência depois de reunir com a comissão do Governo dedicada a emergências.

Num vídeo publicado no Telegram, dois veículos de combate que pareciam ser de origem alemã e americana, nomeadamente um Mardar alemão e um Stryker americano, foram mostrados a serem utilizados para lá das fronteiras da Ucrânia, dentro da região de Kursk. Estes relatos, porém, ainda não foram confirmados oficialmente pela Ucrânia.

A utilização de armas ocidentais em ataques contra a Rússia tem sido um ponto de contenção entre os vários aliados da Ucrânia que forneceram ajuda e equipamento militar. No caso dos Estados Unidos, um dos países cujo equipamento militar terá sido visto em solo russo, o Presidente do país, Joe Biden, tinha permitido no fim de Maio que a Ucrânia pudesse utilizar armas e equipamento em ataques "limitados" a alvos russos fora das fronteiras ucranianas.

Esta quinta-feira, os Estados Unidos confirmaram que este uso do equipamento por eles cedido estava dentro do "limite" imposto pelos Estados Unidos ao uso do armamento na Ucrânia. Sabrina Singh, porta-voz adjunta do Pentágono, afirmou que, "à medida que os ataques atravessam a fronteira", os ucranianos "têm de ter a capacidade de responder", referindo-se à ofensiva de Kursk.

EPA



Criança retirada da região de Kursk chega à cidade russa de Oryol

Na sequência do anúncio feito pelos EUA em Maio, a Alemanha tinha também anunciado que iria permitir a utilização das suas armas pela Ucrânia contra alvos na Rússia, porém, como sublinhou na altura o porta-voz do Governo alemão, a utilização cingia-se a respostas a ataques russos vindas de posições na zona fronteiriça à região de Kharkiv (Carcóvia).

Mesmo sem sequer ter confirmado este ataque na Rússia, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pareceu aludir ao sucesso militar ucraniano na Rússia, numa declaração feita aos jornalistas num evento público na quinta-feira. "Toda a gente pode ver que o Exército ucraniano sabe como surpreender. E sabe como obter resultados", afirmou o Presidente da Ucrânia.

Mais tarde, nesse dia, refere o jornal britânico *The Guardian*, Zelensky afirmou através do Telegram que a Rússia deveria sofrer as consequências de ter invadido a Ucrânia, invasão que já dura desde Fevereiro de 2022. "A Rússia trouxe a guerra para o nosso país e deve sentir o que fez", afirmou o Presidente ucraniano.

Os jornais russos, analisados pela BBC, admitem na sua maioria que as Forças Armadas ucranianas conseguiram atingir algum nível de sucesso. Por exemplo, o jornal *Moskovsky Komsomolets* afirma que, "o regime de Zelensky fez uma movimentação forte, com consequências desagradáveis para o nosso lado".

O Ministério do Exército francês, na rede social X, publicou uma análise sobre os últimos relatórios que chegam da guerra da Ucrânia, mais especificamente da ofensiva ucraniana na Rússia. "A ofensiva das FAU (Forças Armadas Ucranianas) na região de Kursk, beneficiando do efeito de surpresa e com a oposição de forças menos preparadas do que na Frente Oriental, parece ter tido algum sucesso inicial", escreveu o ministério francês, acrescentando que estes ataques poderiam obrigar as forças russas "a mobilizar tropas de outros sectores, aliviando assim a pressão local em pontos onde as FAU se encontravam anteriormente em dificuldades".

Israel lança ataques em Khan Younis e Al-Mawasi

Maria João Guimarães

Carros de combate israelitas voltaram ontem a partes da cidade de Khan Younis, a segunda maior da Faixa de Gaza – pela terceira vez desde 7 de Outubro, sublinha o diário israelita *Haaretz*.

Centenas de pessoas – incluindo residentes de Khan Younis que tinham saído durante a última operação e voltado – deixaram a parte oriental da cidade depois de avisos de Israel. Repetiam-se imagens de longas filas de pessoas, em carros, carrinhos de burros ou a pé, transportando o que conseguiam, andando devagar em estradas congestionadas, descreve a agência Reuters.

Os avisos indicaram às pessoas para irem para a zona ocidental da cidade, diz a jornalista da Al Jazeera Hind Khoudary, e mesmo assim houve ataques nessa zona e na zona de Al-Mawasi, que Israel designou como humanitária mas que tem sido alvo de ataques.

Segundo a Al Jazeera, morreram cinco pessoas no ataque em Al-Mawasi – a Reuters diz que entre elas estavam dois jornalistas, Tamim Abu Muaamar e Abdallah Al-Susi (desde 7 de Outubro, morreram 165 jornalistas em ataques israelitas na Faixa de Gaza). Na zona ocidental de Khan Younis morreram quatro pessoas. O dia terminou com um total de 20 mortos em vários ataques, segundo as autoridades de saúde do território, entre eles algumas crianças.

Mais uma vez, habitantes de Gaza repetiam: "Não há lugares seguros em Gaza."

"Não sabemos para onde vamos, para a praia, para Al-Mawasi, para qualquer lado", disse Ahmed al-Farra, um dos deslocados, à agência Reuters. "Aqui não há lugares seguros.



Centenas de pessoas deixaram a cidade de Khan Younis

Eles atingiram todos os lugares, já atacaram Al-Mawasi e muitas pessoas foram mortas. Não há segurança, a segurança está com Deus."

Nas últimas semanas, as forças israelitas têm estado a regressar a locais da Faixa de Gaza onde já haviam afirmado que tinham derrotado o Hamas. Michael Milshtein, da Universidade de Telavive e especialista israelita no movimento islamista, comentava ao *Haaretz*, a propósito da escolha de Yahya Sinwar, o antigo líder de Gaza que está escondido (provavelmente num ponto da rede de túneis), para ser o líder do movimento, que "é impossível ignorar a capacidade de sobreviver" do Hamas, já que "depois de dez meses de guerra, e apesar dos golpes que tem sofrido, ainda está de pé". Não só "foi capaz de manter alguma réstia de governo civil em Gaza como ainda tem uma capacidade militar, embora limitada".

Na véspera, morreram 40 pessoas em vários ataques, incluindo em dois campos de refugiados da Cidade de Gaza, Nuseirat e Bureij, e em Khan Younis.

Isto acontece quando a guerra em Gaza estava posta num segundo plano em Israel – e em vários outros países – quando subia a especulação sobre que forma poderia ter a esperada retaliação do Irão a um ataque que matou o líder do Hamas em Teerão e do Hezbollah e outro ataque que matou um comandante seu no Líbano.

Ainda assim, EUA, Egipto e Qatar marcaram uma nova ronda de conversações para um acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza e troca de reféns para 15 de Agosto, esperando conseguir algum avanço. Este é considerado, no entanto, muito pouco provável, uma vez que, como escreveu Amos Harel no *Haaretz*, um factor continua imutável: a falta de disposição do primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, para chegar a acordo.

E rasgar o recto com um pau, é legítimo? Mais 118 páginas de Israel para o mundo

Aqui na Terra



Alexandra Lucas Coelho

1. Será de graça e basta um telefone. Não devia ser para menores, mas muitos dos torturados são menores. Não devia ser para ninguém, mas continua a acontecer agora. Então, é para quem está vivo agora.

Começo com aquele já histórico diálogo no Knesset, parlamento de Israel, a 29 de Julho:

"E inserir um pau no recto de alguém, é legítimo?", pergunta o deputado exaltado, interrompendo outro.

"Cale a boca!", diz o interrompido. "Sim! Se for um Nukhba, é legítimo fazer-lhe tudo! Tudo!"

O vídeo está *online*, com legendas em inglês, fácil de achar.

Os Nukhba são comandos do Hamas. Depois de 7 de Outubro, Israel prendeu milhares de palestinianos sem culpa formada. Cerca de 1400 foram levados para Sde Teiman, base no deserto do Negev, a cerca de 30 quilómetros de Gaza. Desde então "centro de detenção", comparado a Guantánamo por quem de lá saía. Em Maio-Junho, relatos de tortura chegaram à CNN e ao *The New York Times*. Sob pressão, Israel retirou centenas de detidos, não todos. No fim de Julho, a polícia israelita foi lá buscar nove soldados reservistas, suspeitos de violarem um palestiniano que estava no hospital de costelas partidas, recto rasgado e intestinos rompidos, devido a penetrações com um objecto, diz o relatório médico. Ben-Gvir, o supremacista de extrema-direita que é ministro da Segurança Nacional, incendiou as redes dizendo "tirem as mãos dos nossos heróis". Smotrich, ministro das Finanças, idem. Uma turba de israelitas disparou para Sde Teiman, trepando vedações, empurrando guardas. Talvez a primeira invasão do mundo pelo direito inalienável a violar.

Eram colonos, mas também mascarados armados, paisanos e paisanas, deputados, um ministro de Netanyahu. Ele mesmo, Bibi, fez depois uma declaração a condenar a desordem. Entretanto, os ministros à sua direita puxavam por ela. De Sde Teiman, a multidão rumou à base para onde tinham sido levados os reservistas. Nova invasão pelo direito à barbárie no Estado de direito.

AMIR COHEN/REUTERS



O mesmo direito que, por sua vez, o deputado Milwidsky (do Likud de Netanyahu) defendia inflamado no parlamento, enquanto uns faziam *scroll* no telefone, outros se esparramavam na cadeira. O Knesset no seu normal, só interrompido pelo deputado Ahmad Tibi (palestiniano-israelita do partido Ta'al). Foi dele a pergunta sobre o pau no recto & a lei. Além de deputado, é ginecologista. Tem noção médica do que estava a ser dito. No parlamento de uma, hã, democracia.

2. Quatro reservistas foram libertados pouco depois. Dos cinco que continuam detidos, dois são suspeitos do mais grave. Passaram pelo polígrafo, deu que mentiam ao negar a violação.

Terça-feira passada, o Canal 12 da TV israelita revelou um curto vídeo de Sde Teiman com o relato sobre a violação. Nas imagens, das câmaras de segurança, há dezenas de palestinianos deitados no chão, de mãos atadas. Um grupo de soldados levanta o último da fila, leva-o para um canto. Alguns soldados tapam com escudos. Vê-se que dois estão a fazer algo sobre a zona lombar do prisioneiro, depois hospitalizado. Que não era comando do Hamas nenhum, revelou o Canal 12. Só um polícia de Gaza que nada teve a ver com o 7 de Outubro.

A Associação Para os Direitos Civis em Israel levara já uma petição ao Supremo Tribunal de Justiça para fechar Sde Teiman. Na quarta-feira, o Supremo tentou discuti-la e uma nova turba perturbou a sessão com protestos. Ben-Gvir protestou nas redes.

E havia dois dias já que a B'Tselem (a mais famosa organização de direitos humanos em Israel) publicara um relatório de 118 páginas, com vídeos, intitulado: "Bem-vindos ao inferno – o sistema prisional israelita como uma rede de campos de tortura."

3. A gente lê, vê e diz palavrões para não chorar. Já vimos o que vimos em Gaza. E aqui estão estes homens, estas mulheres, estes adolescentes com ar de menino, a dar cara e nome completo em tantos casos: 55 testemunhos.

Como? Onde foram buscar mais coragem, depois de lhes partirem os ossos, largarem mastins às dentadas, apagarem cigarros na boca, meterem paus (e ferros quentes, e aparelhos eléctricos) no recto, prenderem os testículos a um peso, darem choques, cuspirem na cara, sufocarem com gás de pimenta, atirarem granadas de atordoamento, pisarem feridas, privarem de sono por semanas, de sol por 191 dias, com sanitas sem água 23 horas por dia, um penso higiénico para uma menstruação inteira, obrigados a ficarem nus, muitos de fralda, aos 15 e 20 em celas imundas, a dormirem no chão, com sarna, com bichos, com feridas, a mesma roupa meses, sem sabão, dois pratos para a cela inteira, só arroz cru em água quente, comida podre, fora de prazo, espancamentos com bastões, semanas de joelhos, mãos amarradas e olhos vendados, membros amputados de tão apertados. Obrigados a beijar a bandeira de Israel, dizer O Povo de Israel Vive, enquanto morrem. E constantemente filmados. "Em *live streaming* para Ben-Gvir!", disse um dos soldados, numa das orgias diárias.

Como não pensar de novo na Saló fascista que Pasolini encenou? Só que esta Sodoma vai em mais de 300 dias e é a vida, é a morte. É *live streaming & death streaming* para Ben-Gvir.

Porque ele é o *joker* de IsraHell, mas o baralho não acaba. É o governo e é o Estado. Os tribunais. A polícia. O exército. Não só soldados homens. Soldadas que sodomizam detidos e chamam "putas" a palestinianas forçadas a deixar os filhos. Algumas a amamentar. Qual democracia? A que há mais de 300 dias mata os jornalistas de Gaza, não deixa entrar os outros e bane a Al Jazeera? Ou aquela que tortura milhares, depois de ter prendido já centenas de milhares ao longo de décadas, o que faz com que não haja qualquer família palestiniana que não tenha tido alguém numa prisão de Israel?

Seriam precisas páginas de jornal para o que se lê-vê neste relatório. O toco da coxa de Sufian, 42 anos, taxista de Gaza, pai de quatro filhos, amputado depois de espancamentos. Os dedos partidos das mãos de Muhammad, 18 anos, da Cisjordânia Ocupada. Os 20 quilos perdidos de outro Muhammad, 16 anos, de Jerusalém Oriental Ocupada. Imaginem o vosso filho, irmão, sobrinho, primo, neto a perder 20 quilos aos 16 anos em pouquíssimo tempo.

E a ouvir os gritos dos que eram mortos. Porque, diz o relatório, pelo menos 60 palestinianos morreram detidos, de tortura ou negligência, desde 7 de Outubro, muitíssimo mais do que em anos de Guantánamo. Detidos, às vezes, por causa de um *post* de Facebook.

4. Este relatório é uma carta terrível de Israel sobre Israel. Tão terrível que já não pede nem espera resposta de Israel. Pede e espera resposta do mundo: que ponha fim a isto. "Israel está a cometer tortura que constitui crime de guerra e até crime contra a Humanidade. Apelamos a todas as nações, instituições e órgãos, incluindo o Tribunal Penal Internacional, para que façam todo o possível para pôr um fim às crueldades que os palestinianos sofrem no sistema prisional israelita, e para reconhecer o regime israelita que opera esse sistema como um regime de *apartheid* que tem de acabar."

O "ataque horrífico" do Hamas a 7 de Outubro, diz a B'Tselem, deu "ao governo e ao ministro Ben-Gvir a oportunidade de manipular a vontade de vingança, de a usar", pondo em prática "a sua ideologia racista, através de mecanismos opressivos". E a Procuradoria e o Supremo de Israel "curvaram as suas cabeças em submissão à agenda de Ben-Gvir, permitindo abusos e a total desumanização destes prisioneiros".

No momento em que este relatório – apelo – carta – chega ao mundo, mais de 9000 palestinianos continuam "prisioneiros de segurança" numa "rede de campos de tortura", diz a B'Tselem. Centenas são menores, como alerta há muito o Comité dos Prisioneiros Palestinianos.

Nunca o horror humano foi tão documentado em tempo real. Isto é sobre nós. E cada dia em que a Europa não faz nada, mais se afunda – António Costa: também é consigo. Com o Governo português. Quem trabalha sobre lei, tortura, direitos humanos. E como é que algum herdeiro da Shoah pode não ver estas pessoas agora?

Escritora e jornalista

Dostoiévski regressa à colecção Novela Gráfica

Novela gráfica

Colecção Novela Gráfica VIII
Volume 4: *Crime e Castigo*
Argumento e desenho: Bastien Loukia (a partir do romance de Fiódor Dostoiévski)
Sexta-feira, 16 de Agosto
Por + 15,90€

Depois da publicação em 2017, a fechar a terceira série desta colecção, da adaptação (quase) sem palavras que André Diniz fez de *O Idiota*, o maior escritor russo de todos os tempos – que me perdoe Tolstói, mas é essa a minha opinião –, Fiódor Dostoiévski, está de regresso à colecção *Novela Gráfica* com a adaptação de outro clássico seu, *Crime e Castigo*, que chega às bancas no próximo dia 16 de Agosto, com o jornal PÚBLICO.

Romance maior do escritor russo, *Crime e Castigo* foi originalmente publicado na revista literária *O Mensageiro Russo* durante 12 edições mensais, ao longo do ano de 1866, sendo posteriormente publicado num volume único. Segundo romance de Dostoiévski, escrito após o seu exílio de dez anos na Sibéria, *Crime e Castigo* é um romance existencialista, com traços auto-biográficos e uma forte carga moral, protagonizado por Raskolnikov, um estudante extremamente pobre que defende – e leva à prática – a teoria de que certos homens superiores têm direito de matar pelo bem da humanidade.

Esse clássico incontornável da literatura russa (e mundial) é aqui adaptado pela primeira vez para a BD pelo pintor, escritor e desenhador Bastien Loukia, que empresta o seu notável uso da cor e talento narrativo à sua leitura deste verdadeiro tratado sobre a alma humana, que conta o trágico destino de Rodion Romanovitch Raskolnikov, um homem que mata em nome de uma suposta superioridade moral, mas que será fortemente atormentado pelas suas escolhas.

Tal como André Diniz antes dele, também Loukia se viu perante o dilema do que fazer perante o texto de Dostoiévski. Condensar um romance de 700 páginas – povoadas de um número impressionante de personagens e em que, passada a cena inicial do assassinato da velha agiota, Aliona Ivanovna, a acção é, sobretudo, psicológica e os conflitos internos – numa BD de 160 páginas, não é nada simples e implica escolhas arriscadas. A primeira, Loukia resolveu-a através de uma galeria de duas páginas de retratos que apresenta de forma simples e eficaz os diferentes protagonistas do romance, o que ajuda o leitor, que não tenha lido o livro original, a não se perder. Restava saber o que fazer ao texto. Não optando por uma solução tão radical como a do autor brasileiro, Loukia também teve de editar e condensar fortemente o texto original, deixando que as imagens e, sobretudo, as cores, substituíssem por vezes o texto. Como o próprio explica no prefácio que abre a edição: "O mais difícil na adaptação desta obra de quase setecentas páginas foi o de isolar os momentos mais marcantes, deixando de lado muitos outros: ir ao essencial, mantendo a força dramática e humana de um tal romance de literatura maior que o é. As palavras de Dostoiévski são minuciosamente escolhidas, algumas vezes pelo seu duplo sentido. Cada uma delas conta: postas aqui nos balões oprimem e sufocam as personagens, compartimentando-as, quer sejam ditas, escritas ou pensadas. Da sua interpretação resulta a leitura que faremos da obra."











Outro aspecto em que Bastien Loukia se afasta do texto original é na escolha de Raskolnikov para narrador, o que aproxima esta versão de *Crime e Castigo* de outro clássico da literatura, *O Coração Revelador* (*Tell Tale Heart*, no original), de Edgar Allan Poe, magnificamente adaptado à BD – numa versão que quase prescinde do texto original – por Alberto Breccia.

Com formação de pintor, Loukia utiliza a aguarela de forma dramática, de tal maneira que a própria cor adquire o estatuto de personagem nesta história sombria, em que abundam os verdes, os azuis e os laranjas. Não faltam também as referências pictóricas, como a homenagem ao quadro *O Pesadelo*, de Johann Heinrich Füssli, na página 34, ou a sequência de abertura da Parte III, que parece ter sido desenhada por Malevitch, caso o pintor russo fizesse BD.

Mas se Bastien Loukia, cuja experiência anterior em BD se limita a uma biografia do compositor Erik Satie (*Erik Satie: cinco Novelas em forma de Pêra*, de 2016), tem bastante mais experiência como pintor do que como autor de BD, isso não o impede de usar com desenvoltura os mecanismos narrativos da arte sequencial, através de uma planificação ágil e dinâmica, com momentos muito bem conseguidos. Veja-se, por exemplo, a sequência da última tira da página 27, em que os quadrados vão diminuindo gradualmente de tamanho, aprisionando cada vez mais Raskolnikov à medida que ele lê a carta da mãe; ou a cena em que Raskolnikov assassina Aliona Ivanovna a golpes de machado, na página 44, em que a cor desaparece para dar lugar a um preto e branco de alto contraste, num tão brutal como eficaz jogo de sombras, só manchado pelo vermelho do sangue. **João Miguel Lameiras**

CLASSIFICADOS

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

ciimar

AVISO DE ABERTURA DE PROCEDIMENTO CONCURSAL DE SELEÇÃO INTERNACIONAL PARA A CONTRATAÇÃO DE INVESTIGADOR(A) JÚNIOR DOUTORADO(A) - 1 vaga

Referência: 2024_051_ IJ_N-MICROARTIC

Encontra-se aberto um concurso para a contratação de um(a) Investigador(a) Junior Doutorado(a) no âmbito do projeto "N-MICROARCTIC - Nitrogen Microbiome in the Changing Arctic - Generate a long term functional microbiome data set of Artic Ocean and combining cutting edge methodologies and crossing different types of data; genomic, metagenomic, metatranscriptomic, biogeochemical, metadata " com a referência 2022.02983.PTDC, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através do OE, na Unidade de Investigação - Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental.

Prazo de candidatura: 8 a 22 de agosto.

As candidaturas devem ser enviadas por e-mail para: rh@ciimar.up.pt

Mais informação: https://www.ciimar.up.pt/pt-pt/carreira/

P.PORTO

08.08.24

POLITÉCNICO DO PORTO
Rua Dr. Roberto Frias, 712.
4200-465 Porto
T 225 571 000 — ipp@ipp.pt

Dirigente Intermédio
GRAU 3

Recrutamento de **DIRIGENTE INTERMÉDIO DE 3.º GRAU**. O Instituto Politécnico do Porto pretende recrutar um dirigente intermédio, grau 3, nas seguintes condições: TIPO DE OFERTA/CARGO Dirigente intermédio de 3.º grau, designado coordenador principal, para o Núcleo de Outras Respostas Sociais dos Serviços de Ação Social do Instituto Politécnico do Porto, em regime de nomeação em comissão de serviço. REQUISITOS Os candidatos deverão ser detentores de licenciatura e ter experiência profissional em carreiras da Administração Pública em cujo provimento seja legalmente exigível uma licenciatura num mínimo de 18 meses. CARATERIZAÇÃO DO POSTO DE TRABALHO Intervir nomeadamente nos domínios da saúde, em todas as suas dimensões de apoio ao estudante, bem como atividades conexas que promovam o bem-estar. APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA As candidaturas devem ser formalizadas nos termos do Aviso publicado na BEP no dia 8 de agosto de 2024, ref.ª OE202408/0268, em **www.bep.gov.pt**, e no portal do P.PORTO, em **https://domus.ipp.pt/documentos_publicos**

Porto, 08 deagosto de 2024

O Presidente do P.PORTO,
Prof. Doutor Paulo Pereira.

AVISO

O Município de Santa Maria da Feira, pretende admitir:

Um Chefe da Divisão de Educação e Juventude

Área de atuação: Divisão de Educação e Juventude

Perfil pretendido: posse da Licenciatura em Educação ou em Economia

Perfil:
Os/As candidatos/as interessados/as deverão reunir os seguintes requisitos:
Trabalhador em funções públicas contratado ou designado por tempo indeterminado, licenciado, dotado de competências técnicas e aptidão para o exercício de funções de direção, coordenação e controlo que reúna quatro anos de experiência profissional em funções, cargos, carreiras ou categorias para cujo exercício ou provimento, seja exigível uma licenciatura, nos termos do art.º 20.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na atual redação, adaptada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, na atual redação.
Preferência com experiência comprovada no desempenho de funções na área de atuação em apreço.
Competências: orientação para os resultados; planeamento e organização; liderança e gestão das pessoas; otimização de recursos; decisão; desenvolvimento e motivação dos colaboradores; orientação para a inovação e mudança; tolerância à pressão e contrariedades; visão estratégica e capacidade de relacionamento interpessoal.
Requisitos legais de provimento para todas as referências: São os definidos nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, com a redação que lhe foi dada por posteriores alterações, aplicável à administração local por força do disposto no artigo 12.º da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, com a redação que lhe foi dada por posteriores alterações.
Métodos de Seleção:
Avaliação Curricular, Definição de Objetivos e Entrevista Profissional Pública.
Formalização de Candidaturas – As candidaturas serão apresentadas no prazo de 15 dias úteis contados a partir da data de publicação na Bolsa de Emprego Público (BEP), em suporte eletrónico, através do preenchimento de formulário disponível na página eletrónica do Município (Plataforma de Recrutamento), https://recrutamento.cm-feira.pt/processos-ativos
Não serão aceites candidaturas entregues em suporte de papel.
Na apresentação da candidatura por meios eletrónicos a validação é feita por submissão do formulário disponibilizado para esse efeito, acompanhado do respetivo currículo e demais documentos, devendo o/a candidato/a guardar o comprovativo.
As candidaturas podem ser efetuadas até às 23h59 horas do último dia do prazo para apresentação das mesmas.
A candidatura deverá ser acompanhada dos seguintes documentos:

- Documento comprovativo das habilitações literárias;
- *Curriculum vitae* detalhado, datado, e assinado, do qual devem constar, designadamente, as habilitações literárias, funções que exerce e que exerceu, com particular incidência em funções relacionadas com o perfil pretendido, participação em trabalhos e projetos e ainda formação profissional, que possui, juntando fotocópia dos respetivos certificados, diplomas ou outros documentos credíveis que indiquem expressamente o nº de horas ou dias;
- Documento onde conste a Definição de Objetivos, com o máximo de 5000 caracteres (espaços incluídos), que caracterize objetivamente num plano, as 4 dimensões em avaliação (Estratégia(s), Método(s), Técnica(s), Procedimento(s)), evidenciando a sua linha orientadora para a gestão da unidade orgânica (Divisão de Educação e Juventude), com demonstração evidente do conhecimento dos documentos disponíveis no site da organização, nos seguintes links:
- Ficha de Caraterização da Unidade Orgânica - https://cm-feira.pt/documents/20142/0/Ficha_Caracterizacao_DEJ.pdf/5900f14a-752b-4485-161c-447e4c9a79f2;
- Carta Educativa (versão 2019 homologada) - https://cm-feira.pt/web/guest/documentode-revis%C3%A3o-da-carta-educativa;
- Plano Anual de Atividades e Orçamento Municipal 2024 - https://cmfeira.pt/documents/20142/0/Plano%26Or%C3%A7amento2024.pdf/947108e0-e0d1-488b-dd477ab42b91bd93;
- Plano Estratégico Educativo Municipal - https://cm-feira.pt/documents/20142/1456375/PEEM_SMF_2030.pdf/2337bf7c-b0d5-8ac2-3be8a94aa1f6cd4d.
- Declaração onde conste a identificação da relação jurídica de emprego publico previamente estabelecida, bem como da carreira e categoria de que seja titular, da atividade que executa e do órgão ou serviço onde exerce funções e da respetiva antiguidade.

Paços do Município de Santa Maria da Feira, 09 de agosto de 2024

A Vereadora do Pelouro de Administração, Finanças e Modernização Administrativa
Sónia Marisa Lopes Azevedo, Dr.ª

BRAGA

Edital n.º 1092/2024

Sumário: Abertura de discussão pública da alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 10/1999 – Processo n.º 15/1998/10451/0 – E/34077/2024.

Discussão Pública – Alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 10/1999 – Processo n.º 15/1998/10451/0 – E/34077/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e), do n.º 1 e n.º 4, do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao lote 1, da Licença de Loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 10/1999, sito no Lugar da rua do Carreiro, da freguesia de Palmeira, deste concelho, em que é requerente Maria Manuela de Oliveira e Cunha e consiste no seguinte: aumento da área de implantação para 203,00m²; aumento da área construção para 337,00m²; alteração da cota de soleira para alteração da tipologia para H+G+H, sendo 2 pisos abaixo da cota soleira, o 1.º destinado a Garagem e o 2.º a Habitação, e 1 piso acima da cota de soleira destinado a Habitação; aumento da área de construção para 337,00m², dos quais, 308,00m² destinados a habitação e 29,00m² destinados a garagem. As referidas alterações, implicam modificações aos valores globais do loteamento, nomeadamente no aumento da área de implantação e da área de construção para 2.291,20m² e 5.444,60m², respetivamente, mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Não há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

18 de julho de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*

BRAGA

Edital n.º 1093/2024

Sumário: Discussão pública – alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 48/2001 – processo n.º 15/2001/4574/0 – E/41826/2024.

Discussão Pública – Alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 48/2001 – Processo n.º 15/2001/4574/0 – E/41826/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e), do n.º 1 e n.º 4, do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao lote 64 do alvará de loteamento n.º 48/2001, sito no Lugar de Romil ou Pegada, da freguesia de Adaúfe, deste concelho, em que é requerente PHINVEST, L.da e consiste no seguinte: aumento da área de implantação para 241,20m², redução da área de construção para 241,20m², dos quais 194,00m² são destinados a Habitação e 47,20m² destinados a Garagem; redução do volume de construção; alteração da cota de soleira; redução do n.º de pisos, passando a construção a ser constituída por 1 piso acima da cota de soleira destinado a habitação e garagem, alterando a tipologia para G/H. As referidas alterações, implicam modificações aos valores globais do loteamento, nomeadamente no aumento da área total de implantação para 7 027,10m², na redução da área total de construção e do volume total de construção para 19 669,90m² e 59 009,70m³, respetivamente, mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Não há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

18 de julho de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*

Insolvência da Multiparques A Céu Aberto - Campismo e Caravanismo em Parques, S.A.

(NIPC 507 642 260)

Processo n.º 40/21.6T8ODM, Juízo de Competência Genérica - Juiz 1
Tribunal Judicial da Comarca de Beja

VENDA – CARTA FECHADA

Por determinação do Administrador da Insolvência e com a concordância da Comissão de Credores, procede-se à venda, mediante receção de propostas em carta fechada, dos Bens que a seguir se identificam (que correspondem à generalidade do ativo da Insolvente e a um ramo de atividade independente), conforme as condições expressas no presente anúncio:

Lote único composto por imóvel sito em Herdade A-De-Mateus, São Salvador e Santa Maria, Odemira, Beja, 7630-011, Portugal, conjuntamente com outros bens melhor identificados *infra* (Zvillas e direitos).

Visitas: Data e hora a acordar com Administrador da Insolvência
Informações: Dr. Pedro Miguel Cancela Pidwell Silva
Contactos: +351 231 515 560
Morada: Rua Júlio Maia, n.º 74, 3780-233 Anadia
E-mail: pedro.pidwell@tapp.pt

CONDIÇÕES DA VENDA

*Objeto: **lote único** composto por Imóvel e Zvillas (melhor identificados infra, em (1) e (2)), acompanhados inter alia de todas as benfeitorias, construções, partes integrantes e acessórias, licenças, registos, títulos, (inter alia, Titulo de Registo de Exploração) direitos e pretensões urbanísticas e administrativas e, ainda, direitos de autor (incluindo os relativos (i) ao projeto de arquitetura e especialidades do licenciamento anterior e (ii) ao projeto que serve de base ao PIP em curso).*

(1) Imóvel, que corresponde a prédio misto, denominado "HERDADE A-DE-MATEUS – LOTE C", sito em São Salvador, na freguesia de Longueira/Almograve, concelho de Odemira, descrito na Conservatória do Registo Predial de Odemira sob o número 1192, da freguesia de São Salvador, e inscrito na respetiva matriz predial, a parte urbana sob o artigo 3690, e a parte rústica sob o artigo 13, secção P, ambos da freguesia de Longueira/Almograve.

(2) 123 (cento e vinte e três) Zvillas, que correspondem a 80 (oitenta) T1 e 43 (quarenta e três) T2.

Valor-base: €12.700.000,00, assim discriminados: (i) €12.349.999,00 imputável ao Imóvel; (ii) €350.000,00 imputáveis às Zvillas, e; (iii) €1,00 imputável aos demais direitos acima indicados.

Valor mínimo de venda (85% do Valor-base): €10.795.000,85, assim discriminados: (i) €10.497.500,00 imputável ao imóvel; (ii) €297.500,00 imputáveis às Zvillas e demais equipamentos móveis que fazem parte do empreendimento Zmar, e; (iii) €0,85 imputável aos demais direitos acima indicados.

REGULAMENTO DA VENDA

1. Os Bens acima descritos correspondem à generalidade do património da Insolvente e consubstanciam um ramo de atividade independente. Tais Bens encontram-se identificados no Auto de Apreensão de Bens.

2. O Auto de Apreensão de Bens encontra-se à disposição para consulta dos interessados no escritório do Administrador da Insolvência, sito na Rua Júlio Maia, n.º 74, 3780-233 Anadia, entre as 9:00h e as 18:00h em qualquer dia útil, até ao próximo dia 26/09/2024, podendo também ser disponibilizado por correio eletrónico, mediante solicitação para o efeito dirigida ao Administrador da Insolvência.

3. Após a assinatura do contrato de confidencialidade (o "NDA"), a informação detalhada sobre os Bens encontrar-se-á disponível num VDR. O respectivo acesso será concedido pelo Sr. Rui Rocha, da Equipa comercial da Hipoges, e cujo o endereço electrónico é rrocha@hipoges.com.

4. A massa insolvente, o Administrador da Insolvência, a comissão de credores, e respetivos credores (ou qualquer outro órgão da insolvência), e os seus assessores e respetivos trabalhadores/colaboradores, não assumem qualquer responsabilidade ou emitem qualquer declaração, explícita ou implícita, sobre a veracidade, fiabilidade, correção e plenitude da informação que for prestada aos interessados ou levantada pelos mesmos. A referida informação é prestada num contexto de mera colaboração, sem que daí resulte qualquer responsabilidade ou vinculação para a massa insolvente, para o Administrador da Insolvência, para a comissão de credores, e respetivos credores (ou para qualquer outro órgão da insolvência) e para os seus assessores e respetivos trabalhadores/colaboradores, a qualquer título.

5. A alienação dos Bens é feita a título irrevogável, definitivo e integral, advertindo-se que apenas serão aceites propostas para a totalidade do lote (melhor identificado *supra*). Os Bens são alienados no estado jurídico, económico, administrativo, comercial, tributário, regulatório e financeiro em que se encontram atualmente, incluindo, em matéria de licenciamento e da situação relativa aos contratos com Zmontes e UL Campers. Os potenciais interessados ficam desde já advertidos de que deverão proceder, de forma independente (e sem qualquer *reliance* ou garantias da massa insolvente, do Administrador da Insolvência, da comissão de credores, e respetivos credores, ou de qualquer outro órgão da insolvência, a qualquer título), às investigações, análises, estudos e juízos que considerarem convenientes para efeitos de auditoria (jurídica, económica, financeira, comercial, fiscal, regulatória, administrativa, etc.) dos Bens e, bem assim, de qualquer outro aspeto relacionado com a aquisição que venham a realizar, tudo por forma a tomarem uma decisão informada e consciente sobre a decisão de apresentar uma proposta e de adquirir os Bens. A apresentação de uma proposta implica a assunção de que os proponentes realizaram a sua própria análise, com base nas suas próprias fontes, que obtiveram o apoio de profissionais especializados para a mensuração das consequências (legais, fiscais, financeiras, entre outras) da transação (nas várias jurisdições relevantes), de forma independente face a qualquer informação prestada, e concluíram ser de avançar (aceitando os riscos e contingências eventuais) para a aquisição dos Bens.

6. À massa insolvente, ao Administrador da Insolvência, à comissão de credores, e aos respetivos credores (ou a qualquer outro órgão da insolvência), não poderão ser assacadas quaisquer responsabilidades por descrições incorretas no presente anúncio que possam induzir em erro, assim como alterações que, relativamente à situação jurídica, tributária, administrativa, económica ou financeira, entre outra, dos Bens.

7. Os interessados na aquisição dos Bens devem remeter as propostas reduzidas a escrito, por carta fechada, entregue em mão ou enviada via correio registado com aviso de receção, contendo a referência "Insolvência da Multiparques A Céu Aberto - Campismo e Caravanismo em Parques, S.A.", para o domicílio profissional do Administrador da Insolvência.

8. Apenas serão aceites propostas rececionadas até 12:00 horas do dia 27/09/2024, sendo que a abertura das propostas rececionadas será efetuada no domicílio profissional do Administrador da Insolvência às 11 horas e 30 minutos do dia 30/09/2024.

9. No ato de abertura de propostas e caso se verifique a existência de mais que uma proposta de valor superior ao valor mínimo de venda anunciado, iniciar-se-á licitação entre os proponentes presentes que apresentarem propostas de valor superior ao valor mínimo anunciado, aceitando-se o lance de maior valor. Eventuais propostas inferiores ao valor mínimo de venda serão apresentadas à comissão de credores para eventual apreciação conjunta entre o Administrador da Insolvência e aquele órgão da insolvência, podendo ser aceitas em caso de concordância entre os mesmos.

10. Em simultâneo com a apresentação da proposta, o proponente deverá entregar a título de caução em valor correspondente a 5 % do montante global da proposta, através de cheque visado ou bancário, emitido à ordem da Massa Insolvente de Multiparques A Céu Aberto - Campismo e Caravanismo em Parques, S.A.

11. A proposta deve ser acompanhada por uma declaração emitida por instituição de crédito de primeira ordem com sede em Portugal ou por sucursal Portuguesa de instituição de crédito estrangeira com "rating AAA", comprovativa de que o proponente dispõe de fundos ou crédito para concluir a operação de compra objeto da proposta que apresentou, salvo se for requerida a adjudicação nos termos legais.

12. A não entrega do cheque de caução bancário ou visado de 5 % do valor da proposta (v. acima ponto 10)) e/ou a não apresentação da declaração acima mencionada no ponto 11), em simultâneo com a proposta, implica a sua exclusão. Os cheques apresentados pelos proponentes cujas propostas não forem consideradas, serão de imediato devolvidos.

13. O valor remanescente, ou seja, 95 % do valor da venda, deverá ser pago na Escritura de Compra e Venda mediante a entrega à massa insolvente de cheque bancário ou visado.

14. A Escritura de Compra e Venda será agendada pela Massa Insolvente no prazo máximo de 90 (noventa) dias a contar da comunicação do Senhor Administrador da Insolvência da aceitação da proposta, sendo da responsabilidade do comprador a reunião e obtenção de todos os documentos para efeitos de transação e ainda do pagamento de todos os impostos e custos associados à aquisição.

15. O conjunto de ativos a transmitir constituem a generalidade de um património suscetível de constituir um ramo de atividade independente pelo que, nos termos do art.º 3.º, n.º 4, do Código do IVA, não incidirá IVA sobre a venda. O comprador deve cumprir os requisitos de que depende a aplicação do 3.º, n.º 4, do Código do IVA, designadamente, deve ser um sujeito passivo de IVA.

16. A retirada de alguma proposta entregue ou o incumprimento do dever de celebração do contrato de compra e venda dos Bens que fazem parte do lote implica a perda a favor da Massa Insolvente do valor da caução entregue pelo respetivo proponente nos termos do ponto 10) acima, sem prejuízo do direito de reclamar o dano excedente.

17. A adjudicação dos Bens que compõem o lote será feita à proposta válida de valor mais elevado e a posse dos bens apenas será transmitida na data da outorga da Escritura.

18. Sob pena de serem excluídas, as propostas terão de conter os seguintes elementos: (i) Identificação do proponente (nome ou denominação social, morada, n.º de contribuinte, telefone e correio eletrónico); (ii) Declaração de aceitação integral das presentes condições; (iii) Identificação do valor oferecido por extenso, expresso em Euros.

19. Na proposta apresentada, os proponentes deverão ainda declarar expressamente a aceitação integral e incondicionada das condições vertidas no presente anúncio e das suas consequências. A ausência de uma declaração expressa e incondicionada de aceitação, nos termos indicados, implicará a exclusão da respetiva proposta.

20. Na data da abertura das propostas será lavrada uma ata da respetiva sessão da abertura de propostas, com a descrição das propostas e sinais entregues, e sendo caso disso, do processo de licitação entre concorrentes.

21. A ata e as propostas serão de imediato remetidas aos autos do processo de insolvência para consulta pelos credores e demais interessados.



EDITAL

Assunto: Expropriação do "Ribs - Reforço da Ligação do Sistema de Abastecimento em Alta do Sotavento/Barlavento Algarvio" – Publicitação nos termos e para os efeitos do n.º 4 do artigo 11.º, do Código das Expropriações

Nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 4 do artigo 11.º, do Código das Expropriações, aprovado pelo Decreto-Lei nº 168/99, de 18 de setembro, na sua redação atual, a sociedade Águas do Algarve, S.A., faz público o seguinte:

Ficam os proprietários e demais interessados notificados de que, por deliberação de 08 de julho de 2024, a Comissão Executiva da sociedade Águas do Algarve, S.A., empresa concessionária do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e de Saneamento do Algarve, criado pelo Decreto-lei n.º 93/2019, de 15.07, na reunião de 21 de dezembro de 2023, deliberou requerer, ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 10.º do Código das Expropriações (aprovado pela Lei n.º 168/99, de 18.09., na sua redação atual), e do Decreto-Lei n.º 15/2021, de 23.02., na redação que lhe foi conferida pela Lei n.º 5/2023, de 20.01, conjugados com o disposto na Base XVIII das Bases da Concessão (aprovadas em anexo ao regime jurídico da construção, exploração e gestão dos sistemas multimunicipais de captação e tratamento de água para consumo público, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 319/94, de 24.12, na redação que lhe foi conferida pelo Decreto-Lei n.º 195/2009, de 20.08 de agosto), bem como com o disposto na Cláusula 29.ª do Contrato de Concessão do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e de Saneamento do Algarve, assinado a 24.07.2019, a expropriação sobre os prédios identificados no quadro em anexo à presente resolução, o qual contém a identificação dos proprietários dos imóveis expropriados com a expropriação e demais interessados conhecidos, a largura e comprimento da faixa da expropriação, os ónus e/ou os encargos que a sua constituição implica, a previsão do montante de encargos a suportar com a expropriação e, ainda, o que se encontra previsto nos instrumentos de gestão territorial para a zona de localização dos imóveis a expropriar.

(conjuntamente designados por **"Prédio"**)

Por se desconhecerem outros interessados, para efeitos da alínea b) do n.º 1 e do n.º 5 do artigo 10.º do Código das Expropriações aplicáveis, utiliza-se este meio para publicitar a existência da seguinte proposta de acordo por via do direito privado para as expropriações com as características acima mencionadas (a qual foram igualmente notificadas diretamente aos proprietários dos Prédios nos termos conjugados do artigo 11.º do Código das Expropriações):

As propostas apresentadas no quadro anexo têm por referência o valor apurado nos relatórios elaborados por perito da lista oficial, o qual constam em anexo à resolução de expropriar.



Para qualquer esclarecimento sobre o conteúdo da referida resolução de requerer a expropriação, dos documentos que a instruem, bem como das propostas de expropriação por via do direito privado apresentadas, deverá ser contactada a entidade expropriante, através dos seguintes contactos:

Aero-Topográfica, Lda.
Morada: Rua Tierno Galvan, Torre 3 – 8.º andar – 1070-274 Lisboa
Pessoa de contacto preferencial: Eng.ª Maria José Morais
Telefone: 917 841 232
Email: aerotopografica@gmail.com

Ficam, assim, por esta via, notificados os proprietários dos Prédios e todos os eventuais outros interessados para, no prazo de 30 dias contados da última publicação a que se refere o n.º 4 do artigo 11.º do Código das Expropriações aplicável, dizerem o que se lhes oferecer sobre as propostas apresentadas, podendo, querendo, apresentar contraproposta nos termos do n.º 5 do mesmo artigo 11.º.

A resposta à proposta de aquisição constante deste edital, bem como a apresentação de eventual contraproposta deverá ser dirigida à entidade interessada na expropriação, através dos contactos acima indicados.

A recusa ou falta de resposta no prazo referido no parágrafo anterior, ou a falta de interesse na contraproposta confere à entidade expropriante a faculdade de requerer, de imediato, a declaração de utilidade pública, nos termos do artigo 12.º do Código das Expropriações.

O Presidente do Conselho de Administração, *António Paulo Jacinto Eusébio*

Em anexo: Mapa de expropriação com identificação dos prédios e proprietários; Plantas parcelares com a delimitação da área que se pretende expropriar.

MAPA DE EXPROPRIAÇÕES

Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Algarve – Sistema de Abastecimento de Água

ÁGUAS DO ALGARVE

RIBS - REFORÇO DA LIGAÇÃO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO EM ALTA DO SOTAVENTO/BARLAVENTO ALGARVIO

Nº DA PARCELA	NOME E MORADA DOS PROPRIETÁRIOS E OUTROS INTERESSADOS	IDENTIFICAÇÃO DO PRÉDIO						IDENTIFICAÇÃO DA PARCELA		
		MATRIZ		DESCRIÇÃO PREDIAL	FREGUESIA / CONCELHO	CONFRONTAÇÕES DO PRÉDIO		NATUREZA DA PARCELA (CLASSIFICAÇÃO PREVISTA NO PDM)		ÁREA (m2)
		RUSTICA	URBANA					SERVIDÕES E RESTRIÇÕES DE UTILIDADE PÚBLICA	CLASSES DE ESPAÇOS	
1.1	MUNICIPIO DE ALBUFEIRA Rua do Município 8201-863 Albufeira	28 Secção P		14495/20080715	Albufeira Ferreiras	N: Estrada Nacional S: Manuel Martins Veiga Arvela E: Caminho e Escola O: Estrada			Espaços Urbanizáveis	58 m²
29.2	Maria do Carmo Arez Cristovão Lisboa Correia e Valter Cristovão Lisboa Correia Patã de Cima, Boliqueime 8100-087 Loulé	127 Secção N		7260/19910807	Albufeira Ferreiras	Norte: Francisco Gonçalves Dias e outros Sul: Barranco Nascente: Linha férrea Poente: Caminho		RAN / REN	Zona Agrícola Condicionada	29 m²
75	Elisa José Vidaerrada Coelho Caetano Rua da Estibeira nº8 Cx 780 8100-070 Boliqueime	173		4681/19990210	Loulé Boliqueime	N: Caminho S: Francisco Costa Café e Bento Silva E: Caminho O: Manuel Dias Júnior		RAN	Espaços Agrícolas - Áreas de Reserva Agrícola Nacional	2423 m²
75A	Herdeiros de Celestina Tomé Filipe (CCH Vitor Manuel Martins) Branqueira 8200-315 Albufeira	00174-R		4235/19971107	Loulé Boliqueime	N: Caminho S: Bento Silva E: Bento Silva O: Manuel Caetano		RAN	Espaços Agrícolas - Áreas de Reserva Agrícola Nacional	1066 m²
1	Alexi Koby Shanti Shala, Ferrarias 8135-018 Almancil				Loulé Almancil	N: Declaração de Titularidade n.º 78950 S: Estrada E: Declaração de Titularidade n.º 72837 e outros O: Estrada			Espaços Urbanizáveis - Áreas de Expansão (tipo A, B, C)	748 m²
2	Desconhecido				Loulé Almancil	N: Declaração de Titularidade n.º 80112 e outros S: Caminho E: Linha férrea O: Declaração de Titularidade n.º 28139 e outros			Espaços Florestais - Áreas de Protecção	3611 m²
3	Ediclube - Edição e Promoção do Livro S.A. (entidade que instaurou a penhora) R Industria, 4 2610-157 Alfragide Carlos Augusto Cardoso Coimbra (passivo) Lg General Guerra 36 2080-184 Almeirim	84 Secção A		1701/20010411	Olhão Pechão	N: Manuel Ramalho S: Caminho E: Joaquim de Brito do Vale O: José Mártires Mil Homens		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	7425 m²
4	Bruno André dos Reis Baptista Martins R Jornal Folha Domingo Lt 6 r/c Esq 8005-245 Faro	88 Secção A		921/19921026	Olhão Pechão	N: João Maria da Ponte e Outros S: Fernando Lopes das Neves E: Manuel Martins O: Dorila Jacinta Pereira		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	775 m²
5	Bruno André dos Reis Baptista Martins R Jornal Folha Domingo Lt 6 r/c Esq 8005-245 Faro	87 Secção A		1113/19941220	Olhão Pechão	N: Francisco Viegas S: Manuel Rasmalho E: Joaquim Rasmalho O: Francisco Ramos		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	1027 m²
6	Bruno André dos Reis Baptista Martins R Jornal Folha Domingo Lt 6 r/c Esq 8005-245 Faro	86 Secção A		1258/19960513	Olhão Pechão	N: Viegas e Guita, Lda. S: Manuel Martins E: Fernando Lopes das Neves O: Fernando Lopes das Neves		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	610 m²
7	Bruno André dos Reis Baptista Martins R Jornal Folha Domingo Lt 6 r/c Esq 8005-245 Faro	77 Secção A		1114/19941220	Olhão Pechão	N: Cecília da Conceição Rodrigues Viegas S: Águas do Sotavento Algarvio, SA e Outro E: Cecília da Conceição Rodrigues Viegas O: António Inácio Gago Viegas		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	1668 m²
8	Bruno André dos Reis Baptista Martins R Jornal Folha Domingo Lt 6 r/c Esq 8005-245 Faro	205 Secção A		1528/19981211	Olhão Pechão	N: Gil Eugénio Brás S: Ribeiro E: Estrada Nacional 396 O: Maria da Conceição e Outros		RAN	Espaços Agrícolas - Condicionado I	96 m²
ÁREA TOTAL DE EXPROPRIAÇÃO								**19536 m²**		
NÚMERO TOTAL DE PARCELAS								**11**		

ERIC GORSKI/FLICKR



O cometa Swift-Tuttle é o responsável pelas Perseidas, a chuva de estrelas entre o fim de Julho e meados de Agosto

A chuva de estrelas de Agosto é também uma festa dos 500 anos de Camões

A vila de Constância e a aldeia de Fajão preparam-se para receber os visitantes – a entrada é gratuita – que queiram apreciar as Perseidas num ambiente escuro. É das maiores chuvas de estrelas do ano

Teresa Firmino

Chegou a altura do ano em que somos presenteados com as Perseidas, a chuva de estrelas que parece cair da constelação de Perseu. Ainda que possam ver-se em qualquer sítio onde predomine a escuridão do céu, à volta das Perseidas organizaram-se algumas iniciativas que darão um ambiente de festa a este espectáculo de astronomia. Por exemplo, no Geoscope – Observatório Astronómico de Fajão, aldeia do concelho da Pampilhosa da Serra, haverá uma viagem pelo céu, na noite de hoje para amanhã, conduzida pelo divulgador de astronomia José Augusto Matos. Já o Centro Ciência Viva de Constância, que acolhe a Astrofesta este fim-de-semana, oferece um programa que, além das Perseidas e de um passeio pelo céu com o astrónomo Máximo Ferreira, inclui uma sessão no planetário sobre a astronomia de *Os Lusíadas* – uma maneira de festejar o nascimento de Luís de Camões há 500 anos.

As Perseidas "têm um período longo, de 27 ou 28 de Julho até à volta de 16 de Agosto", começa por explicar Máximo Ferreira, director do Centro Ciência Viva de Constância – Parque de Astronomia. "Mas o pico é sempre na noite de 11 para 12 de Agosto ou de 12 para 13 de Agosto." Este ano, o pico de intensidade é esperado para a noite de 12 para 13 de Agosto – ou seja, de segunda-feira para terça-feira.

Esta chuva de estrelas tem a sua origem nas poeiras deixadas para trás pelo cometa Swift-Tuttle nas suas passagens perto da Terra, a intervalos de 133 anos. "De cada vez que passa, reabastece essa esteira de poeiras", explica Máximo Ferreira. Tendo sido a última passagem pelo interior do sistema solar em 1992, apenas em 2125 voltará a aproximar-se de nós.

Porém, quando a Terra atravessa anualmente essa região do espaço onde estão as poeiras do Swift-Tuttle, o resultado é que elas entram na atmosfera terrestre e originam meteoros – fenómenos luminosos também conhecidos por "estrelas cadentes" ou "chuva de estrelas".

As Perseidas são das maiores chuvas de estrelas do ano, a par das Geminídeas – que parecem cair da constelação dos Gémeos –, com o pico de intensidade por volta de 13 de Dezembro. O pico de ambas as chuvas de estrelas anda pelas 50 estrelas cadentes por hora. A 16 de Novembro, as Leónidas, que parecem vir da constelação do Leão, não lhes ficam muito atrás e em alguns anos aproximam-se daquela frequência por hora.

Em Constância com Camões

No Centro Ciência Viva de Constância, o programa das festas de hoje começa logo pelas 10h – com um minicurso de introdução à astronomia por Máximo Ferreira – e prolongar-se-á até às 10h de amanhã. Os participantes podem, pois, instalar as suas tendas e fazer observações da chuva de estrelas durante a noite inteira de sábado para domingo.

"A ideia é estar a olhar [por exemplo] para Saturno pelo telescópio e de repente aparece aqui e ali um meteoro, ou estrela cadente", realça Máximo Ferreira, adiantando que o dia de hoje é preenchido por palestras, *workshops* e sessões no planetário do Centro Ciência Viva de Constância.

Já na 29.ª edição, a Astrofesta não se cingirá às Perseidas. Um pequeno laboratório de heliofísica, por exemplo, permitirá ver as manchas solares e as protuberâncias do Sol, numa altura em que o Sol tem grande actividade ao ponto de este ano já nos ter brindado com auroras boreais até em Portugal, como aconteceu em Maio.

A ligação de Luís de Camões à astronomia estará também em destaque, até porque Constância é apontada

como um dos possíveis locais do nascimento do poeta, em 1524. Ainda hoje, haverá uma sessão no planetário dedicada precisamente à astronomia de *Os Lusíadas* e à viagem de Vasco da Gama à Índia (pelas 14h30), bem como uma palestra sobre Camões em Constância como comemoração do seu nascimento há cinco séculos (pelas 19h). Amanhã de manhã, o programa da Astrofesta é ocupado por uma visita à Casa-Memória de Camões e por actividades sobre a vida e obra do poeta.

Na sessão no planetário sobre *Os Lusíadas*, Máximo Ferreira realça que o objectivo é evocar o vasto conhecimento de Camões na área da astronomia, "conhecimento que ele dominava na perfeição, segundo o saber astronómico da época". A sessão inicia-se com uma referência ao modelo geocêntrico do mundo, que punha a Terra a ocupar o centro do mundo – "conceito em que assenta a lição que a deusa Tétis apresenta a Vasco da Gama na *Ilha dos Amores*". Depois, o planetário começará por representar o céu de 10 de Agosto de 2024 para, de seguida, o comparar com o de 8 de Julho de 1497, data da partida de Vasco da Gama para a Índia.

"São identificadas as constelações circumpolares – que Camões descreve na apresentação da 'pintura celestial' – e referidas citações à mitologia que o poeta lhes associou. De vez em quando, uma límpida voz feminina irrompe – no escuro – com a recitação de versos de *Os Lusíadas* que o poeta lhes associou", diz ainda.

O planetário simulará a viagem, para sul, em direcção às ilhas Canárias, onde a frota de Vasco da Gama chegou a 15 de Julho de 1497, "vendo-se a Estrela Polar mais baixa", assinala. "Segue a viagem até Cabo Verde, de onde a altura da Estrela Polar é bem inferior. O planetário – e a citação de versos alusivos – evocam a circunstância que Camões observou: 'Vimos as Ursas, a pesar de Juno,/ Banharem-se nas águas de Neptuno...'", conta Máximo Ferreira. "Com o decurso da viagem para sul, perde-se a visão da Estrela Polar e passa a ser o Cruzeiro do Sul, que ajuda à localização do Pólo Celeste Sul: 'Já descoberto tínhamos diante,/Lá no novo Hemisfério, nova estrela...'"

Máximo Ferreira diz ainda que esta sessão no planetário terminará com referências ao "gigante Adamastor", à passagem do Cabo das Tormentas e à chegada a uma latitude correspondente ao rio do Infante (na África do Sul) – que Bartolomeu Dias alcançou em 1488, depois de ter dobrado nesse ano o Cabo das Tormentas, ou Cabo da Boa Esperança, como seria rebaptizado. "Daí até à Índia, repetia-se o céu observado até ao Cabo."

O cometa Swift-Tuttle foi descoberto em 1862. Visita-nos a cada 133 anos, voltando em 2125

Nem só de astronomia vive a Astrofesta. Pelas 19h30, um concerto de carrilhão por Ana Elias, que viaja com um carrilhão itinerante num camião. No local, poderão comprar-se sandes de porco no espeto, bifanas e caldo verde, para aconchegar o estômago hoje à noite. Até porque, a partir das 21h30, Máximo Ferreira iniciará as observações astronómicas pela noite fora. O passeio pelo céu com o astrónomo incluirá a Lua, enxames de estrelas, nebulosas, galáxias, Júpiter e Marte, além das Perseidas e de Saturno. "É aparecer!", convida.

E em Fajão

Ainda que haja várias iniciativas pagas pelo país para ver as Perseidas, o Geoscope – Observatório Astronómico de Fajão receberá os participantes de forma gratuita a partir das 15h de hoje. Poder-se-á assistir-se a um workshop de telescópios digitais, por Emanuel Santos, divulgador de astronomia da Associação de Física da Universidade de Aveiro (Fisua).

À noite, a partir das 22h, até por volta da meia-noite ou 1h da manhã, José Augusto Matos, coordenador científico do Geoscope e também da Fisua, tomará conta da observação do céu. "A Lua e Saturno serão os astros mais interessantes da noite", considera, dizendo que haverá dois telescópios, um outro óptico (convencional) e digital (que fará fotografias do céu). Falará das estrelas mais brilhantes, de constelações visíveis no céu ou do Zodíaco. E, a olho nu, observar-se-ão as Perseidas.

Recém-inaugurado dentro da rede das Aldeias de Xisto, um projecto de desenvolvimento turístico, o Geoscope é uma cúpula metálica num monte perto de Fajão. Esta armação semiesférica, com grades, assinala na paisagem um ponto de observação, explica José Augusto Matos.

O Geoscope está ligado a uma região obteve a certificação de "céu escuro" (ou "*dark sky*"), as Aldeias de Xisto, atribuída pela Fundação Starlight. Junta-se a outros três locais no país que têm a Certificação de Destino Turístico Starlight: o Observatório Oficial Dark Skay, na aldeia da Cumeada, no Alqueva; vários concelhos no Parque Natural Regional do Vale do Tua; e uma região no Gerês, em Arcos de Valdevez. Em relação ao Alqueva e a locais que mantêm um céu escuro e têm de controlar a iluminação pública, há ainda o Observatório do Lago do Alqueva, perto de Monsaraz.

Quanto ao responsável pelas Perseidas, o cometa Swift-Tuttle, foi descoberto em 1862 por Lewis Swift e Horace Tuttle, segundo o *site* da NASA. Pouco depois, em 1865, foi o astrónomo Giovanni Schiaparelli quem percebeu que o Swift-Tuttle era a fonte que alimentava as Perseidas. Este ano, elas animam a festa de aniversário de Camões.

Desvendado mecanismo de envelhecimento que contribui para o aparecimento de linfomas

Tiago Ramalho

Investigação percebeu como células do sistema imunitário se transformam em células cancerosas, em ratinhos que envelhecem

Se o envelhecimento é uma das principais causas para o aparecimento de doenças crónicas ou oncológicas, será importante conhecer como funciona para prevenir essas doenças. Ora, em mais um esforço da ciência para destapar o enigma que o mundo celular continua a ser, uma equipa de investigação norte-americana (e com dedo português) descobriu que há um estado celular que ajuda a transformar as células do sistema imunitário em células cancerosas. Ou seja, torna células boas em células más.

Esta é mais uma das descobertas feitas em ratinhos e que parece ter implicações nos humanos – os cientistas procuraram, e encontraram, padrões similares desse tal estado celular em amostras humanas. Mas como é que uma célula do sistema imunitário se transforma em vilã? Em duas fases cumulativas. Primeiro, os linfócitos B tornam-se células ABC (ou seja, células associadas ao envelhecimento, na sigla em inglês), um subconjunto dos linfócitos B muito associado a doenças auto-imunes e que também está, claro, muito mais presente quando somos mais velhos.

A segunda parte foi observada directamente em ratinhos (apesar dos tais padrões similares em humanos). Estas ABC interagem entre si e originam as ACBC (linfócitos B clonais envelhecidas na sigla em inglês) – as verdadeiras más da fita. Quando as ABC atingem este estado celular de ACBC, ficam biologicamente muito mais velhas e conseguem proliferar ou invadir outros tecidos. Pior: tornam-se cancerosas, provocando linfomas de células B aos ratinhos.

"Esta classe de células B dos animais com linfoma era biologicamente muito mais velha do que os próprios animais. Ou seja, um animal com 24 meses tinha idade biológica de 30 e muitos, quase 40 meses", explica José Pedro Castro, cientista da Universidade do Porto e da Universidade de Harvard (Estados Unidos), que participou neste estudo.

Há outra nota importante: "Estas células não precisavam de ir aos centros germinativos", diz. Estes centros germinativos são geralmente o "espaço" em que são induzidas as mutações em linfócitos B, mas estas células parecem ser autónomas – o que as pode tornar mais rápidas e perigosas. "Enquanto as ABC respondem ao meio ambiente [celular], quando se transformam em ACBC já não ligam ao que está no meio ambiente e começam a proliferar sem fronteiras."

Os resultados podem dar novas indicações sobre o que procurar para atacar preventivamente estes cancros do sangue, como explicam os autores no estudo publicado na revista *Nature Aging*. Mas ainda há um longo caminho até lá chegar. Até porque, para já, não sabemos muito mais sobre a origem e os efeitos deste estado celular (ACBC), nem sabemos se as células ABC têm outras funções importantes em fases mais jovens dos animais.

A pista do inchaço

O motivo pelo qual esta equipa científica estuda os linfomas de células B é bem simples: conveniência. "Os animais de laboratório que são estudados normalmente, os ratinhos de laboratório, morrem essencialmente de linfoma de células B", conta José Pedro Castro. Ora, aproveitando isto, os investigadores quiseram olhar para todo o contexto do envelhecimento, desde os ratinhos novos aos ratinhos mais velhos – e, no caso destes últimos, tenham ou não linfomas.

"Os baços destes animais com o envelhecimento já eram maiores, mas quando tinham linfoma ainda eram muito maiores", relata o português. As nossas células e órgãos aumentam e diminuem com a idade – o cérebro atrofia-se ligeiramente e o coração expande-se, por exemplo. Mas a pergunta surgiu: há relação entre o tamanho das células e este linfoma?

Sim. E, aqui, a investigação torna-se mais interessante. Se há relação entre as células e o linfoma, o próximo passo é descobrir o culpado por isso. Ao analisar bases de dados de células únicas para perceber o que se coadunava com o que tinham visto em ratinhos, descobriram esta subpopulação das ABC, das quais já se conheciam algumas funções. "Sabia-se que estas células já emergiam com o envelhecimento e que estão também relacionadas com doenças auto-imunes e infecções, mas não sabíamos que estavam associadas a cancro", nota.

Hora de testar, de facto, se o estado celular ACBC, provocado pela interacção entre células ABC, tem um impacto nos ratinhos ou se estariam apenas a observar um qualquer outro fenómeno. Então, os cientistas injectaram estas ACBC em ratinhos novos e estes, como consequência, morreram precocemente com linfomas, reduzindo significativamente a sua duração de vida – mas provando que os investigadores estavam certos.

Alguns animais começaram a morrer 30 dias após a injecção, por exemplo. "Os animais ficavam mais frágeis e passados dois meses e meio já só tínhamos 50% dos animais que começaram a experiência, porque a população estava a decair", diz o autor português. Nesta fase do estudo foi usada uma dezena de ratinhos.

"Tudo isto mostrou que estas células emergem claramente do processo de envelhecimento", acrescenta. Além disso, o padrão de expressão genética e das mutações são "muito semelhantes a estes linfomas de humanos", o que acarreta algumas esperanças para o futuro.

Há muito por saber sobre as funções das células ABC e deste estado celular canceroso, o ACBC. Se o mundo celular é um enigma, também o mundo do envelhecimento continua a ser. Não há ainda uma solução mágica, mas há mais um caminho – agora de mão dada com os linfomas.

UNIVERSIDADE DO PORTO



José Pedro Castro é um dos autores que descobriram o mecanismo

Este relógio de reis parece tudo menos um relógio

D. Carlota Joaquina quis tirar o trono a D. João VI e depois herdou-lhe o relógio. Duas pinturas recém-adquiridas também serão expostas em breve

Lucinda Canelas Texto
Catarina Póvoa Fotografia



Num palácio como o de Queluz há quase sempre trabalhos em curso. Se não são as fachadas a mudar de cor ou as esculturas do jardim em restauro, é a renovação da sala das porcelanas, a mostrar que da dieta de reis e infantes faziam parte o café e o chocolate, ou o restauro do órgão da capela, prestes a fazer-se ouvir outra vez. Nos últimos anos esta residência real tem sido alvo de vários projectos de requalificação, acompanhados por um enriquecimento pontual das suas colecções garantido pelo programa de aquisições que a Parques de Sintra – Monte da Lua, entidade que o gere, alargou a todos os monumentos que tem à sua guarda.

Não surpreende, por isso, que os seus visitantes venham a cruzar-se com as equipas que estão a limpar os enormes lustres dos salões, nem que haja agora três peças compradas nos últimos meses à espera que as estudem e, num dos casos, restaurem, para que possam ocupar os lugares que os conservadores do palácio já lhes destinaram, ajudando a compor a decoração do paço onde moraram, entre outros, os casais D. Maria I-D. Pedro III e D. Carlota Joaquina-D. João VI, assim como dois dos filhos deste último, D. Miguel I e D. Pedro IV, irmãos eternamente inconciliáveis.

Um retrato a óleo de D. João VI (c. 1815) ainda como príncipe regente da autoria do francês Henri-François Riesener; uma pequena pintura da Virgem feita pela princesa Maria Francisca Benedita, a mais nova das quatro filhas de D. José I e irmã da rainha D. Maria I; e um curioso relógio de fabrico francês (c. 1790) que poderá ter sido oferecido a D. João VI, muito provavelmente a peça mais interessante destes três lotes recentemente incorporados na colecção de Queluz.

À primeira vista, esta peça de gosto neoclássico, feita em mármores polidos e bronzes fundidos, cinzelados e dourados, parece uma escultura ou modelo de um monumento público, já que é difícil identificar de imediato o relógio que nela está integrado, de forma bastante engenhosa.

"Os franceses tiveram um papel muito importante no cruzamento da arte da relojoaria com as artes decorativas, criando peças como esta. Os ingleses e os alemães, que fizeram avanços técnicos impressionantes quando falamos de relógios, viam-nos no início, sobretudo, como objectos utilitários – os franceses vão muito além da funcionalidade", diz o mestre relojoeiro Paulo Anastácio, responsável pela conservação preventiva de todos os relógios do Palácio Nacional de Queluz (PNQ), 15 ao todo, contando com esta nova aquisição.

Para glória do poder real

Comprado por 35 mil euros num leilão no Porto, em Abril, este relógio poderá ter sido oferecido a D. João VI (1767-1826) na altura em que assumiu a regência do reino, em 1792. Hugo Xavier, historiador de arte e conservador do palácio, garante que a investigação em torno da peça ainda vai no adro, mas que já reuniu elementos precisos sobre a sua filiação francesa e o seu propósito, que está longe de se resumir a sinalizar a passagem do tempo. O relógio (96cm de altura sem plinto, 178cm com), que pertenceu ao banqueiro e mecenas Afonso Pinto de Magalhães (1913-1984), que foi presidente do Futebol Clube do Porto e fundador da Sonae, parece feito à imagem do obelisco que na cidade de Port-Vendres presta homenagem a Luís XVI (1754-1793), o rei deposto e guilhotinado pela Revolução Francesa.

O monumento, construído na primeira metade da década de 1780, está hoje despojado de grande parte dos seus elementos decorativos, bem visíveis, com adaptações, no relógio que está hoje em Queluz.

"É como se este relógio fosse uma maquete do monumento daquela cidade portuária em França, que está completamente descaracterizado, só em pedra. Os bronzes que tinha originalmente desapareceram com a revolução, como o próprio rei", diz Hugo Xavier. "O relógio tem, como o monumento teria, quatro relevos alusivos a grandes marcos do reinado de Luís XVI, panóplias de armas com elmos e escudos que representam os quatro continentes, tudo em bronze dourado", e ainda duas proas de navios pontiagudas que parecem prontas a furar um casco inimigo numa batalha qualquer.



Os acontecimentos relevantes do reinado que constam dos quatro relevos na base do obelisco em mármore, dois deles dando acesso ao mecanismo do relógio, por regra escondido, representam a independência dos Estados Unidos, a abolição da servidão em França, a liberdade do comércio marítimo e o relançamento da Marinha francesa, pode ler-se na ficha de inventário da peça, ainda em construção.

As "adaptações" feitas pensando num destinatário português são visíveis no globo que encima o obelisco e nas inscrições em português que constam de dois panejamentos em bronze junto às proas de navio.

"Estas inscrições têm excertos de um canto de *Os Lusíadas* e de uma carta de Sá de Miranda a D. João III, passagens que, de certa maneira, fazem a glorificação do poder régio, o que nos leva a avançar como possibilidade que esta peça seja uma espécie de reacção à Revolução Francesa, uma maneira de o rei português apoiar o rei francês", explica o conservador de Queluz, acentuando o "valor político, simbólico", deste relógio.

Em que circunstâncias chegou a Portugal? Quem o encomendou? Quem pediu para que fossem gravadas as palavras dos dois poetas? "Não sabemos como entra no país, mas pensamos que será um presente para o rei que depois passa para a sua viúva, D. Carlota Joaquina, que o tinha no seu palácio do Ramalhão [Sintra] quando morreu, aqui em Queluz. E pensamos que será do final do século XVIII, teoria que os chapéus de tricórnio nos homens representados nos quatro relevos parecem corroborar, o que significa que será 30 ou 40 anos mais antigo do que até aqui se julgava. Mas é preciso continuar a estudá-lo para conhecermos melhor a peça e o seu contexto."

D. João VI e Luís XVI tratavam-se por primos, embora não tivessem uma relação próxima, diz Hugo Xavier, apontando para o globo em metal no topo do obelisco de mármore, com o mapa de Portugal continental em que vêm assinaladas as cidades de "Lisbonne" ou de "Portalegre". É precisamente este globo, dividido ao meio e com numeração romana e árabe, que indica as horas.

"A serpente que tem na base é o ponteiro e está fixo, ao contrário do que acontece nos nossos relógios. O que roda são os dois discos que formam o globo", explica o mestre relojoeiro Paulo Anastácio, chamando a atenção para os elementos decorativos que o ligam a Portugal e para o muito que ainda não se sabe sobre esta peça. "Temos de o estudar mais e de o pôr a funcionar. Para já, o que podemos dizer é que é um relógio mecânico, com cordas ou molas para









**O relógio de fabrico francês terá sido feito por volta de 1790 e o seu mecanismo está oculto.
Retrato a óleo de D. João VI (c. 1815) da autoria de Henri-François Riesener.
À esq.: Hugo Xavier, historiador de arte e conservador de Queluz**

assinalar, com indicação sonora, as horas e as meias horas. Um disco é para as horas, o outro para os minutos. Tem um pêndulo suspenso por um fio de seda que não se vê, e o mecanismo, na base do obelisco, também está escondido. O relógio, aliás, está dissimulado nesta escultura. Se estivesse a funcionar, só víamos mexer os discos do globo.”

À época, por regra, estas peças eram colocadas no centro da divisão para a qual tinham sido especificamente desenhadas e serviam para “surpreender” e “divertir” os convidados da casa, acrescenta Paulo Anastácio, referindo-se ao relógio que terá pertencido a D. João VI e à sua viúva como uma “uma boa máquina, mas não inovadora”.

A falta de inovação não significa, neste caso, falta de sofisticação: “O sistema de discos tinha já sido testado, usado, mas era raro. Assim como era raro uma peça como esta, para ser vista de todos os lados. O facto de o relógio estar disfarçado e o seu mecanismo escondido, aponta para um trabalho de equipa, entre o relojoeiro e o artista. É uma peça tecnicamente arrojada.”

O facto de se parecer com o modelo do monumento de homenagem a Luís XVI pode explicar-se, diz o conservador Hugo Xavier, pelo facto de, na época, a imagem desse obelisco circular em várias gravuras, tanto do seu aspecto geral, quanto das quatro cenas representadas na base, dando conta de episódios relevantes no seu reinado.

O relógio, que constava do inventário das posses da rainha que muito se endividou para apoiar os esforços antiliberais do seu filho Miguel (D. Miguel I), mas também para comprar jóias, vestidos e *lingerie* nas melhores lojas de Paris, como bem mostram as listas de compras que se lhe conhecem, estava entre a lista de bens que decoravam a Quinta do Ramalhão em 1929, um ano antes da sua morte.

A rainha tê-lo-á herdado do marido, que morreu em 1826, aos 58 anos, em circunstâncias pouco claras. Durante muito tempo correram rumores de que teria sido assassinado pelos miguelistas, em virtude de uma conspiração que poderia até envolver a rainha, mas os historiadores dividiram-se quanto à tese de homicídio, tendo sido preciso esperar pelo ano 2000 para que um estudo forense apontasse para envenenamento com arsénio.

A rainha mal-amada

Carlota Joaquina (1775-1830), uma infanta de Espanha que em Portugal se tornou rainha, foi sempre muito mal vista pela corte dos Bragança, tanto em Lisboa como no Rio de Janeiro, não faltando sequer quem lhe atribuísse vários amantes e chegasse mesmo a defender que o infante D. Miguel não seria filho de D. João VI.

“Carlota chega a Queluz com dez ou 11 anos para casar com um príncipe oito anos mais velho. Tinha uma educação muito cuidada e um temperamento rebelde, se o compararmos com o das restantes mulheres da corte portuguesa, que estavam habituadas a visitar conventos e a pintar santinhos”, diz Hugo Xavier. Lembra que, nos últimos anos, a historiografia tem olhado para a figura de Carlota Joaquina para além da “lenda negra” que à volta dela se construiu e que levou a que a ela se referissem, em Portugal e no Brasil, como a “mulher tenebrosa” ou a “megera de Queluz”.

A corte portuguesa, “recatada”, não via com bons olhos as festas sumptuosas nos jardins de Queluz, que incluíam passeios de barco no canal dos azulejos, animais exóticos à solta entre os convidados e fogo-de-artifício, e não aceitava, sobretudo, a sua inclinação para a política e a sua tendência para diminuir as qualidades de governante de D. João VI.

“Ela era uma mulher com voz, coisa rara para a época, muito hábil nos bastidores da política, com grande influência junto do filho Miguel, que diziam ser o seu preferido, e muito coerente no seu apoio à causa absolutista.”

Da análise da sua correspondência, lembra Hugo Xavier, remetendo para um artigo da investigadora Teresa Martins Marques, da Faculdade de Letras de Lisboa, resulta um retrato diferente da rainha, com mais *nuances*. Escreve a investigadora, fazendo referência ao trabalho de duas colegas, a portuguesa Sara Marques Pereira, e a brasileira Francisca Nogueira Azevedo, que Carlota Joaquina era “uma mulher de elevada cultura política, com rasgos de extraordinária sagacidade, para além de mãe atentíssima, sobretudo no que concerne à saúde dos seus filhos”. Era também “uma filha dedicada” e uma “esposa muitas vezes terna, contra tudo o que dela se propalou”.

O marido, D. João VI, benevolente face às tentativas de usurpação do poder da mulher e do filho D. Miguel, é a figura retratada noutra das compras recentes para o paço de Queluz. A pintura foi adquirida na LAAF – Lisbon Art and Antiques Fair, e está, garante o conservador do PNQ, em “excelentes condições”. Mostra D. João VI quando era ainda príncipe regente e em breve deverá ser exposta nos seus aposentos no palácio.

“Tem muitos pontos de contacto com o retrato que há no Museu do Tesouro Real, em que já é rei, mas era desconhecida até que apareceu num leilão na Alemanha, em Março deste ano, onde foi comprada e, depois, vendida em Lisboa.” À Parques de Sintra, esta obra, que terá sido executada por volta de 1815, já com D. João VI no Brasil e prestes a tornar-se rei, custou 60 mil euros.

Obra do pintor Henri-François Riesener, filho do construtor de mobiliário alemão de Luís XVI e da sua Maria Antonieta, terá sido encomendado pelo marquês de Marialva, o então embaixador de Portugal em Paris, apurou já a investigação da equipa de Queluz. O ainda regente é representado a apontar para Portugal Continental num globo terrestre, que assenta sobre um mapa do Brasil, para que não restem dúvidas da ligação entre os dois territórios que, a partir de Dezembro de 1815, formariam o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

“O mais curioso neste retrato é que foi feito a partir de outras referências visuais, como gravuras, e da descrição oral que o marquês terá feito do rei”, diz Hugo Xavier. “O Riesener não foi ao Brasil pintar o D. João VI, que, aliás, não gostava nada de posar para os retratos.”

A aldeia de Cem Soldos "nasceu outra vez" e o Bons Sons volta a ocupá-la

As obras na aldeia, que no ano passado haviam inviabilizado o festival dedicado à música portuguesa, devolveram à comunidade um "espaço de encontro"





Reportagem

Daniel Dias Texto
Catarina Póvoa Fotografia

Margarida Mourão não é natural de Cem Soldos, mas mora há muitos anos na aldeia no município de Tomar que todos os anos (salvo excepções) recebe o presente e o futuro da música portuguesa, nos dias do Bons Sons. Anteontem, com concertos de Zarco, Cláudia Pascoal ou Valete, arrancou a 12.ª edição em 18 anos do festival, que em 2023 não se realizou devido às obras de requalificação do Largo do Rossio, epicentro da aldeia e, por extensão, do Bons Sons. Margarida, professora de Matemática e Físico-Química que no último ano lectivo conseguiu ficar colocada em Tomar, di-lo sem hesitações: as obras "fizeram Cem Soldos nascer outra vez".

Requalificar o Largo do Rossio era já uma vontade antiga, tão antiga quanto o próprio Bons Sons. O festival realizou-se pela primeira vez em 2006, quando a associação cultural que o organiza, o Sport Club Operário de Cem Soldos (SCOCS), celebrou o seu 25.º aniversário. O ano do quarto de século foi muito aproveitado pela direcção, constituída por "jovens de 22 anos" que haviam acabado de sair da aldeia pela primeira vez para estudar na faculdade e ver o mundo lá fora, para reflectir sobre "as vivências da aldeia". O Bons Sons foi um dos resultados desse processo – e sem dúvida o mais duradouro e visível. Outro, lembra Luís Sousa Ferreira – fundador do festival e um dos "jovens de 22 anos" que então estavam à frente do SCOCS –, foi a criação de um projecto para "repensar" o Largo do Rossio, que, "como todas as praças em Portugal", havia sido convertido de "espaço de encontro" em "parque de estacionamento".

O projecto criado em 2006 acabou por não levar, numa primeira fase, a lado nenhum, mas, quatro anos mais tarde, o SCOCS iniciou uma colaboração com a Universidade Lusófona de Lisboa, cujos estudantes de Arquitectura viriam a trabalhar com a comunidade, para perceber que Largo do Rossio desejavam os moradores. Estes eram, de certa forma, os derradeiros decisores: os alunos elaboravam maquetes com base na sua auscultação dos locais, que depois podiam, em assembleias realizadas no espaço do SCOCS, ver as miniaturas e tecer considerações.

Com o "conciliar das melhores ideias" recolhidas chegou-se a uma proposta de requalificação do largo, diz Luís Sousa Ferreira, que fez parte da direcção do Sport Club Operário de Cem Soldos durante 18 anos. A luta por financiamento foi longa e depois "os arquitectos que ganharam o projecto não conseguiram, por razões pessoais, executá-lo", mas em 2022, após a edição desse ano do Bons Sons, as obras, nas quais a Câmara de Tomar investiu cerca de 910 mil euros, saíram finalmente do papel. No final de Março foi inaugurado o novo Largo do Rossio.

Espírito comunitário

A intervenção, que se estendeu a "muitas ruas e áreas adjacentes ao largo", contempla vários elementos, como a "reestruturação das infra-estruturas, nomeadamente o abastecimento de água" (informação dada pelo município). Luís Sousa Ferreira destaca que "o trânsito, o grande inimigo da vivência da rua, principalmente para as crianças", está agora "muito mais condicionado". "O largo deixou de ser uma 'rotunda'", diz.

"[O largo] era um ponto de encontro aos domingos na hora da missa, por exemplo, mas sentíamos que o centro da aldeia estava a ser invadido pelos nossos próprios carros e que o largo estava a ser desaproveitado", comenta Margarida Mourão enquanto se prepara para jantar na Adega de São Pedro, restaurante que só existe nos dias do Bons Sons, activando um pequeno espaço detido pelo SCOCS (Margarida assume a liderança das operações da Adega de São Pedro juntamente com João, o seu companheiro; como muitos dos não muitos moradores de Cem Soldos, a professora colabora com o festival na condição de voluntária).

"Agora temos um largo que nos permite ser comunidade", prossegue, defendendo que as obras "devolveram a Cem Soldos aquilo que a aldeia é verdadeiramente". Passa a explicar: "Este lugar sempre foi conhecido por sentar à mesma mesa as várias gerações, mas a realidade é que o largo estava dividido: 'Aqui estão os mais novos, ali os mais velhos.' Agora voltámos ao nosso espírito comunitário, já conseguimos



Esta é a 12.ª edição do festival em 18 anos. Os chamados “jogos do Hélder” são uma atracção lúdica no Largo do Rossio agora recuperado. Margarida Mourão, professora de Matemática e Físico-Química, vive há anos na aldeia de Cem Soldos e é voluntária no festival. Concerto do *rapper* Valete; na foto em baixo, Raquel Pimpão/ Femme Falafel. Luís Sousa Ferreira fundou o Bons Sons e foi o seu director artístico até 2019







misturar as pessoas.” Margarida acrescenta que “só quem passa pelo largo durante os dias normais percebe” que ele é “habitado novamente todos os dias”. “A qualquer hora tem gente e há coisas a acontecer. É fantástico.”

Mote: viver a diversidade

Foi com temperaturas dignas de Verão e a excitação que acompanha a saudade que, anteontem, o Bons Sons voltou a instalar-se em Cem Soldos, instalando também na aldeia uma série de visitantes temporários. Como os “mitras *indie*” a quem Raquel Pimpão, ou Femme Falafel (se houver por aí algum concurso que premeie o melhor nome artístico, avisem-na), dedica uma das suas músicas.

Eram 15h30 e já a víamos, juntamente com Lana Gasparotti (teclas), Tiago Martins (baixo) e Francisco Santos (bateria), em cima do palco Giacometti, a tocar o seu teclado ultra-anos 1970 quase tão habilmente como Maradona driblava a bola (foi com uma camisola do astro argentino que se apresentou). Raquel Pimpão, que também conhecemos do grupo Fumo Ninja, junta *synth-funk* deveras sedento de uma pista de dança a algo próximo do hip-hop (tanto canta como dispara as muitas palavras que tem guardadas num registo mais falado) para criar música que amiúde se serve da ironia e do humor. O risco da sobredosagem de *punchlines* (a frase de uma piada que a torna potencialmente engraçada) compensa quando a ouvimos a cantar algo como *Rio*, tema “sobre cursos de água” em que lamenta informar um antigo interesse romântico de que não possui lágrimas ilimitadas para chorar o seu desaparecimento (“Não sou a bacia hidrográfica do Tejo”), antes de converter o substantivo comum que é o nome da música num tempo verbal alterador do seu semblante: “Já só me rio, *baby*.”

Horas mais tarde, no palco Lopes-Graça, um dos dois principais (o outro chama-se António Variações), os Zarco ergueram um espaço onde prog e funk podem perfeitamente ser parceiros diplomáticos e funcionais. A banda visitou Cem Soldos juntamente com os Ganso, que também fazem parte do universo da Cuca Monga, editora e colectivo artístico de que são co-fundadores os Capitão Fausto – banda cujo *modus operandi* os Ganso estudam com talvez demasiada atenção e reverência. Pelo meio, Pedro Penim apresentou *Quis Saber Quem Sou*, concerto teatral sobre o 25 de Abril assente na banda sonora da revolução.

Entre os nomes “grandes” da noite figurou Cláudia Pascoal, que usou e abusou do *jingle* que compôs para a popularíssima rubrica *Extremamente Desagradável*, que a humorista Joana Marques mantém na Rádio Renascença – escutámo-lo pelo menos uma dezena de vezes. A cantora que em 2018 representou Portugal na Eurovisão (com *O jardim*, de Isaura) tentou que o concerto tivesse graça: a dada altura, uma canção foi interrompida abruptamente por um “anúncio do Spotify” a promover o seu novo álbum (ela depois encenou um embaraço que alguns espectadores não precisaram de forçar). Noutros momentos, os músicos congelavam para a cantora dizer às pessoas que achava que podiam cantar um bocadinho mais alto. O concerto (em que Pascoal oscilou entre a música popular portuguesa e a pop, por vezes fazendo lembrar uma Lena d’Água ou uma Ana Bacalhau, só que sem o mesmo brilho) girou muito em torno deste pára-arranca recorrente, que chacinava o seu próprio ritmo.



Repensar o Largo do Rossio, “convertido de espaço de encontro em parque de estacionamento”, foi ideia inicial da organização do Bons Sons, diz Luís Sousa Ferreira

Noutro plano, um Valete calmo e concentrado cuspiu algumas das combativas rimas que fizeram dele um dos nomes mais sonantes do *rap* nacional. E celebrou a cultura hip-hop como um todo: a dada altura, deixou o palco ao dispor de um bailarino que dançou ao som de *Humble*, de Kendrick Lamar. Antes disso, frisou que o hip-hop “está a precisar de novos discursos”, incluindo femininos: “Incentivem as vossas amigas e irmãs a rimar.” E o *rapper* voltaria a dividir os holofotes com outros protagonistas: convidou um instrumentista da Gâmbia e uma cantora tunisina, amigos seus, a subirem ao palco, num gesto de defesa da “imigração africana em tempos de extrema-direita”.

“Viver a diversidade” é o mote desta edição do Bons Sons. “As pessoas que fazem o festival têm características brutalmente diferentes. E é isso que o torna possível”, diz Miguel Atalaia, director artístico do Bons Sons (sucedeu a Luís Sousa Ferreira após este ter abdicado do cargo em 2019). “As comunidades são mais resilientes e criativas se forem diversas. Devemos acolher a diversidade, respeitá-la, valorizá-la.”

O Bons Sons estende-se até amanhã, com concertos de Ana Lua Caiano, Cara de Espelho, Club Makumba, Conferência Inferno, Emmy Curl, Expresso Transatlântico, Gisela João, Rafael Toral, Teresa Salgueiro, The Legendary Tigerman ou Unsafe Space Garden. Existe ainda um programa que vai além dos espectáculos, com jogos tradicionais no Largo do Rossio, percursos sonoros ou exposições. E como é de comunidade que falamos quando falamos do Bons Sons, o público também pode ser artista: existe no recinto do festival uma salinha que é a salinha das “sessões de improviso”; as pessoas podem, durante a tarde, passear por lá e solicitar um tempinho para tocar.

Paris viveu a hora P: P de prata e de Pedro Pablo Pichardo

Há alguns meses, ninguém sabia o que poderia vir de Pichardo – nem o Comité Olímpico sabia dele. Já bem perto dos Jogos de Paris, ele apareceu, atacou o triplo salto e ganhou a prata



No final, Pichardo mostrou-se agastado com o problema que teve com o Ber

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Comecemos por pôr os pontos nos is: Pedro Pablo Pichardo e Portugal acabaram de conquistar uma prata nos Jogos Olímpicos. Esta é a notícia e é isto que Pichardo, com sorriso mais amarelo ou menos amarelo, vai poder contar aos netinhos. Juntou trabalho ao talento e foi o segundo melhor do mundo olímpico, que, no desporto, é um mundo acima do mundo.

O dia 9 de Agosto pode, no atletismo português, passar a ser o dia P: P de Portugal, P de Paris, P de prata e um quádruplo P: de Pedro Pablo Pichardo Peralta. E o que se passou em Paris ontem é uma prata ganha e essa é a notícia. E que ninguém lha tire.

Mas sabemos que é mais do que isso. Há atletas que, quando ganham uma prata, ganham uma prata. E outros há que, quando ganham uma prata, perderam um ouro. Pichardo, como Biles, Phelps, Ledecky, Riner, Duplantis ou Bolt, é desta última estirpe – por mérito próprio, já que essa é uma categoria vedada ao atleta comum.

Todos sabemos que uma prata, para Pichardo, é um ouro que ficou por ganhar. Mas, ao contrário de outros atletas deste tipo, como Simone Biles, o luso-cubano não sorri de alegria, não salta, não dança e não faz uma vénia aos adversários que o bateram. Celebra, mas à sua maneira. A maneira de quem ficou sem um ouro.

E o próprio assumiu isso no final: "Acho que foi um ouro perdido. Perdi por dois centímetros. Estava a saltar a 20cm da tábua. Bastava só acertar na tábua e ganhava. Mas numa final não se pode cometer erros e eu cometi vários. No final, paguei e perdi a medalha de ouro."

É claro para Pichardo, e para todos os que assistem, que ele queria o ouro e que o que leva para casa lhe sabe a pouco. Poderia sentir que bateu todos menos um? Sim. Mas parece óbvio que, em vez disso, ele sente que foi batido por alguém. E não há mal algum nisso.

Talvez não chegue a sentir-se desonrado pela prata, mas ele sabe que queria mais. Ontem, teve de ceder o palco a quem foi dois centímetros melhor do que ele: Jordan Díaz, de Espanha, também nascido em Cuba. Porque sim, é possível ser-se melhor do que Pedro Pablo Pichardo, mesmo que por meros centímetros, e Díaz já nos Europeus tinha sido.

Em *O Pedro e o Lobo*, contam-nos na escolinha que um jovem trapaceiro faz o mundo temer pelo lobo, que nunca aparecia. Deixaram de o temer, até ao dia em que ele apareceu mesmo. Pedro Pablo Pichardo fez o mesmo.

Ninguém acreditava que vinha aí o "lobo", depois de meses e meses lesionado, desertado e desacreditado. Ninguém temia o lobo – nem mesmo o Comité Olímpico, que chegou a dizer ao PÚBLICO que não sabia dele. De repente, já bem perto de Paris, ele apurou-se para os Jogos Olímpicos. O "lobo" estava mesmo ali e chegou para atacar o triplo salto. Não foi a história do *Pedro e do Ouro*, mas foi quase. E também é uma boa fábula para se contar.

Como tudo aconteceu

Em Paris, sem calças e boné, como encarou a qualificação, Pichardo quis levar a final um bocadinho mais a sério. E começou essa demanda logo a abrir, com um salto seguro de 17,79 metros, um bom início de concurso e com clara possibilidade de melhoria, já que a chamada não foi famosa e o terceiro salto também pareceu ter tido um desvio lateral demasiado pronunciado.

Era uma marca melhor do que as melhores do ano de todos os rivais, menos um: Jordan Díaz, que já saltou mais de 18 metros, e iniciou este concurso com 17,86.

Na segunda tentativa, Pichardo melhorou para 17,84 e, depois do salto, apontou para a perna, talvez sentindo algum desconforto. Mas não era grande coisa.

Prova disso é que no salto seguinte fez uma marca tremenda, embora anulada pela chamada demasiado à frente. Ficou, ainda assim, uma boa indicação para a ronda dos três saltos finais, porque mesmo com uma chamada no local certo aquele teria sido um salto para o ouro. E a reacção de Pichardo, com raiva e frustração com o nulo, mostra o quanto o português sentiu que seria uma boa marca.

Díaz fez, depois, mais um salto consistente, que só foi prejudicado pela queda com as costas para trás – teria sido uma marca bem melhor do que os 17,86, que já lhe davam a liderança. O espanhol parecia mais forte e consistente: sem nulos e com três saltos acima de 17,80.

Quinto salto e... nada. Não foi nulo, foi nada. Pichardo abdicou de tentar saltar, quem sabe pela tal questão na perna esquerda.

E agora? Iria haver sexto salto? O português levantou-se e começou a aquecer e alongar, o que indiciava salto, com ou sem dores. E lá foi ele para 17,81. Prata no bolso.

O último salto?

Segundo Pichardo, estes 17,81 metros podem ter sido o último salto da carreira. Mera pressão para ter apoios ou real vontade de parar? Só o próprio saberá, mas, tendo condições, parece estar disposto a ir a Los Angeles. "Vou pensar se continuo ou não. O que está na minha cabeça é ficar aqui, parar por aqui e hoje ser a minha última competição."

Para muitos, uma prata seria o topo de carreira. Para Pichardo, uma prata é motivo para querer parar. Isso e a falta de apoios. "Há uns anos prometi à minha mãe que acabaria em Los Angeles. Mas nos últimos anos tem sido complicado, com problemas no clube. Infelizmente, em Portugal não temos apoios. O Governo só olha para o futebol. Não temos apoio nenhum", disparou.

E detalhou, quando confrontado com a presença de Luís Montenegro em Paris. "Não o vi (...), mas temos de falar com o Governo e melhorar condições. Seria bom sentar com ele [primeiro-ministro] e pedir apoio além do futebol. A única coisa que

17,84

A distância, em metros, que Pedro Pichardo saltou na final olímpica do triplo salto, a dois centímetros do ouro

ALEKSANDRA SZMIGIEL/REUTERS

nfica e com a falta de apoios no país

peço é apoio. Eu sei que em Portugal é só futebol, mas só pedimos um bocadinho. Nem é muito. Um bocadinho é suficiente."

Isto foi na zona mista. Na conferência de imprensa... não apareceu. Estiveram os medalhados de ouro e bronze, também eles nascidos em Cuba, como Pichardo, mas o lugar do medalhado de prata estava vazio.

Canoagem

Ribeiro e Baptista fizeram tudo bem mas os outros fizeram melhor

Marco Vaza, em Paris

A embarcação portuguesa, campeã mundial em 2023, foi sexta na final olímpica de K2 500 metros nos Jogos Olímpicos

Vento, algas, correntes. Uma pista de canoagem nunca é totalmente calma ou limpa. Há sempre qualquer coisa que exige adaptação e raciocínio rápido. A pista de Vares-sur-Mairne tinha um pouco de tudo isto, mas era igual para todos. Oito caiaques alinharam na final de K2 500 metros, pouco menos de 90 segundos depois, já tudo tinha terminado. João Ribeiro e Messias Baptista não sentiram adversidades nem contratempos e sentiram que tinham feito tudo bem, antes e durante os tais 90 segundos. Só que o melhor que eles tinham para dar não iria chegar para a medalha nos Jogos Olímpicos de Paris.

Ribeiro e Baptista, os campeões do mundo de 2023, foram apenas sextos na final olímpica em que se assumiam como candidatos a um lugar de pódio. Mas eles também já sabiam que ia ser assim e, numa prova tão curta e explosiva como esta, todos os segundos, décimos, centésimos e milésimos contam. Não tiveram um bom princípio e não tiveram um bom final e, pelo meio, também não andaram perto da frente. Quintos aos 250 metros, sextos aos 500, com 1m27,82s.

Primeiro que eles, os alemães Max Lemke e Jacob Schopf (1m26,87s) ficaram com a medalha de ouro, depois os húngaros Bence Nadas e Sandor Totka (1m27,15s) com a prata, e os australianos Jean van der Westhuyzen e Tom Green (1m27,29s) com o bronze. Quando acabou, ainda no barco, Ribeiro, que vai na proa, esticou o braço esquerdo para trás, para saudar o seu colega dez anos mais novo. Vieram para a margem, arrumaram o caiaque ao lado dos outros e encaminharam-se sem vontade na direcção dos microfones para as reacções.

E a vontade também não parecia muita para se encontrarem com uma comitiva liderada por Luís Montenegro, primeiro-ministro de Portugal, que estava ali para ver o que se esperava ser uma medalha. Se tivesse sido, o momento teria outras cores. Mas não foi. E não teve. Foi um encontro de palavras e cumprimentos breves, transmitido em directo para a televisão portuguesa. Depois, cada lado foi para o seu lado. Por ali também andava Olaf Scholz, mas esse estava contente com os resultados da manhã: um ouro no K2 masculino e um bronze no K2 feminino.

Em dupla desde 2021

João Ribeiro tem 34 anos, Messias Baptista tem 25. Ribeiro começou quando a bandeira portuguesa mal se via nas *startlists* das finais de canoagem, Baptista já entrou com o comboio dos títulos e das medalhas em andamento. Ribeiro, homem de Esposende, já teve o sabor do sucesso prolongado em Mundiais e Europeus durante mais de uma década, mas também já tinha provado o fracasso olímpico (finais fora do pódio em 2016 e 2021). Baptista, natural de Vila do Conde, tinha sido, sobretudo, um homem de K4 e K1, e, antes de Paris, o único sabor de final olímpica que tinha tido fora em Tóquio (8.º).

Foi depois desses Jogos, em que Portugal nem sequer esteve representado em K2, que Ribeiro e Baptista se juntaram, o experiente e o novato. Duas gerações desportivas no mesmo barco, mas isso não queria dizer que mandasse o mais velho. "Não é por ter mais experiência que tenho uma opinião mais válida", dizia Ribeiro ao PÚBLICO em 2023.

Antes, o foco de ambos era o K4, mas, como esta embarcação falhou o apuramento, Ribeiro e Baptista concentraram-se no barco intermédio e na redução da distância olímpica em K2 de 1000 metros para 500, o que potenciou ainda mais a competitividade de ambos como dupla – Ribeiro e Baptista sempre foram muito competitivos em K1 200 metros.

Foi já em 2023 que, nos Mundiais de Duisburgo, os dois portugueses validaram essa aposta com um título e, até Paris, abdicaram de fazer muito no circuito mundial de canoagem para se concentrarem nos Jogos. Só que os adversários também não estiveram parados desde esse Mundial, como explicaram os dois canoístas após a final, com uma enorme clareza de espírito: fizeram tudo bem e os outros foram melhores. Mais do que isso, os outros mudaram muita coisa para poderem ser melhores que os portugueses.



Os primeiros oito, nove, andamos todos no mesmo segundo. Viemos para aqui como campeões do mundo, os outros países não gostam quando são outros a ganhar

Messias Baptista
Canoísta

"As equipas não estavam contentes por Portugal ser campeão do mundo neste barco. A Hungria, por exemplo, reformulou o barco após ser vice-campeã do mundo, a Alemanha também trouxe outro. Fizeram tudo para terem os melhores barcos, mas nós também fizemos o nosso melhor", analisou João Ribeiro. "Já sabíamos que ia ser assim. Os primeiros oito, nove, andamos todos no mesmo segundo. Viemos para aqui como campeões do mundo, os outros países não gostam quando são outros a ganhar", lamentou, por seu lado, Messias Baptista.

No imediato, disse ainda João Ribeiro, o que fica é a tristeza de mais uma oportunidade de medalha perdida depois de tantas finais disputadas em três edições dos Jogos. Só depois é que João Ribeiro irá pensar no que fez e na carreira que tem tido, cheia de medalhas e de títulos: "Agora impera um bocado a tristeza, mas daqui a uns dias estarei orgulhoso."

E como fica o futuro da dupla? Tem futuro? A resposta de Messias Baptista foi um talvez que soou a sim: "Estes últimos anos com o João foram muito bonitos, com muitas alegrias e muitas tristezas. Só o futuro dirá o que vamos fazer, mas espero contar com a experiência dele para o meu futuro."

HUGO DELGADO/LUSA



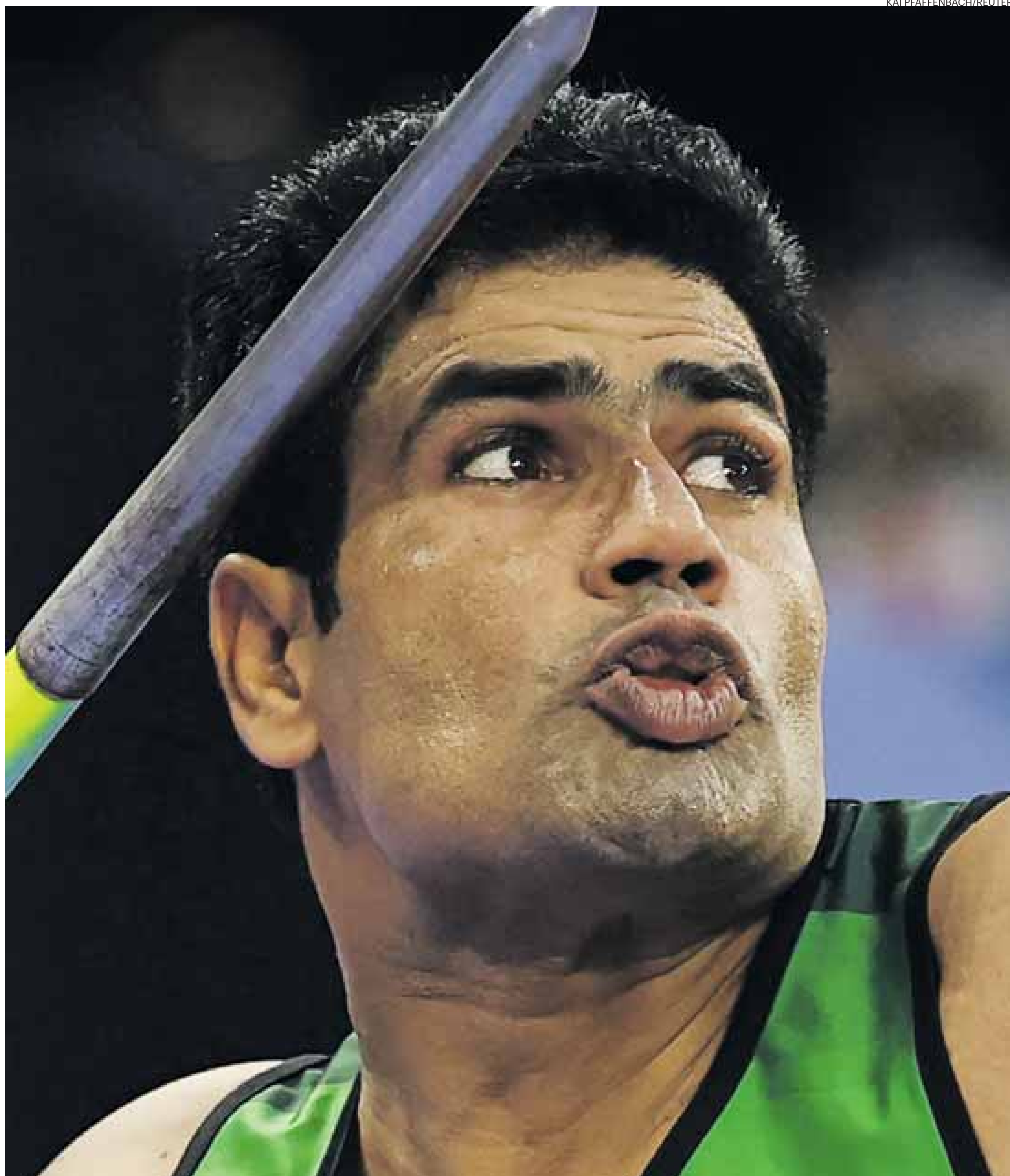
João Ribeiro e Messias Baptista tiveram forte concorrência e não conseguiram chegar a uma medalha

Atletismo

Arshad Nadeem só tinha um dardo. Seis meses depois foi campeão olímpico

Marco Vaza, em Paris

O novo campeão olímpico do lançamento do dardo é do Paquistão e supera-se todos os dias só para se poder treinar e competir



KAI PFAFFENBACH/REUTERS

No meio de uma multidão, Arshad Nadeem não passa despercebido. É um colosso de 1,92m de altura, uma impressionante largura de ombros e uma envergadura a condizer. Numa noite de uma grande competição de atletismo, como as pessoas ligam mais às corridas do que aos lançamentos, talvez ninguém dê muito por ele nem por todos os outros finalistas do dardo. Só que Nadeem, o gigante discreto, fez por que reparassem nele e na final em que estava a competir, entre o drama covid de Noah Lyles nos 200m e o recorde mundial de Sydney MacLaughlin nos 400m barreiras.

Contra a indiferença do Stade de France, lançou o dardo para lá dos 92 metros, bateu o recorde olímpico e, 40 minutos depois, conquistou uma medalha de ouro. O mais extraordinário da história do primeiro campeão olímpico individual da história do Paquistão é perceber como é que ele chegou até aqui, mas já lá iremos. Primeiro, dizer que Nadeem não veio do nada (já tinha sido finalista olímpico e ouro nos Jogos da Commonwealth), que tem como grande rival (mas amigo) o indiano Neeraj Chopra e que o lançamento do dardo já não é o exclusivo europeu que foi em tempos. É muito mais diverso.

Voltando a Nadeem, já dissemos que ele não passa despercebido numa multidão, mas é um gigante calmo e controlado a cada lançamento que faz – nem sequer grita com o dardo, como tantos lançadores fazem, para que o engenho vá mais longe. Pelo contrário, Chopra, o indiano campeão olímpico em Tóquio, é uma versão mais vitaminada de um actor de Bollywood, faixa na cabeça, cabelo sedoso e uma série de maneirismos com a cabeça e com os braços, a sugerir uma coreografia.

Esta será, sobretudo, uma luta a dois, o paquistanês e o indiano. Nulo no primeiro lançamento, as melhores marcas do concurso no segundo, Nadeem com 92,97m (recorde dos Jogos), Chopra com 89,45m. O paquistanês ainda irá lançar mais uma vez acima dos 91 metros, o indiano fez mais quatro nulos.

"Quando lancei o dardo, senti a forma como ele saiu da minha mão e que poderia ser um recorde olímpico, *inshallah* [se Deus quiser]", diria o paquistanês sobre o seu lançamento que deixou para trás o anterior máximo olímpico, 90,57m, de Andres Thorkildsen.

Quando foi anunciado como novo campeão olímpico, após o último nulo de Chopra, o paquistanês ajoelhou-se, beijou o chão, juntou as mãos junto ao rosto e agradeceu a Deus. Nem sequer festejou. Depois, já embrulhado numa bandeira do Paquistão, foi a correr abraçar o treinador, já com direito a chorar. Com tudo isto que aconteceu, é difícil acreditar que, seis meses antes, ele só tinha um dardo para treinar.

"Um milagre"

O Paquistão está entre os 50 países mais pobres do mundo, com mais de 40% da população abaixo do limiar da pobreza, e o desporto não é, de todo, uma prioridade. A não ser que seja o críquete. "É um milagre", diz Natasha Raheel, jornalista paquistanesa que irá servir de tradutora para as perguntas do PÚBLICO ao novo campeão olímpico do dardo, já com a medalha de ouro ao peito.

"O país não tem estádios para treinar e nunca tivemos um atleta sequer perto deste nível", comentou a jornalista, que descreve o campeão do seu país como "o tipo mais simpático". Não fala é inglês.

Arshad Nadeem é um exemplo maior de um atleta que se superou. Natural de Mian Chanu, uma cidade no Punjab paquistanês, terceiro mais velho entre oito irmãos e filho de um pedreiro, cedo começou a mostrar talento para o desporto em várias modalidades. Como estava no Paquistão, o críquete era a escolha natural, mas era no atletismo que mostrava capacidades "sobrenaturais" – tentou várias disciplinas, todos os lançamentos, os saltos horizontais e a velocidade, antes de se fixar no dardo. Para grande agrado do pai, que não gostava de críquete e não queria que o filho fosse pedreiro como ele.

Foi trabalhar para o Departamento de Água e Electricidade do Paquistão, competindo em provas de atletismo pelo seu novo empregador – aí descobriu, com treinos mais intensos e competição regular, que tinha grande tendência para se lesionar, sobretudo nos cotovelos e nos joelhos, o que é habitual nos lançadores de dardo. E começou a ser "cobiçado" por outros departamentos estatais, como a polícia ou o Exército. Mas entendeu que essas profissões iriam desgastá-lo demasiado para o atletismo.

A sua evolução tem sido nada menos do que espectacular. Em 2015, quando tinha 18 anos, começou a aparecer, com lançamentos a 70 metros, no ano seguinte já estava em 78,33m, em 2019 com 86,29m, e, em 2022, já tinha ultrapassado os 90 metros, quando ganhou os Jogos da Commonwealth, em Birmingham. Antes, aparecera com grande projecção nos Jogos de Tóquio, onde foi finalista e quinto classificado, uma final ganha por Chopra. Depois, nos Mundiais de Budapeste de 2023, foi segundo, de novo atrás do indiano.

Sendo um atleta de alto nível, as suas condições para treinar são bem menos do que ideais. Em declarações à imprensa paquistanesa, em Março passado, dizia que tinha de ir a três sítios diferentes para treinar o lançamento (num campo de críquete), para fazer treino de pesos (num ginásio universitário) e para usar a piscina – e fica mais difícil treinar quando começa a época de críquete.

Mais: contou à AFP também em Março que só tinha um dardo para treinar e que, mesmo esse, estava meio partido. Houve quem tenha feito campanhas de *crowdfunding* em seu nome e ele teve de dizer que não tinha delegado ninguém para o fazer. Isso foi há seis meses. Agora, Arshad Nadeem é o primeiro campeão olímpico do Paquistão numa modalidade individual – o país já tinha conquistado dois ouros no hóquei em campo.

A comunicação com o PÚBLICO, numa zona mista quase vazia, foi difícil, mas fez-se e aqui fica um condensado das respostas do atleta, já orgulhoso com o ouro ao peito, mas sem grande vontade de falar.

"Estou muito feliz por ter ganho esta medalha e por ser a primeira na história do Paquistão num desporto individual. Sinto que já tinha inspirado as pessoas nos jogos de Tóquio, com esta vitória haverá mais gente a praticar o desporto. Há dificuldades em todas as coisas na vida e também no desporto, mas, se conseguirmos conquistá-las, temos sucesso."

Promessas de medalhas

Canoagem portuguesa recupera favoritismo no último dia

Pedro Keul

O ciclista Iúri Leitão, já medalhado, volta hoje à pista para a prova de madison

Tal como no primeiro dia em que levou a bandeira de Portugal na Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Paris, Fernando Pimenta vai estar em foco no derradeiro dia de competição de canoagem onde o espera, se tudo correr bem, uma jornada dupla: às 10h10, Pimenta disputa as meias-finais de K1 1000m e, duas horas depois, a final da prova onde é considerado um dos favoritos à conquista de uma terceira medalha olímpica, após os sucessos em Londres 2012 (prata em K2 1000m, ao lado de Emanuel Silva) e em Tóquio 2020 (bronze em K1 1000m).

O canoísta de 34 anos assegurou a qualificação para as meias-finais ao vencer a primeira eliminatória, que liderou do início ao fim.

"Queria passar directo para não fazer mais uma prova. Tinha dois atletas que não conhecia, um bielorrusso e o americano que foi campeão do mundo sub-23 há 15 dias, e é diferente, estava um bocadinho ansioso por começar a competição. Agradeço a energia dos portugueses, que me fizeram chorar, e é sempre bom receber esta energia. Estava a segundos de começar quando começaram a gritar por 'Portugal' e 'Pimenta' e as lágrimas vieram-me aos olhos, mas depois foi focar-me na corrida. Por ser uma pista bastante rápida, cria um bocadinho de instabilidade, mas acabei por fazer uma boa prova e uma boa gestão", declarou Pimenta à RTP.


MOLLY DARLINGTON/REUTERS

Fernando Pimenta procura hoje conquistar o ouro olímpico

Antes (9h50), no Estádio Náutico de Vaires-sur-Marne, Teresa Portela concorre na prova de K1 500m, naquela que é a sua quinta participação em Jogos Olímpicos.

Ao contrário do compatriota, a canoísta de 36 anos teve de disputar os quartos-de-final para garantir um lugar entre as semifinalistas, após ter terminado no terceiro lugar da eliminatória. Mas nos "quartos", Portela soube gerir a posição, terminando no quarto e elegível lugar. Se conseguir repetir a final de Tóquio, onde terminou no sétimo posto, Portela irá pagaiar na derradeira regata marcada para as 11h40.

Também em pista, mas na do Velódromo de Saint-Quentin-en-Yvelines, Iúri Leitão e Ivo Oliveira vão competir na prova de *madison*, prevista para se iniciar às 17h00. A dupla portuguesa vai confiante depois de, em Abril, terem conquistado a medalha de bronze nesta prova na Taça das Nações de ciclismo de pista, que decorreu em Milton (Canadá) e fechou o período de qualificação para os Jogos Olímpicos Paris 2024.

"Em Portugal, temos feito omeletas sem ovos. Cada vez nos dão mais ovos para termos omeletes mais bonitas. Já estamos a começar a fazer bolos, vamos ver o que teremos mais tarde", afirmou Iúri Leitão após a conquista da medalha de prata na prova de omnium. Resta saber se haverá uma cereja para colocar no topo do bolo.

Doping

USADA acusa e é acusada

Pedro Keul

Primeiro, foi Travis Tygart, responsável máximo da agência *antidoping* dos EUA (USADA), que acusou a Agência Mundial *Antidoping* (WADA) de negligência na gestão do processo relacionado com 23 nadadores chineses que testaram positivo, mas não foram sancionados. Em resposta, a WADA contestou as práticas do organismo norte-americano de quebra do código de conduta para apanhar atletas dopados, acusando-a de esconder resultados positivos em troca de denúncias. A agência mundial acrescentou que vários atletas apanhados em flagrante, entre 2011 e 2014, puderam continuar a competir sem serem alvos de processos.

Na quarta-feira, a WADA anunciou ter conhecimento de atletas que cometeram graves violações das regras antidopagem e foram autorizados a competir durante anos, incluindo o de um atleta de alta competição, que participou numa qualificação olímpica para os EUA e foi autorizado a participar em competições até à sua reforma, apesar de tomar esteróides e EPO.

"É irónico e hipócrita que a USADA fale de escândalo quando é suspeita por outras organizações *antidoping* de não seguir as regras à risca. A WADA tem agora conhecimento de pelo menos três casos em que atletas que cometeram graves violações das regras antidopagem e foram autorizados a continuar a competir durante anos enquanto actuavam como agentes secretos da USADA, sem que esta notificasse a WADA e sem que houvesse qualquer disposição que permitisse tal prática", lê-se no comunicado de imprensa.

A agência mundial de antidopagem acrescentou que, entretanto, os três atletas se retiraram, mas recusou nomeá-los, alegando preocupações de segurança devido ao perigo de retaliações.

Em resposta, a USADA não negou os factos e defendeu-se justificando permitir que os infractores das regras antidroga competissem para que pudessem actuar como informadores disfarçados, revelando que, num caso, este procedimento forneceu informações para uma investigação federal dos EUA sobre um esquema de tráfico de pessoas e drogas, recusando-se, contudo, a revelar detalhes sobre o mesmo.

"É uma forma eficaz de resolver estes problemas maiores e sistémicos", disse o presidente executivo da USADA, Travis Tygart, que ficou conhecido por conduzir o processo ao ciclista Lance Armstrong.

De acordo com o código mundial *antidoping*, subscrito pela USADA, um atleta que ajude "substancialmente" numa investigação de *doping* pode solicitar a suspensão de uma parte de uma eventual sanção após o processo. Não existe, contudo, nenhuma menção específica relativa a os atletas que violaram as regras *antidoping* poderem continuar a competir sem primeiro serem alvos de processo e sancionados.


Travis Tygart deixou críticas à forma como os controlos antidopagem estão a ser conduzidos

Também a agência chinesa *antidoping* (CHINADA) acusou a USADA de utilizar duplo padrão ao tentar ilibar os atletas americanos, referindo o *sprinter* Erriyon Knighton, que testou a substância proibida trembolona em Março deste ano, mas não foi suspenso ou impedido de competir em Paris, depois de um júri ter concluído que o resultado foi provavelmente causado por carne contaminada.

"Há razões para acreditar que existe um problema sistémico de *doping* no atletismo nos EUA", acusou a CHINADA em comunicado de imprensa, onde solicita à federação de atletismo dos EUA que aumente o número de testes aos seus atletas.

Portugueses

Jéssica "pediu" diploma em Paris e diploma ganhou

Jéssica Inchude não era das favoritas às medalhas, mas era uma candidata óbvia aos diplomas olímpicos, partindo para a final do lançamento do peso com a nona melhor marca de qualificação. "Gostaria de estar entre as oito primeiras. Se for mais, ainda melhor", disse, antes da final. Dito e feito.

Ontem, acabou a final em oitavo lugar e até pareceu ter margem para fazer melhor, dado que lançou abaixo da sua melhor marca do ano.

A atleta de 28 anos começou o concurso com um lançamento assim-assim, mas que, na altura, até lhe dava uma posição interessante – e assim continuou, enquanto as adversárias somavam nulos.

Inchude acabou por cair algumas posições, estando a lançar abaixo do seu recorde pessoal, 19,10 metros, e começou também ela a aventura dos nulos. Os 18,41 do segundo ensaio não lhe dariam para muito, mas permitiam, pelo menos, o diploma olímpico, já que foi a última a apurar-se para os três lançamentos finais.

Fez dois nulos nos lançamentos finais e acabou ali o sonho de chegar mais acima. Mas leva o que "pediu" e um diploma não é de desdenhar.


Jéssica Inchude lançou abaixo do seu recorde pessoal, mas conseguiu ficar entre as oito primeiras

O ouro foi para a alemã Yemisi Ogunleye, com um ensaio a 20 metros exactos, precisamente o seu derradeiro.

No breaking, modalidade em estreia nos Jogos Olímpicos, Vanessa Marina ficou fora dos quartos-de-final, depois de ter sido derrotada nas três batalhas que disputou, e terminou no 13.º posto.

No Grupo A, a *b-girl* portuguesa foi derrotada pela neerlandesa India, por 2-0 (15-3), pela chinesa 671, por 2-0 (14-4), e pela norte-americana Sunny, por 2-0 (13-5).

"O meu objectivo era vir representar Portugal da melhor maneira que eu sei fazer, que é dançar. Claro que as outras meninas têm um nível acrobático muito maior do que o meu", salientou, antes de declarar que, se calhar, se tivessem sido outros membros dos júris, o seu breaking teria tido outro impacto.

A modalidade não faz parte do programa de Los Angeles 2028.



Nova modalidade olímpica

A "stora" só queria perder peso e acabou a desbravar o breaking para as mulheres

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Não há justificação mais óbvia para o breaking ser desporto olímpico do que uma busca por público jovem. Também por isso não é uma modalidade fixa – em Los Angeles 2028 já não estará –, mas, se cumprir aquilo a que se propõe, trará público mais novo aos Jogos de Paris. Público novo que poderá idolatrar uma campeã já na faixa dos… 40 anos.

"Sou velha, mas não me sinto velha", disse Ayumi Fukushima à AFP, há alguns meses, ideia que desenvolveu ao PÚBLICO, ontem: "Sinto-me com energia. E estou a adorar estar no meio destes jovens." E foi isto. A breve conversa não deu para mais, até porque já isto foi ligeiramente à revelia das regras. Mas adiante.

Por falar em regras, há uma regra de senso comum que nos diz que qualquer pessoa que diga "no meu tempo…" ou "na minha geração…" está a precisar de um banho de juventude. "Agora, alguns deles já conseguem viver da dança, mas na minha geração era comum trabalhar enquanto dançávamos", apontou Ayumi.

Como usou a expressão "na minha geração", está a precisar do tal banho. E vai tê-lo em Paris. Das 15 rivais em Paris, Ayumi, de 41 anos, tem idade para ser mãe de pelo menos dez delas – vai competir com adversárias com uma média de 25 anos. Vamos colocar de outra forma: Ayumi já dançava antes de algumas rivais terem nascido.

As casas de apostas dizem que Ayumi veio para Paris como uma das mais fortes candidatas ao ouro, mas, mais do que o mérito desportivo, a japonesa chega aos Jogos com uma história diferente da das jovens adversárias, muitas delas estudantes.

"Queria perder peso"

Boa parte das adversárias não tem sequer anos de vida suficientes para terem muita coisa para contar. Mas Ayumi é diferente. É professora primária, actividade que teve de abrandar assim que o breaking se tornou um projecto olímpico para si, mas que não quer deixar de todo.

"Ser professora é a minha profissão, mas também é bom para encontrar um equilíbrio mental", aponta, sobre uma actividade paralela, a dança, que mudou muito desde que se tornou olímpica. "A dada altura, percebi que me tinha esquecido da parte divertida da dança. O desafio deve fazer parte da diversão."

Como é que uma professora acaba no breaking? Não, não foi por influência dos alunos. "Em 2004, voltei de umas férias de Verão no Canadá e queria começar algo novo e perder peso, depois de ter ganhado dez quilos", conta ao *site* Olympics, sobre o dia em que a irmã a levou a assistir a um duelo de breaking.

Em 2017, tornou-se a primeira mulher a participar do Red Bull BC One, competição internacional de uma modalidade que à época ainda não tinha categoria feminina. E desde aí que muitas outras se juntaram, nomeadamente as 15 que também vieram a Paris, entre as quais a portuguesa Vanessa Marina.

O breaking saiu da rua

Agora, nos Jogos, o breaking enfrenta um dilema. Nos primórdios, nos anos 70, era mais uma expressão cultural derivada do hip-hop, ou até mesmo arte, do que propriamente um desporto.

Os mais conservadores do breaking não concordam com a passagem para modalidade olímpica, porque retira as bases da dança como arte: passa, como o skate, a ter preceitos como pontos, rankings, qualificações, detalhes técnicos dos movimentos, etc.

Toda essa transformação necessária para passar a ser uma competição olímpica, mais do que uma *crew* que faz duelos nas ruas, é, para Ayumi, uma boa evolução, porque a presença nos Jogos difunde a modalidade.

"Fiz parte de uma cultura muito bonita no breaking, mas, nos últimos dois anos, fiz parte disto como um desporto. E não poderia estar mais contente e grata com o facto de as pessoas conhecerem melhor o breaking e apoiarem. Não poderia mesmo estar mais contente."

CAROLINE BLUMBERG/EPA



Ayumi Fukushima durante a sua actuação na prova de breaking, em estreia nos Jogos Olímpicos

Agenda dos portugueses

PARIS 2024

As horas estão no horário de Lisboa

HUGO DELGADO/LUSA



Hoje

7h00	**Samuel Barata**	Atletismo Maratona M	Final
9h50	**Teresa Portela**	Canoagem K1 500m F	Meia-final
11h40	**Teresa Portela**	Canoagem K1 500m F	Final*
12h10	**Fernando Pimenta**	Canoagem K1 1000m M	Final
16h59	**Iúri Leitão/Rui Oliveira**	Ciclismo madison M	Final

* se apurada

Finais

Hoje

Atletismo	Maratona M	7h00
Golfe	F	8h00
Halterofilismo	120kg M	10h30
Escalada	Boulder & Lead F	11h35
Canoagem	K1 500m F	11h40
Voleibol	M	12h00
Canoagem	K1 1000m M	12h10
Canoagem	C1 200m F	12h40
Ginástica	Rítmica all around	13h00
Saltos	Plataforma 10m M	14h00
Andebol	F	14h00
Ténis de Mesa	Equipas F	14h00
Pólo aquático	F	14h35
Halterofilismo	81kg F	15h00
Futebol	F	16h00
Ciclismo	Madison M	16h59
Luta livre	74kg M	a partir das 17h15
Luta livre	125kg M	a partir das 17h15
Luta livre	62kg F	a partir das 17h15
Atletismo	Salto altura M	18h00
Pentatlo moderno	M	18h10
Atletismo	800m M	18h15
Natação artística	Duo Free Routine	18h30
Atletismo	Dardo F	18h30
Atletismo	100m barreiras F	18h35
Atletismo	5000m M	18h50
Atletismo	1500m F	19h15
Halterofilismo	+120kg M	19h30
Atletismo	Estafeta 4x400m M	20h00
Atletismo	Estafeta 4x400m F	20h14
Taekwondo	+80kg M	20h19
Breaking	M	20h29
Basquetebol	M	20h30
Boxe	57kg F	20h30
Taekwondo	+67kg	20h37
Boxe	57kg M	20h47
Voleibol praia	M	21h30
Boxe	75kg F	21h34
Boxe	+92kg	21h51

Medalheiro

	●	●	●	Total
1. **EUA**	33	39	39	111
2. **China**	33	27	23	83
3. **Austrália**	18	16	14	48
4. **Japão**	16	8	13	37
5. **Grã-Bretanha**	14	20	23	57
6. **França**	14	20	22	56
7. **Coreia do Sul**	13	8	7	28
8. **Países Baixos**	13	6	10	29
9. **Alemanha**	12	9	8	29
10. **Itália**	11	12	13	36
66. **Portugal**	0	2	1	3



PEDRO NUNES/REUTERS

Temporada nova, bons vícios antigos do Sporting

Crónica de jogo

David Andrade

Os "leões" iniciaram a defesa do título com uma boa exibição e um triunfo claro frente ao Rio Ave

A semana foi complicada em Alvalade e a cara fechada com que Rúben Amorim fez a antevisão do primeiro jogo da I Liga 2024/25 não disfarçou a derrota difícil de digerir na Supertaça. No entanto, o Sporting iniciou a defesa do título nacional de forma pujante e revelando (bons) vícios antigos. Frente a um reforçado Rio Ave, que conta esta temporada com um dos plantéis com mais qualidade da prova, os "leões" foram claramente superiores, venceram por 3-1, e Pedro Gonçalves voltou à tendência de ser o primeiro protagonista do campeonato: pela terceira vez nas últimas cinco edições, o médio foi o marcador do primeiro golo da competição.

Sem abdicar de defender os seus jogadores (Kovacevic, Debast e Nuno Santos), que, por motivos diferentes, saíram da última partida em Aveiro debaixo de críticas, Amorim qualificou os dias que se seguiram à derrota na Supertaça como "os mais difíceis" que viveu desde que está em Alvalade, mas mesmo tendo "preocupações completamente diferentes" das que teria se tivesse ganhado a Supertaça, o treinador do Sporting manteve quase tudo na mesma: Diomande no lugar de Debast foi a única mudança em relação à partida frente ao FC Porto.

Do outro lado, havia uma equipa que, no papel, parece reunir todos os argumentos para ocupar um lugar de destaque no final da época no primeiro terço da tabela, mas mesmo contando no "onze" com três reforços de inegável qualidade (João Novais, Tiago Morais e Clayton) e um ex-Borussia Dortmund (Ole Pohlmann), o Rio Ave de Luís Freire mostrou-se incapaz de conseguir causar problemas ao campeão.

Se a nível táctico até havia algumas semelhanças entre as duas equipas, no "jogo jogado" só deu Sporting. Pegando no comando do encontro desde o segundo inicial, os "leões" precisaram de meia dúzia de minutos para marcar. E fizeram-no com categoria: ao primeiro toque, a bola passou pelos pés de Trincão, Quenda, Gyokeres e Pedro Gonçalves, que fez de forma fácil o primeiro golo da temporada.

Para uma equipa combalida por uma derrota, o golo madrugador era o tónico necessário. A partir daí, sem ceder à tentação de baixar o ritmo, o Sporting continuou sem deixar o Rio Ave entrar em jogo, foi construindo oportunidades e, quando já justificava uma vantagem superior, contou com a ajuda do adversário: um enorme erro de Jhonatan resultou numa assistência para Pedro Gonçalves que, com muito talento, fez um chapéu perfeito ao guarda-redes de Vila do Conde.

Sem qualquer ameaça à baliza de Kovacevic em 45 minutos, foram precisos menos de 30 segundos na segunda parte para Gyokeres deixar claro que não queria terminar a primeira jornada em branco – o avançado acertou na barra –, e, mesmo com um ritmo dos sportinguistas mais baixo, o sueco marcou mesmo, aos 63', num lance onde Jhonatan voltou a não ser feliz.

Com 3-0 no marcador e uma equipa de Vila do Conde inofensiva, o jogo perdeu interesse. Amorim aproveitou de imediato para dar minutos a Mateus Fernandes, mas até final a monotonia só foi sendo quebrada quando a bola chegava aos pés de Gyokeres, que, sem sucesso, nunca deixou de procurar o segundo golo, e no minuto 90, quando Clayton, com uma grande jogada, fez o golo de honra rioavista.

I Liga

Jornada 1

Sporting-Rio Ave	3-1
AVS-Nacional	15h30, SPTV1
Casa Pia-Boavista	18h, SPTV2
FC Porto-Gil Vicente	20h30, SPTV1
Estoril-Santa Clara	dom, 15h30, SPTV2
Farense-Moreirense	dom, 18h, SPTV1
Famalicão-Benfica	dom, 18h, SPTV1
Sp. Braga-E. Amadora	dom, 20h30, SPTV2
Arouca-Vitória	seg, 20h15, SPTV1

Sporting 3
Pedro Gonçalves 6' e 27', Gyökeres 63'

Rio Ave 1
Cleyton 90'

Jogo no Estádio José Alvalade, em Lisboa.

Assistência 38.513 espectadores

Sporting Kovacevic, Quaresma, Diomandé, Inácio, Geny 70' (Matheus Reis, 73'), Hjulmand 8Daniel Bragança, 76'), Morita (Rodrigo Ribeiro, 89'), Quenda, Trincão (Edwards, 76'), Gyokeres e Pedro Gonçalves 51' (Mateus Fernandes, 65'). **Treinador** Rúben Amorim.

Rio Ave Jhonatan, Miguel Nóbrega, Renato Pantalon, Aderllan Santos 35' (Patrick William, 65'), João Novais, Amine (Aguilera, 82'), Olinho (Vítor Gomes, 82'), Kiko Bondoso (João Graça, 64'), Clayton 48', Tiago Morais (João Tomé, 46') e Vrousai. **Treinador** Luís Freire.

Árbitro João Gonçalves (AF Porto)
VAR António Nobre (AF Leiria)

Positivo/Negativo

\+ **Pedro Gonçalves**
Depois de um golo na Supertaça, mais dois na estreia na I Liga. Pedro Gonçalves começa a temporada com o instinto goleador habitual.

Geovany Quenda
Após marcar na Supertaça, o jovem de 17 anos voltou a ser uma das apostas de Rúben Amorim e, com um enorme passe para Gyökeres, foi decisivo no primeiro golo sportinguista.

− **Rio Ave**
O investimento é grande esta época em Vila do Conde, mas, para já, Luís Freire está longe de ainda ter uma equipa. Em Alvalade, o Rio Ave mostrou-se muito débil, sem ideias e atitude.

Jhonatan
O guarda-redes brasileiro, de 33 anos, teve muitas responsabilidades em dois dos golos sofridos.

Diário de Um Cientista

Gaio: ladrão de bolotas ou um silvicultor discreto?

O gaio esconde bolotas no Outono, que come mais tarde. Por vezes, esquece-se onde as escondeu e algumas germinam. É possível usar esta ave para restaurar a floresta nativa em zonas áridas de Portugal



Página 9

João Rosa Texto
André Carrilho Ilustração

A história que vos quero trazer tem como protagonista o gaio (*Garrulus glandarius*), uma espécie passeriforme de tamanho pequeno a médio da mesma família dos corvídeos, conhecidos pelas suas elevadas capacidades cognitivas. Curiosamente, o peso do cérebro relativamente ao peso total do seu corpo é dos mais elevados do reino animal. O gaio não foge à regra e, perante alguns desafios de memória, demonstra capacidades ao nível de mamíferos tais como o cão. Este poder de memorização é fundamental para a sua subsistência, lembrando-se durante vários meses das centenas de esconderijos onde depositou alguns tipos de frutos secos.

É uma ave maioritariamente sedentária de zonas temperadas do hemisfério Norte, com raro comportamento migratório, e de larga distribuição geográfica, que vai da Europa à Ásia. Em Portugal estão espalhados por todo o país, habitando fundamentalmente áreas de floresta densa e mista de carvalhos ou coníferas, entre outras.

Poderá já ter visto esta ave elegante, de tons castanhos e azuis, perto de zonas urbanas, algo que se deve não só à degradação dos seus habitats naturais, mas também ao oportunismo que apresenta no que toca à sua alimentação. O nome "*Garrulus*" vem do latim "tagarela", pelo que o gaio é apelidado de "alarme das florestas". E "*glandarius*" é referente a "bolota", visto que é uma forte componente da sua dieta durante os tempos escassos de Inverno.

Já voltaremos ao nosso protagonista, mas não sem antes vos contar como o gaio entrou no enredo desta história. Sou agrónomo, natural de Mértola e desde cedo desenvolvi o gosto pelo campo. Sempre tive o sonho de ser agricultor por conta própria, mas as oportunidades para aquisição de terra em Portugal não são fáceis



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em** publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista

para jovens técnicos agrários como eu. Trabalhei na área e fui caminhando progressivamente para uma perspectiva mais ecológica do sector agrícola e florestal.

Como "o bom filho à casa torna", tive a sorte de poder voltar e ajudar a coordenar um projecto denominado "Campo Experimental do Centro de Competências na Luta contra a Desertificação", promovido por um consórcio de entidades, das quais destaco, para propósitos desta história, a Biopolis-Cibio e a Estação Biológica de Mértola. Este projecto pretende testar várias abordagens de restauro ecológico, uma delas a regeneração natural assistida, um conceito desenvolvido na década de 1980 nas Filipinas por Percy Sajise, que assenta em promover condições ou remover obstáculos para a sucessão natural da floresta autóctone.

Para quem não está familiarizado com o termo "sucessão", é o processo que vai da formação de um estrato rochoso à colonização por plantas e outros organismos e que envolve a criação daquilo a que chamamos "solo".

Mais de mil bolotas por ave

A natureza tem uma grande capacidade de se auto-regenerar, até mesmo em situações em que parece impossível que ali venham a ocorrer árvores sem que os humanos dêem um empurrão. Parece mágico, mas acontece, e deve-se à dispersão de sementes, muitas vezes realizada por aves.

E é aqui que entra o nosso "amigo" gaio, um pássaro com rótulo de "ladrão" de ninhos e de árvores de fruto, mas que ao mesmo tempo exemplifica, de forma objectiva, o que é um serviço de ecossistema. A primeira memória que tenho do gaio foi dos meus pais a queixarem-se de que roubara as nêsperas da nossa horta.

No entanto, o mutualismo que o gaio forma com as espécies produtoras de bolotas – ou seja, com os carvalhos (*Quercus*) – faz com que, apesar de se alimentar bastante destes frutos, contribua profundamente para a dispersão destas espécies à escala da paisagem.

Este fenómeno da dispersão das bolotas acontece quando no Outono, época de maturação das bolotas, os gaios aproveitam para armazenar este fruto no solo, normalmente em depósitos individuais fora da área de influência da copa dos carvalhos, para que possam vir a recuperá-los numa altura de maior escassez de alimento no Inverno. Um único indivíduo é capaz de dispersar mais de mil bolotas numa só época.

Escondem-nas perto de pontos de referência, como troncos de árvores ou pedras, em zonas de algum sombreamento. Embora tenham uma excelente memória, conseguindo lembrar-se onde esconderam os frutos até seis meses depois, uma percentagem significativa não é recuperada e algumas acabam por germinar.

Os gaios têm de pesar muito bem o custo-benefício na busca e deposição de bolotas, uma vez que tal acarreta riscos, como o furto por roedores ou até por indivíduos da mesma espécie, astutos e observadores. A possibilidade de serem predados por aves de rapina em áreas mais expostas também influencia muito o seu comportamento dispersor.

O que define a distância entre o local onde apanham as bolotas e o esconderijo é um processo de decisão complexo, que envolve factores como a estrutura do habitat, a localização da fonte de bolotas e a sua qualidade e quantidade.

Há registos de dispersão de bolotas a mais de dois quilómetros de distância, o que demostra a importância deste mutualismo no êxito reprodutivo e na expansão de várias espécies de carvalhos por todo o mundo. Por conseguinte, este comportamento do gaio tem despertado interesse como ferramenta de conservação e restauro de habitats de floresta nativa.

Em zonas temperadas no Norte da Europa, a disponibilização de bolotas em áreas ou períodos de maior escassez tem sido testada há várias décadas e com excelentes resultados, reduzindo os custos de sementeira ou plantação. Todavia, em climas semiáridos, como o interior do Baixo Alentejo, são necessários mais estudos para comprovar a sua eficácia.

De sol a sol em Mértola

Mértola enquadra-se num clima semiárido, sendo um território bastante fustigado pelos processos de desertificação, consequência não só das alterações climáticas, como das más políticas de ordenamento e práticas agro-florestais do passado, e que se perpetuam no presente, acentuando a erosão do solo e a perda de biodiversidade.

Exemplo disso foram as duras campanhas do trigo no início do século XX, que incentivavam à desflorestação e à exaustão dos recursos naturais. Já no final do mesmo século, o Estado começou a apoiar a reflorestação através de fundos europeus para corrigir os erros do passado. Daí nasceram imensos projectos de monocultura de pinheiro-manso no Baixo Alentejo, plantados em altas densidades.

Mas como um erro nunca vem só, essas plantações demonstraram-se improdutivas e, fechada a "torneira" dos subsídios à manutenção a 20 anos, os proprietários sentem-se agora tentados a alterar novamente o uso do solo para pastagem, onde conseguem mais retorno da terra.

> **A primeira memória que tenho do gaio foi dos meus pais a queixarem-se de que roubara as nêsperas da nossa horta**

O meu projecto de doutoramento parte de algumas das problemáticas aqui identificadas e tem como propósito estudar e testar metodologias de regeneração natural assistida que auxiliem no processo de restauro e conversão destas áreas arborizadas por pinheiro-manso e eucalipto em florestas autóctones mais adaptadas, produtivas e susceptíveis de incrementar a melhoria dos ecossistemas áridos da bacia mediterrânica, de forma barata e eficaz.

A floresta de azinheira – que não deve ser confundida com o montado de azinho, mais esparso – demonstra ser o ecossistema primordial destas regiões xistosas e áridas do Baixo Alentejo e pode estar associado com outras espécies, como o carrasco, o sobreiro, o zimbro, a aroeira, o medronheiro e o zambujeiro.

No Outono de 2022, ainda durante os primeiros trabalhos de campo do projecto no Campo Experimental, registámos uma grande quantidade de regeneração natural de azinheiras em povoamentos puros de pinhal e eucaliptal espalhados pelo Perímetro Florestal de Mértola. Isto verificou-se mesmo em áreas onde as fontes de bolotas mais próximas se encontravam a centenas de metros. O que nos levou facilmente a concluir que algum animal seria o responsável por essa benfeitoria.

Também em 2022, uma experiência-piloto – do grupo de investigação em Biodiversidade em Ecossistemas Agrícolas e Florestais do Cibio, liderada por Francisco Moreira, e do qual faço parte – instalou duas plataformas de aprovisionamento de bolotas para confirmar quem seria o nosso benfeitor. Sem grandes surpresas, revelou-se ser o gaio.

Existem outros corvídeos também envolvidos na dispersão e no armazenamento de frutos na região, como a pega-rabuda e o charneco, mas ainda não foram detectados nas plataformas.

O desafio para ingressar neste projecto de doutoramento surgiu pelo meu co-orientador e amigo, Ricardo Ceia, que à altura coordenava cientificamente o projecto do Campo Experimental, e no final de um dia duro de trabalho de campo a cortar e a descascar acácias me semeou esta ideia na cabeça. Ideia que brotou, mesmo após pregar aos céus que a minha vida académica ficaria pelo grau de mestre.

Sinto-me feliz por ter arriscado e poder contribuir para o conhecimento científico na área de restauro ecológico num cenário que afecta directamente a minha comunidade. Fora do estudo de dispersão de bolotas pelos gaios, estudamos se diferentes tipos de clareiras influenciam positivamente a regeneração natural das áreas antes mencionadas, e de que forma.

Relativamente ao gaio, queremos perceber se podemos usar o seu comportamento dispersor para colonizar com carvalhos plantações florestais degradadas, especialmente de monoculturas, onde a presença de bolotas é escassa ou nula. As experiências de campo irão arrancar este Outono no concelho de Mértola, quando iremos colocar as plataformas junto à borda da copa de pinheiros, num gradiente desde a orla da floresta até ao seu interior.

O intuito é perceber a capacidade que os gaios têm de encontrar as plataformas, mesmo quando não estão junto a um carvalho, algo que é o usual nos estudos científicos do tema.

Ademais, iremos observar o seu comportamento dispersor durante oito meses do ano e comparar o sucesso germinativo em cada momento, para identificar a janela de oportunidade para a aplicação deste método de restauro.

Uma reflexão final

Certo dia, encontrava-me a acompanhar trabalhos de desbaste de um pinhal e, enquanto dava indicações aos operadores florestais que executavam o trabalho, um deles disse: "Sempre que vejo um ninho de gaio, mando o pinheiro abaixo... só fazem mal. Comem os ovos de perdiz todos." Ao que respondi: "É possível, mas estás a ver essas azinheiras todas aí no chão? Também foram eles que as puseram aí."

O operador olhou com espanto. Todas as espécies servem um propósito, mas por vezes o desconhecimento leva o ser humano a tomar decisões que, embora na sua consciência se apresentem como correctas, vão contra o normal funcionamento dos ecossistemas. Os agricultores e silvicultores não são pessoas de más motivações. Sei disso porque os conheço. Cabe-nos a nós, investigadores, fazer chegar esse conhecimento aos produtores e políticos de forma mais eficaz. Da minha parte, tudo farei para passar a mensagem.

João Rosa

Estudante de doutoramento

Tenho 32 anos, sou natural de Mértola, licenciado em Agronomia, pela Universidade do Algarve, e mestre em Engenharia Agropecuária, pela Escola Superior Agrária de Coimbra. Neste momento sou doutorando pelo Biopolis-Cibio da Universidade do Porto. A minha área de interesse é a agricultura regenerativa e restauro ecológico da paisagem. Sendo cliché, gosto de actividades que envolvam o campo.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Biodiversidade em ecossistemas agrícolas e florestais (AGRODIV)

A receita da minha... mãe

A receita... é uma série sobre a receita favorita de uma pessoa de família de vários chefs portugueses

PAULO PIMENTA



Catarina Nascimento abriu o 83 Gastrobar, em Chaves, em 2022

Pescar as trutas para o almoço no poço da quinta

Alexandra Prado Coelho

Era um luxo. Apesar de estar longe do mar, e até do rio, Catarina Nascimento tinha peixes no meio da quinta dos avós, em Chaves. A história das trutas começa com os bisavós da *chef* do 83 Gastrobar, restaurante que abriu em 2022 naquela cidade: "O meu bisavô materno tinha o *hobby* de ir à pesca para Boticas. Trazia trutas e pedia à minha bisavó para as preparar."

Catarina não conviveu muito com os bisavós, mas conhece bem a história e sabe que "havia várias receitas de trutas". O que já é uma memória pessoal é a das trutas na quinta. "Tínhamos um poço grande com água corrente. Um dia, o meu pai trouxe trutas para ali e elas foram-se reproduzindo", recorda. O luxo era esse: "Podíamos pescar trutas na nossa própria casa."

Volta e meia ficavam sem ideias e perguntavam: "O que é que havemos de fazer para o almoço?". Alguém se lembrava das trutas e estava o problema resolvido: "Vamos ali pescar uma ao fundo do poço." A mãe limpava-as bem e recheava-as "com presunto do bom", e quando iam a assar ganhavam todo esse sabor.

"[Ainda hoje] aqui em Chaves é difícil encontrar trutas", por isso o almoço da família de Catarina não era certamente muito habitual. Mas a memória ficou e no 83 a *chef*, que trabalhou vários anos em Espanha, no DiverXO de Dabiz Muñoz (3 estrelas Michelin), já serviu um petisco inspirado nela.

Quando abriu, com o algarvio Diogo Sousa, um gastrobar em Chaves, Catarina sabia que estavam a lançar-se num desafio que tanto podia correr bem como mal. Apesar de ter estado fora muitos anos, conhecia bem a sua terra natal e tinha consciência de como as pessoas podiam ser conservadoras no que diz respeito à gastronomia. "Podiam vir e dizer: 'A rapariga é maluca, não volto lá...'."

Foi, por isso, com alguma cautela que "logo no primeiro ou no segundo *menu*" apresentou um *ssam* de truta – um prato de origem coreana em que um ingrediente aparece enrolado noutro. Neste caso, havia uma folha de alface a servir de base, uma salada de batata fria, um puré de batata-doce, um escabeche e, por cima, lasquinhas de truta polvilhadas com um pó de presunto. "Pensei que ia haver torcidelas de nariz, mas foi um prato que brilhou e que ainda hoje, passadas nove cartas, se mantém na memória das pessoas."

Foi assim, a pouco e pouco, que continuaram a arriscar. "Lembro-me que fizemos uma sobremesa de morangos com natas com uma espuma de *kimchi* [fermentado coreano]." E ninguém se foi embora a dizer que "a rapariga é maluca". O que pretendem no 83 é, acima de tudo, "pegar em produtos tradicionais e tratá-los de forma mais moderna", explica Catarina. "Fala-se tanto em sustentabilidade. O melhor é praticá-la."

As influências podem vir de muitos lados. "São as nossas vivências, costumes, hábitos." Mesmo sem ter viajado muito pela Ásia, Catarina trabalhou "com um senhor [Dabiz Muñoz] cuja cozinha reflecte muito isso" e, portanto, traz essas marcas para o 83 sempre que sente que faz sentido.

Podem, sem complexos, misturar, por exemplo, como acontece na nova carta, uns cuscos de Vinhais com um tempero de arroz algarvio, com limão, coentros e algas. "Têm sabor a mar, mas não deixam de ser cuscos de Vinhais."

"Temos coisas incríveis em Portugal, devíamos valorizá-las mais e não o fazemos", lamenta. "Queremos todos ir atrás do mesmo prémio e assim perde-se a identidade, ficamos todos iguais. Temos de viver mais o território, isso é muito importante para nós enquanto país que se quer vender como potência gastronómica." E as trutas no poço do quintal fazem parte desta história, desta identidade.

A receita

Receita de trutas

Ingredientes:

4 trutas de aproximadamente 300g
200g de presunto com carne gorda
Uma cabeça de alho
Louro q.b.
Sal q.b.
Vinagre q.b.
Salsa
Batata

Modo de preparação

1. Esfregam-se as trutas com sal grosso e vinagre para limpar a viscosidade da pele, passam-se por água corrente e limpam-se de vísceras.
2. Após este processo, recheiam-se na barriga com um dentinho de alho e fatias generosas de presunto que contenha um bocadinho de carne gorda. Cosem-se as trutas com fio do Norte para que o presunto se mantenha no interior.
3. Corta-se a cebola em meias-luas fininhas e na base de uma assadeira grande coloca-se uma folha de papel vegetal com tamanho suficiente para depois fechar. Deita-se então sobre o papel a cebola cortada fininha para fazer uma cama onde se hão-de colocar as trutas com muito cuidado para depois regar tudo com um fio de azeite. Fecha-se o papel de forma a fazer um "envelope" e vão a assar em forno pré-aquecido a 160º-170ºC durante aproximadamente 20 a 25 minutos.
4. Ao retirar do forno, abre-se o envelope com muito cuidado para não nos queimarmos com o vapor e salpicam-se as trutas com salsa picada. Servem-se com batata assada e couve ou com uma saladinha fresca, se for Verão.



Livro + atelier = Letras ao Sol
A Bruxa Mimi Vai à Praia e, com este livro de Valerie Thomas e Korky Paul, as crianças vão descobrir jogos inspirados pela história. Marcada para dia 13, às 10h30, na Biblioteca Municipal Álvaro de Campos (Tavira), é mais uma sessão de Letras ao Sol, uma iniciativa a folhear até fins de Agosto.

Crianças

www.publico.pt/letra-pequena

O que o tempo faz de nós e o que fazemos dele

“Um álbum poético que celebra a vida em todos os seus momentos”, escreve-se na contracapa de *Crescer*. É isso mesmo



Rita Pimenta

O arranque conquista de imediato quem se recorda de se ter confrontado com a questão: onde é que eu estava antes de existir?

“Primeiro, eu não estava aqui. Depois, passei a estar”, são as frases que dão início à descrição dos vários ciclos da vida na voz de uma mulher.

“Eu era pequena e tornei-me grande”, “eu era frágil como um ramo e tornei-me forte como uma árvore”, prossegue a história. Os ganhos e perdas ao longo da vida serão enunciados, como a agilidade, a alegria, a independência, a companhia e a solidão, as dúvidas, o esquecimento e a gratidão.

Um registo poético de Laëtitia Bourget que é acompanhado pela riqueza igualmente poética das imagens de Emmanuelle Houdart. Uma dupla que já assinou cinco livros em conjunto. Aqui, sem dramatismos e com verdade, dão-nos conta da passagem do tempo. O que ele nos faz e o que fazemos dele.

As imagens enviam-nos para um universo fantástico, carregado de simbologia e que convida a uma observação atenta e prolongada. Há sempre algo mais para descobrir a cada olhar. A atmosfera é envolvente, algo misteriosa e às vezes até um pouco sinistra. Mas sempre hipnotizante.

Emmanuelle Houdart é suíça, nasceu em 1967 e estudou na Escola de Belas-Artes em Sion e na Escola Superior de Artes Visuais em Genebra.

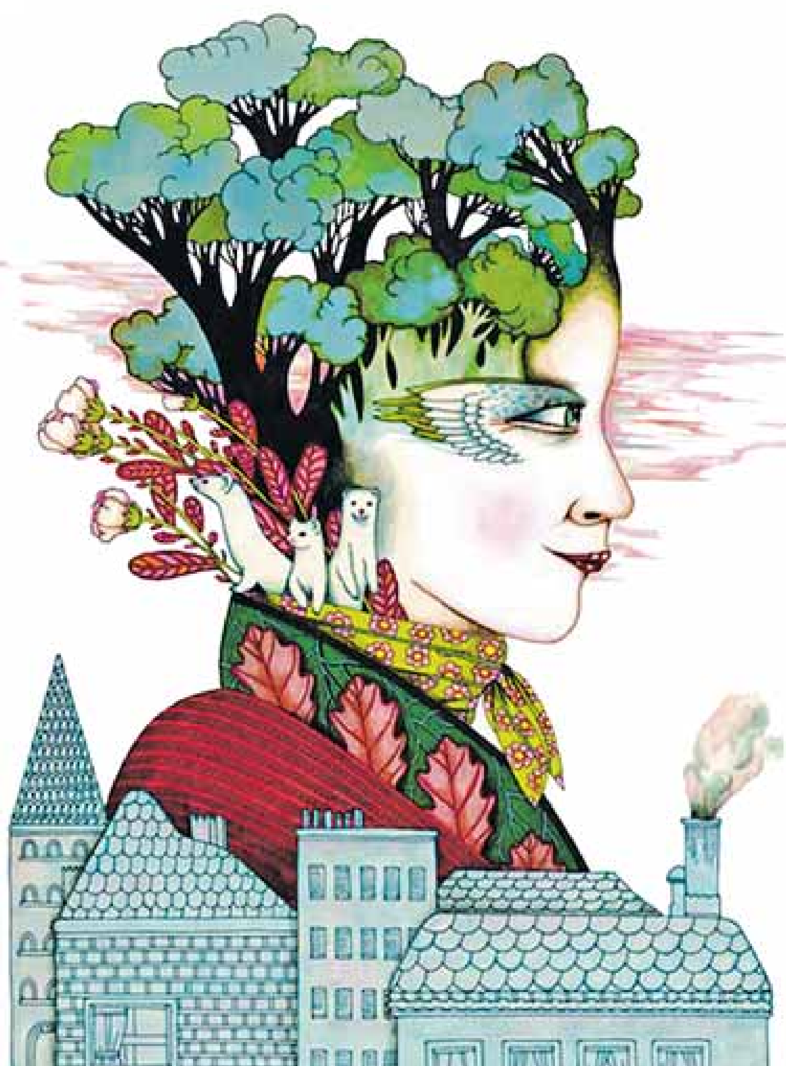
Trabalha como pintora e *designer* gráfica desde 1996 e vive em Paris. Em 2016, recebeu o Grande Prémio de Ilustração francês, com o livro *A Minha Mãe*, também editado em Portugal pela Orfeu Negro.

“Eu, como toda a gente, vivi muitas coisas maravilhosas e terríveis. E é isso que eu desenho, o maravilhoso e o terrível”, lê-se no *site* do Festival de Literatura de Berlim, que irá decorrer de 5 a 18 de Setembro em Berlim. Também aí se fica a saber que “a sua técnica preferida é desenhar à mão com canetas de feltro sobre cartão e realçar certas zonas com cor”.

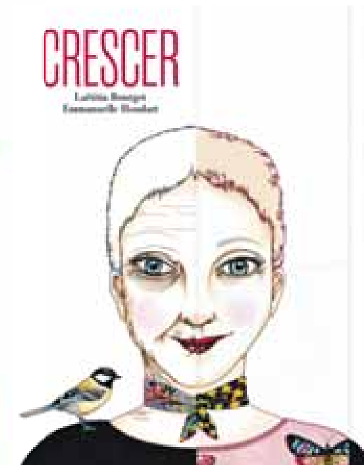
Laëtitia Bourget vive igualmente em França, nasceu em Néons-sur-Creuse, na região de Indre. “Artista plástica polivalente, foi a proximidade de ateliers em Paris com Emmanuelle Houdart e depois com Alice Gravier que a levou a escrever os seus primeiros projectos de livros para crianças”, informa a Editions de Grandes Personnes.

Diz ter “uma grande estima pela infância” e, para ela, “falar com crianças é falar com toda a gente, enquanto falar com adultos é excluir as crianças”.

Crescer não exclui ninguém. Crianças e adultos podem desfrutar de um livro que aborda o amor, a mudança e o milagre de se estar vivo. Porque um belo dia todos deixaremos de estar aqui.



Crescer
Texto: Laëtitia Bourget
Ilustração: Emmanuelle Houdart
Tradução: Maria Afonso
Revisão: João Berhan
Edição: Orfeu Negro
48 págs., 16,65€



Fim-de-semana em família



FEIRA

Mercado Medieval de Melgaço
MELGAÇO Centro histórico. De 9/8 a 11/8. Grátis
Aberta que está a época das recriações históricas, Melgaço monta a sua entre o castelo e as igrejas medievais, com tudo a que a memória histórica dá direito: trovadores, actores, contadores de fábulas, cortejos, danças, um torneio apeado, espectáculos de fogo, demonstrações de voo com aves de rapina e até *A Queima da Bruxa*.

EXPOSIÇÃO

Walking Robots
LOURES LoureShopping. De 2/8 a 26/8. Segunda a sexta, das 12h às 22h; sábado e domingo, das 10h às 22h. M/8. 3€
Quem anda assustado com a evolução da robótica e da inteligência artificial, nada tema. Não são as máquinas, mas os miúdos que “vão conquistar o mundo”. É, pelo menos, o que promete esta exposição interactiva, em que as estrelas são quatro robôs de dois metros e meio de altura que podem ser comandados pelos pequenos visitantes.

MERGULHOS

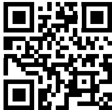
Praia das Rocas
CASTANHEIRA DE PÊRA Junto à ribeira de Pêra. De 31/5 a 15/9, das 10h às 19h. 7€ a 9€ (crianças e seniores), 9,50€ a 12,50€ (11 a 64 anos), 26€ a 34€ (família)
A maior piscina de ondas do país aguarda os pequenos banhistas e suas famílias, sejam eles atraídos pelas tais vagas artificiais, pelo ambiente familiar, pela vista para a serra da Lousã, pela ementa de actividades na água e à margem (*slide*, escalada, canoagem e *stand-up paddle*, mas também, para os menos radicais, hidroginástica e cisnes a pedais), pela oportunidade de relaxar num espaço de sombras ampliado ou pela combinação de tudo isto.

P2 Verão

Cinema

Isto Acaba Aqui

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em **cinecartaz.publico.pt**



Estreias

Banel & Adama
De Ramata-Toulaye Sy. Com Khady Mane, Mamadou Diallo, Binta Racine Sy, Moussa Sow. FRA/Senegal/Mali/Qatar. 2023. 87m. Drama. M12.
Banel e Adama nunca saíram da pequena aldeia senegalesa onde nasceram. Apesar de serem muito diferentes, eles estão apaixonados e dispostos aos maiores sacrifícios para viver o seu amor.

A Ilha Vermelha
De Robin Campillo. Com Nadia Tereszkiewicz, Quim Gutiérrez, Charlie Vauselle, Amely Rakotoarimalala. BEL/FRA/ Madagáscar/Afeganistão. 2023. 117m. Drama. M12.
Início da década de 1970, quando em Madagáscar existia uma das últimas bases militares francesas. Naquele lugar paradisíaco viviam várias pessoas ligadas aos militares destacados. Entre eles está Thomas, um miúdo de dez anos que, à medida que vai crescendo, vai vendo com novos olhos tudo o que se passa à sua volta.

Depois do Ensaio
De Ingmar Bergman. Com Erland Josephson, Lena Olin, Ingrid Thulin. SUE/FRA. 1983. 72m. Drama. M12.
Depois de um ensaio, o encenador Henrik tem um encontro com Anna, filha de Rakel, uma antiga amante. Em conversa, ela partilha com ele várias histórias relacionadas com a mãe, já falecida e com quem tinha um mau relacionamento.

Isto Acaba Aqui
De Justin Baldoni. Com Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate, Hasan Minhaj. EUA. 2024. m. Drama, Romance. M12.
A história, que é uma reflexão sobre relações tóxicas, segue Lily a partir do momento em que conhece Ryle, um cirurgião por quem se apaixona perdidamente e com quem inicia uma relação amorosa.

Borderlands
De Eli Roth. Com Gina Gershon, Cate Blanchett, Haley Bennett, Kevin Hart, Jack Black, Jamie Lee Curtis, Ariana Greenblatt. EUA. 2024. 102m. Comédia, Acção. M12.
Inspirado num dos mais conhecidos videojogos da Gearbox Software, "Borderlands" acompanha um grupo de desajustados que chega ao planeta Pandora para resgatar a filha desaparecida do dono de uma das mais poderosas empresas de armas da galáxia.

Mulheres Que Esperam
De Ingmar Bergman. Com Anita Bjork, Maj-Britt Nilsson, Eva Dahlbeck, Gunnar Bjornstrand. SUE. 1952. 107m. Comédia Dramática. M12.
Quatro mulheres aguardam o regresso dos seus respectivos maridos, todos irmãos. À volta de uma mesa, elas partilham segredos e discorrem sobre os seus casamentos.

Super Wings O Filme: Velocidade Máxima
Com Zhang JiaQi (Voz), Youxuan Wu (Voz). China/ Coreia do Sul. 2023. 79m. Animação. M6.
A história passa-se quando o vilão Billy Willy elabora um plano para raptar alguns influenciadores da Cidade Grande e enviá-los para o espaço. Quem tem a responsabilidade de salvar o dia são os elementos dos Super Wings que, quando se juntam, são capazes das maiores proezas.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	—	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Banel & Adama M12. 13h30, 19h40; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h20; **Garfield: O Filme** M6. 11h15 (VP); **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h15, 13h25, 15h35, 17h40 (VP), 19h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h10, 21h45; **A Ilha Vermelha** M12. 17h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h30 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 19h25; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 15h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 17h45, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h40 (VP); **Yupumá** M12. 20h15; **Juan Mariné: Um Signo de Cinema** 13h25

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h30, 13h15, 15h45 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h15, 13h25, 15h15, 15h40, 17h30, 19h45, 21h45 (VP), 17h40, 19h35, 21h35, 23h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 15h20, 16h05, 17h50, 18h45, 19h10, 21h25, 21h50, 24h; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h05; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h25 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 17h55, 19h50; **Armadilha** M12. 13h30, 21h30, 23h35; **Borderlands** M12. 13h10, 15h10, 19h40, 21h55, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 16h15, 17h10, 19h15, 21h40, 00h15; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h35, 13h35, 15h35 (VP)

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 14h; **Banel & Adama** M12. 19h50; **A Ilha Vermelha** M12. 15h45, 21h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 18h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Banel & Adama M12. 13h05, 15h20, 17h30, 19h40, 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h20, 15h40, 18h40 (VP), 21h10 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h25; **Divertida-Mente 2** M6. 13h45, 16h15, 18h40 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h30, 21h20; **Tornados** M12. 13h30, 16h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h10, 21h, 23h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h50, 23h25; **A Ilha Vermelha** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 13h25, 15h45, 18h20; **Armadilha** M12. 13h35, 16h, 18h35, 21h05, 23h40; **Borderlands** M12. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30, 23h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h05, 18h55, 21h45, 23h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h50, 16h25, 19h05 (VP); **Geração Low-cost** M14. 21h10, 23h45; **Deadpool & Wolverine** 18h50, 21h40 (3D)

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Banel & Adama M12. 13h20, 15h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h20, 18h40 (VP), 20h40, 23h (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h50, 18h20 (VP), 21h, 23h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h45, 18h20, 21h, 23h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h10, 18h55, 21h40, 23h30; **A Ilha Vermelha** M12. 18h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 16h, 19h, 21h20, 23h30; **Isto Acaba Aqui** 13h45, 16h50, 20h25, 23h15

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h20, 16h20, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h15, 13h10, 15h50, 18h20 (VP), 13h40, 16h30 (VP/3D), 19h, 21h, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h40, 20h30, 24h; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h40, 15h30, 21h30, 00h25; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Armadilha** M12. 13h30, 16h, 18h30, 21h40, 00h15; **Borderlands** M12. 13h, 15h40, 18h, 21h10, 24h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h50, 17h20, 20h50, 00h10; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h50, 15h15 (VP); **Pacto de Redenção** M12. 21h20, 23h40; **Borderlands** M12. Sala Imax - 18h40

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Divertida-Mente 2 M6. 10h50, 13h20, 15h50, 18h30 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55; **Tornados** M12. 18h45, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h10, 19h05, 22h, 23h40; **Armadilha** M12. 13h05, 15h45, 18h25, 21h05, 23h50; **Borderlands** M12. 13h30, 16h, 18h40, 21h10, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h25, 16h30, 20h45, 23h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h (VP)

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
A Mãe e a Puta M16. 13h30; **Morangos Silvestres** M12. 22h; **A Flauta Mágica** 11h; **Um Americano em Paris** 19h30; **Uma Luz nas Trevas** 17h30;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Patti Smith, Poeta do Rock M12. 19h30; **Banel & Adama** M12. 17h, 19h15; **A Última Sessão de Freud** M12. 16h25, 19h05, 21h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h10 (VP); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 15h50; **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 16h20, 18h45 (VP), 21h10 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h45, 18h50; **Memória** M14. 13h35, 18h40; **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h05, 21h25; **Tornados** M12. 14h20, 21h30, 00h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 14h, 16h10, 16h55, 19h, 21h05, 21h50, 24h; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h10, 21h55, 00h15; **A Ilha Vermelha** M12. 16h15, 19h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h35, 21h45; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h30, 18h55, 21h20; **Armadilha** M12. 13h30, 19h30, 22h, 00h25; **Borderlands** M12. 14h15, 16h50, 19h20, 21h55, 00h15; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 13h45, 16h, 16h40, 18h50, 21h15, 21h40, 23h50; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h30, 16h45 (VP); **Mais Que Nunca** M14. 13h25, 21h35

Amadora

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h35, 15h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 14h15, 16h20, 16h40, 18h45, 19h05, 21h10 (VP), 21h35 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h10, 16h35, 18h55, 21h20, 21h50, 24h; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h, 21h15, 00h20; **Oh Lá Lá!** M12. 14h10, 19h15, 00h15; **Armadilha** M12. 18h35, 21h05, 23h45; **Borderlands** M12. 14h05, 16h45, 19h10, 21h45, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h, 16h30, 18h50, 21h25, 21h40, 00h05; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h30, 16h50 (VP)

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30, 15h, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h45, 13h30, 16h30, 19h (VP), 22h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h50, 17h, 20h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30, 22h35; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h45; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h15, 19h15; **Armadilha** M12. 20h10; **Borderlands** M12. 13h15, 15h50, 18h10, 20h30, 23h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 16h, 18h50, 21h50, 22h45; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 14h, 16h45, 22h; **Borderlands** M12. Sala Imax - 19h30

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Garfield: O Filme M6. 10h50 (VP); **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 11h15 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h55, 13h10, 15h20, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h05, 14h15, 16h30, 18h45, 21h, 23h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 13h15, 15h20, 17h25, 19h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h15, 16h40, 19h05, 21h30, 24h; **Deadpool & Wolverine** M12. 11h, 13h35, 16h10, 18h45, 21h20, 23h55; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 19h40, 21h40, 23h40; **Armadilha** M12. 21h35, 00h05; **Borderlands** M12. 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h35, 23h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 23h50

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003. T. 0
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h20, 13h, 14h10, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20, 21h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h20, 15h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 17h20; **Armadilha** M12. 21h30; **Borderlands** M12. 15h, 19h10, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP)

Odivelas

Cinemas Nos Odivelas Strada
C.C. Strada Shopping, Estr. da Paiã.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h30, 16h10, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h45, 13h, 15h20, 18h (VP), 20h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h50, 15h40, 18h30, 21h20, 22h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h15, 16h; **Borderlands** M12. 18h10, 20h40, 23h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h20, 21h10

Lazer

MÚSICA

Dead Fish

LISBOA Musicbox. Dias 10/8 e 11/8, às 21h30. 24€

Viagem punk-hardcore ao *Labirinto da Memória* dos brasileiros Dead Fish, que estão em rota de europeia de promoção a este que é o décimo disco de estúdio. Ontem, foram ao Porto; agora, estacionam em Lisboa para uma dose dupla de concertos no Musicbox. A segunda data, acrescentada à agenda "devido à grande demanda", terá um alinhamento diferente da primeira, por ser dedicado à celebração dos 20 anos do álbum *Zero e Um*.

TEATRO

Medeia

SINTRA Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. De 3/8 a 25/8. Sábado e domingo, às 18h. 5€

É num palco ao ar livre que o Teatro TapaFuros leva à cena a sua versão da tragédia de Eurípides que cunhou o mito da mulher infanticida – e respectiva síndrome. Encenada por Rui Mário, baseia-se no texto original (segundo a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira) e conta com música original de Pedro Hilário para contar a história dessa mulher que "para espanto dos mortais, só é punida com o seu próprio sofrimento, sendo aqui que reside a essência desta tragédia", frisa o grupo.

ARTE URBANA

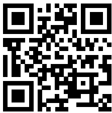
Fazunchar

FIGUEIRÓ DOS VINHOS Vários locais. De 10/8 a 18/8. Grátis

Nos muros, nas paredes, nas empenas, o Fazunchar faz-se notar por toda a parte da vila, feita galeria a céu aberto. Com curadoria de Ricardo Romero, convida este ano o francês Fred Battle (Zoerism), o espanhol Manolo Mesa e os portugueses Regg Salgado e Mariana Santos a acrescentarem obras ao roteiro de arte urbana, além de revelar os resultados das residências artísticas de Inesa Markava, Pedro "Batida" Coquenão e Sílvia Santos. O programa (disponível em fazunchar.pt) passa ainda por exposições, visitas guiadas, concertos, conversas, oficinas e um piquenique comunitário.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Euromilhões 21 23 25 33 44 4 10

1.º Prémio 50.000.000€ **M1lhão** DBB 04392

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.518

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - Esfera (...), custou 19 mil euros e vai assinalar a presença da Administração Pública e do Governo no novo Campus XXI. Repetição. **2 -** Campo de liça. Prefixo (afastamento). Símbolo de hectolitro. **3 -** Remoinho. **4 -** Mula. Sexta nota musical. **5 -** Caso que valeu à câmara de Lisboa uma multa de um milhão. **6 -** Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. Terreiro à volta da igreja. Caminho numa povoação. **7 -** Sincero. Numeração romana (1101). **8 -** Prefixo (dez). Escavação dissimulada. **9 -** Esquivo (fig.). Abreviatura de Anno Domini. **10 -** Também não. Atingiu novo máximo. **11 -** Vaso com asas. Amofinar (fig.).

VERTICAIS: 1 - Rio suíço. Corretã. **2 -** Um dos digramas da língua portuguesa. "(...) que Esperam", filme de Ingmar Bergman (1952). **3 -** Ementas. Em grau mais elevado. **4 -** Na moda. Posturas de ioga. **5 -** Face inferior do pão. Passado. Chief Executive Officer. **6 -** Tornar volumoso ou balofo. Ruído. **7 -** Símbolo de radiano. Divisão natural da polpa de certos frutos. Presidente da República. **8 -** Futebol (pop.). Límpida. **9 -** Há cem anos, esta aeronave realizou o primeiro voo entre Portugal e Macau. Artigo antigo. **10 -** Abraço (inf.). A minha pessoa. "O que cá se faz, cá se (...)". **11 -** Perfume. Cultor curioso de qualquer arte.

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1 - Abacate. Age. **2 -** Rasar. Reler. **3 -** Nl. Puérpera. **4 -** Iara. Deixa. **5 -** Cri. Li. Ira. **6 -** Prepara. **7 -** Gaivota. KO. **8 -** Vi. Si. Iriar. **9 -** Locarno. Lu. **10 -** Mania. Rad. **11 -** Áporo. Ranfo.
VERTICAIS: 1 - Arnica. Fá. **2 -** Balar. Gil. **3 -** As. Ripa. Omo. **4 -** Capa. Riscar. **5 -** Aru. Leviano. **6 -** Édipo. Ri. **7 -** Erre. Atinar. **8 -** Epi. Raro. **9 -** Alexia. Rn. **10 -** Gerar. Kalaf. **11 -** Era. Amorudo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1								■			
2						■			■		
3		■		■							
4	■				■		■			■	
5											■
6			■					■			
7						■				■	
8					■						
9							■		■		
10				■							
11						■					

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Norte
Vul: NS

NORTE
♠743
♥K9
♦AK984
♣K92

OESTE
♠A10862
♥J43
♦62
♣QJ7

ESTE
♠J9
♥Q10652
♦Q73
♣1065

SUL
♠KQ5
♥A87
♦J105
♣A843

Oeste	Norte	Este	Sul
1♦	passo	3ST	
Todos passam			

Leilão: Equipas ou partida livre (IMPs).
Carteio: Saída: 6♠. Aparece o Valete de espadas em Este. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Um aluno abordou-me com a seguinte questão: "Qual é o erro mais frequente que os jogadores cometem?" Eu respondi que a rapidez com que a maioria joga a primeira vaza do jogo — sem ter ainda formulado qualquer plano de jogo — é o que normalmente compromete tudo. O jogo de hoje é um bom exemplo. Os jogadores em Sul que fizeram a primeira vaza com uma das figuras de espadas da sua mão, deitaram tudo a perder. Alguns até conseguiram perceber o erro e ainda tentaram corrigi-lo ao bater à cabeça o Ás e o Rei de ouros, na esperança de encontrar uma Dama à segunda em Este, ou que a mesma tivesse em Oeste para que as espadas se mantivessem protegidas, mas isso não aconteceu. O adversário em Este acabou por fazer a Dama de ouros e não perdeu a oportunidade para devolver outra espada, permitindo a Oeste alinhar mais quatro vazas a espadas para um cabide. Outros fizeram simplesmente a passagem, mas o resultado fora o mesmo. Somente os poucos que efectivamente pararam para reflectir é que souberam jogar da maneira correcta para garantir o contrato: deixaram o Valete de espadas fazer a vaza! A defesa, naturalmente, insistiu em espadas e quando Sul fez finalmente a sua vaza pôde tranquilamente fazer a passagem a ouros: se Este ainda tiver uma espada para jogar, as espadas estão 4-3 e a defesa faz apenas quatro vazas — três espadas e a Dama de ouros — mas, se as espadas estiverem 5-2 Este já não terá espadas para jogar e o contrato está a salvo.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
1♦	X	passo	1♠
passo	3♠	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠K874 ♥76 ♦732 ♣J1094

Resposta: A resposta de 1♠ promete 0 a 7 pontos. Com 17-18 pontos de honra e distribuição o parceiro limitar-se-ia a fazer um apoio simples, com o apoio em salto ele pretende mostrar mais, diria que qualquer coisa como 19 a 21 HD. Tendo quatro pontos de honra e mais um de distribuição devemos aceitar o convite do parceiro: 4♠.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta, novos horários em Setembro e Outubro e em diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores, saiba mais através dos *emails* centrodebridge@gmail.com ou bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

Problema 12.800 (Fácil)

2				8		3		1
				2		6		
6	9			7				
			2	5	3			
5	2	3	8		7	9	4	6
			4	6	9			
				9			1	4
		8		4				
1		2		3				5

Solução 12.798

4	7	1	9	3	5	8	6	2
8	6	9	2	4	7	3	1	5
2	3	5	1	6	8	9	7	4
5	4	3	8	7	6	2	9	1
6	9	8	5	1	2	4	3	7
1	2	7	3	9	4	5	8	6
9	5	4	7	8	1	6	2	3
3	1	2	6	5	9	7	4	8
7	8	6	4	2	3	1	5	9

Problema 12.801 (Difícil)

9	4		3	7				
	6				8			
						3		
	8				7		6	
3		2				1		8
	7		8				2	
		1						
			2				4	
				6	1		9	5

Solução 12.799

4	2	1	9	7	6	5	3	8
7	3	8	4	1	5	9	6	2
5	9	6	3	2	8	7	1	4
8	6	3	5	9	2	1	4	7
1	7	9	6	4	3	2	8	5
2	5	4	7	8	1	6	9	3
3	4	7	2	6	9	8	5	1
9	8	5	1	3	7	4	2	6
6	1	2	8	5	4	3	7	9

P2 Verão

CINEMA

Iron Claw
TVCine Top, 21h30
Estreia. A história trágica da família Von Erich, uma dinastia do *wrestling* que inclui o pai Fritz e os filhos Kevin, David, Kerry e Mike, por eles treinados, é o foco deste filme de Sean Durkin do ano passado. O ponto de vista é o de Kevin, o único dos irmãos sobrevivente, e cujos filhos se tornaram a terceira geração de Von Erich no ringue. Com Holt McCallany a dar vida ao patriarca da família, o elenco conta ainda com Zac Efron, Harris Dickinson, Jeremy Allen White, Stanley Simons, Maura Tierney e Lily James.

O Trono de Sangue
TVCine Edition, 22h
O TVCine Edition continua a passar Akira Kurosawa nas noites de sábado – acaba para a semana, com *Yojimbo – O Invencível*. O realizador japonês assinou em 1957 este drama histórico que se inspira no *Macbeth* de Shakespeare. Um jogo de ambição e demência pela conquista do poder, cuja transposição para a atmosfera feudal japonesa nada perde da sua riqueza psicológica ou dramática. Taketoki e Miki, dois guerreiros, dominam uma rebelião a pedido do seu senhor. Ao regressarem ao castelo para uma audiência, encontram na floresta uma velha que faz inesperadas previsões. As profecias vão concretizar-se, com consequências trágicas. Um filme visualmente impressionante, com o emblemático Toshiro Mifune no papel principal.

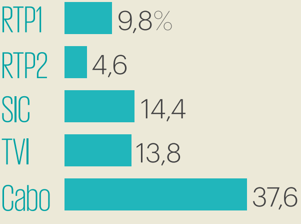
Nós
Syfy, 23h10
Para escapar à agitação do dia-a-dia, Adelaide e Gabe Wilson levam os dois filhos para uns dias tranquilos numa casa de praia em Santa Cruz, Califórnia. Tudo corre como o previsto até receberem a visita de quatro pessoas que, para seu espanto e horror, são a cópia exacta de cada um deles. E o mais terrível de tudo isso é que estão ali para acabar com as suas vidas. Um *thriller* psicológico produzido, escrito e realizado por Jordan Peele depois do enorme sucesso do oscarizado *Foge* (2017), que passa antes. O filme seguinte, *Nope*, passou ontem no Nos Studios, ou seja, no espaço de um dia pode ver-se na televisão a filmografia integral de Peele, que começou como actor cómico, enquanto realizador. Lupita Nyong'o, Winston Duke, Elisabeth Moss, Anna Diop, Shahadi Wright Joseph, Evan Alex e Tim Heidecker compõem o elenco.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quinta-feira, 8

	%	Aud.	Share
Cacau	TVI	8,4	18,1
Jornal da Noite	SIC	8,0	18,2
A Promessa	SIC	7,5	16,4
Senhora do Mar	SIC	7,2	20,3
Dilema - Especial	TVI	6,8	14,8

FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** História dos Gatos **10.54** Um Ano de Gorongosa **11.50** Romaria do Meu Coração **12.27** Vira e Volta **12.59** Jornal da Tarde **14.28** Chefs da Nossa Terra **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal



21.01 Missão: 100% Português

21.56 Joker

22.59 Em Casa d'Amália

1.19 Brasil x EUA - Final Futebol Feminino Jogos Olímpicos de Verão

3.18 Janela Indiscreta

RTP2

6.27 Repórter África **6.55** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **9.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Canoagem) **13.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Ginástica Rítmica) **14.45** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Vólei de Praia) **16.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Saltos para a Água) **17.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Ciclismo Madison) **18.10** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **20.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Basquetebol) **22.30** Jornal 2 **22.50** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Andebol) **0.20** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Voleibol) **2.32** Folha de Sala **2.36** Prova Oral

3.55 O Mistério de Lucie: Espiões contra o Nazismo

4.47 Volta ao Mundo **5.04** Laboratório Talento **5.19** Raízes e Frutos **6.08** O Coro

SIC

6.00 Etnias **6.30** Médico da Casa **7.05** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **8.55** Alô Marco Paulo **12.10** Nosso Mundo: Thailand's Wild Side **12.59** Primeiro Jornal **14.00** Alta Definição **15.50** Alô Marco Paulo

19.05 Não Há Crise! - As Anedotas do Rocha

19.57 Jornal da Noite

21.55 Terra Nossa - Vieira do Minho

0.25 All You Need is Love

2.40 Grande Cinema: Force of Nature



TVI

6.10 Detective Maravilhas **7.00** Diário da Manhã **10.15** Em Família **12.10** Ganha Já **12.58** TVI Jornal

14.00 A Sentença **15.00** A Sentença

16.00 Em Família

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.50 Congela

23.15 Dilema

2.20 GTI Plus

2.40 O Beijo do Escorpião

3.15 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

16.19 Black Adam **18.19** Beautiful Wedding: Um Casamento Maravilhoso **19.54** One Shot - Missão de Resgate **21.30** Iron Claw **23.40** Drácula: O Despertar do Mal

STAR MOVIES

16.10 O Regresso do Ninja Americano **17.52** Um Ninja Americano **19.28** Ninja Americano 4 **21.15** Força Destruidora **22.51** Máquinas de Guerra **0.37** O Massacre

HOLLYWOOD

16.20 Kingsman: Serviços Secretos **18.30** Warcraft: O Primeiro Encontro de Dois Mundos **20.35** Colombiana **22.25** Max Payne **0.10** Entre Irmãos

AXN

16.26 Batman v. Super-Homem: O Despertar da Justiça **18.59** Sem Hora Marcada **20.44** Free Fire **22.21** A Criança n.º 44 **0.42** Puro Aço

STAR CHANNEL

16.12 Vingadores: Guerra do Infinito **19.01** A Branca de Neve e o Caçador **21.20** Rambo: A Vingança do Herói **23.09** Rambo II - A Vingança do Herói **0.58** Baywatch: Marés Vivas

DISNEY CHANNEL

17.05 Hamster & Gretel **17.50** A Maldição de Molly McGee **18.35** Monstros: Ao Trabalho! **19.20** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** Festa Frozen: O Reino do Gelo (v.p.)

DISCOVERY

17.22 Snoop Dogg: O Verão Mais Tubarão 2 **18.16** Irmãos e Tubarões **19.10** Tubarões Caminhantes com Forrest Galante **20.05** Tubarões do Humor **21.00** Deadliest Bite

HISTÓRIA

16.36 Alienígenas **23.39** Óvnis: As Provas Perdidas

ODISSEIA

18.27 Leões do Kalahari **19.12** Histórias Selvagens na Quinta **20.04** Uma Quinta, 9 Filhos e 1.000 Ovelhas **21.37** Grandes Rios da Terra **22.30** A Terra**23.25** Odisseia Vulcânica

CULINÁRIA

Maratona de Receitas de Verão
24Kitchen, 18h
O fim-de-semana do 24Kitchen é dedicado às receitas de Verão. Arranca com *Chef de Raiz* e os chamados "gelados sem culpa" do *chef* Leonardo, prosseguindo com o xarém de amêijoas e o picolé de pepino, lima e hortelã da Tia Cátia em *Os Segredos da Tia Cátia* ou o folar e o xerém de bacalhau de Joana Barrios em *À La Barrios*. Temos também, em *Jamie Oliver: Together*, um banquete mediterrâneo com salmão, batata com sumo de limão e *cocktails* de morango e *prosecco* de Jamie Oliver, que também mostra, *Em 30 Minutos com Jamie*, um menu de Verão com macarrão, salada de ervas e tortinhas de pêra. Por fim, há *Prato do Dia*, *Nico Reynolds: All Fired Up* e *Mary Berry's Foolproof Cooking*.

MÚSICA

Em Casa d'Amália
RTP1, 22h59
Gravado ao vivo no Paço Ducal de Vila Viçosa, Alentejo, este episódio da sexta temporada do programa que cruza fado, conversa e outros géneros musicais juntou as vozes de Camané, Marco Rodrigues, Ana Sofia Varela e Tânia Oleiro. No piano esteve Luís Oliveira e, nas guitarras, José Manuel Neto e Pedro Soares.

ENTRETENIMENTO

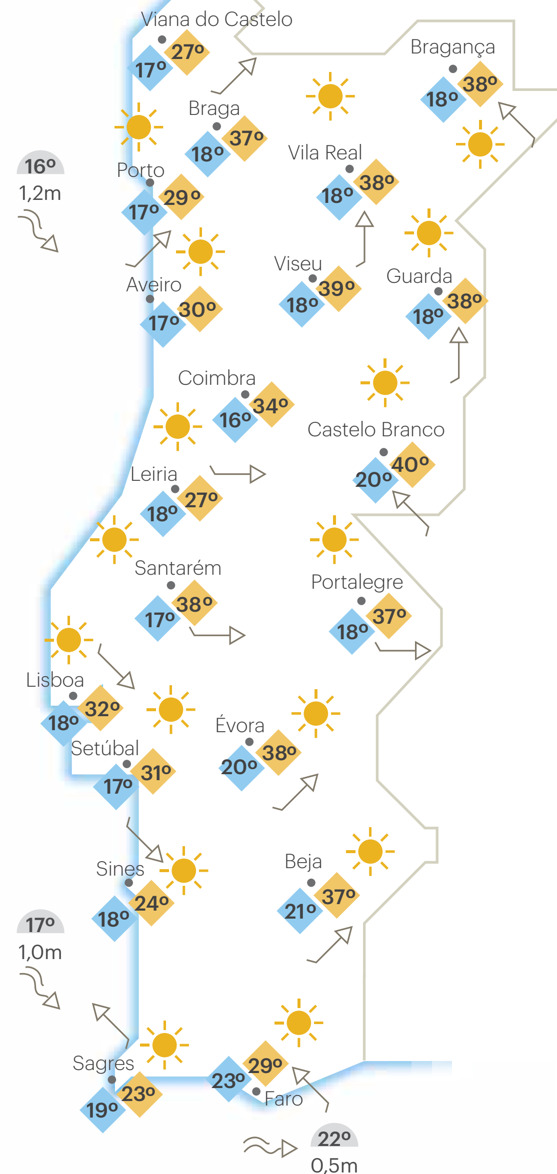
Missão 100% Português
RTP1, 21h01
Estreia da quinta temporada. No primeiro episódio desta nova leva de episódios do programa que quer, como o nome denuncia, descobrir maravilhas e produtos 100% nacionais, Vera Kolodzig e João Paulo Rodrigues rumam até ao Algarve para explorar a produção portuguesa.

INFANTIL

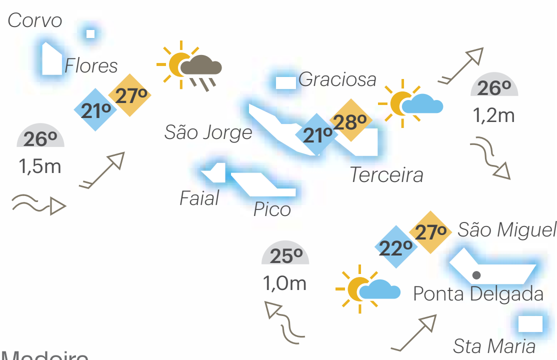
Festa Frozen: O Reino do Gelo (v.p.)
Disney, 20h50
Elsa tenta organizar uma festa para a irmã Anna nesta curta de 2015 que funciona como uma minissequela de *Frozen*, o filme de 2013. É realizada, como o original, pela dupla Chris Buck e Jennifer Lee, tem uma canção nova, *Making today a perfect day*, escrita por Kristen Anderson-Lopez e Robert Lopez, também responsável pela banda sonora original, e passou nos cinemas antes do *remake* em imagem real de *Cinderela*.

Meteorologia

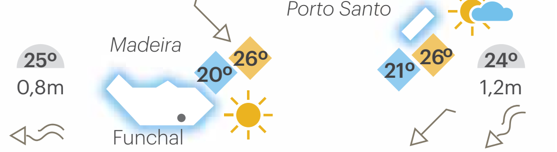
PORTUGAL



Açores



Madeira



MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 07h07	2,9	Preia-mar 06h42	2,9	Preia-mar 06h44	2,9
Baixa-mar 13h05	1,1	Baixa-mar 12h38	1,2	Baixa-mar 12h29	1,0
Preia-mar 19h20	3,0	Preia-mar 18h55	3,0	Preia-mar 19h01	2,9
Baixa-mar 01h33*	1,1	Baixa-mar 01h04*	1,3	Baixa-mar 00h55*	1,1

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Domingo, 11	Segunda-feira, 12	Terça-feira, 13
Mín. / Máx.	19º / 29º	19º / 28º	20º / 27º
Índice UV	M. alto	M. alto	M. alto
Vento	Fraco	Fraco	Moderado
Humidade	80%	81%	75%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 28 Jul.	424,93
Há um ano	420,83
Há dez anos	397,65
Semana de 21 Jul.	424,80
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

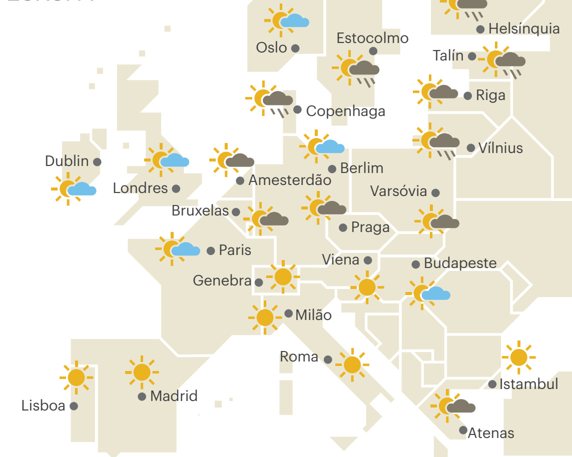
Nascente 06h46
Poente 20h37

LUA

12 Ago. 16h19
19 Ago. 19h26
26 Ago. 10h28
3 Set. 02h55

Nascente 12h23
Poente 23h21

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	23	Roma	22	37
Atenas	26	35	Viena	18	32
Berlim	16	27	Bissau	26	29
Bruxelas	16	26	Buenos Aires	9	16
Bucareste	20	33	Cairo	26	38
Budapeste	18	32	Caracas	19	28
Copenhaga	14	22	Cid. do Cabo	10	15
Dublin	13	22	Cid. do México	14	25
Estocolmo	14	21	Díli	21	31
Frankfurt	16	29	Hong Kong	27	34
Genebra	17	32	Jerusalém	20	30
Istambul	23	32	Los Angeles	18	30
Kiev	18	27	Luanda	20	25
Londres	16	24	Nova Deli	26	31
Madrid	24	39	Nova Iorque	19	29
Milão	24	35	Pequim	23	33
Moscovo	15	24	Praia	24	31
Oslo	12	22	Rio de Janeiro	14	18
Paris	18	30	Riga	14	22
Praga	16	30	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Animais no Verão

Cinco formas de mantermos os animais frescos no Verão

Água fresca, com ou sem cubos de gelo, é a primeira possibilidade para os cães ou os gatos estarem hidratados. Os tapetes refrescantes também ajudam a baixar a temperatura corporal

Ana Isabel Ribeiro

Os animais têm o corpo coberto de pêlo, o que significa que vão ter mais dificuldade em suportar as altas temperaturas do que os humanos. Além disto, quanto mais longa e espessa for a pelagem, mais desafiante será para as espécies. Os cães, por exemplo, transpiram através das glândulas sudoríparas das patas e do arfar, mas quando o fazem em demasia é sinal de alarme e o ideal é serem imediatamente levados ao veterinário.

As raças com focinho achatado, as chamadas braquiocefálicas, como o *pug*, o *boxer*, o *shih tzu* e o *bulldog* francês e inglês, vão ficar com a respiração comprometida, dadas as características do focinho. Nos gatos-persas, que também têm o rosto achatado, a dificuldade em dissipar o calor também vai ser acrescida. O mesmo acontece com os animais que têm problemas respiratórios, cardíacos e excesso de peso.

Tal como as pessoas, é fundamental que os animais estejam hidratados e abrigados das altas temperaturas, especialmente nas horas de maior calor.

Água fresca

Em relação à primeira coisa que os donos devem fazer para manter os animais frescos no Verão, não é preciso ser-se médico veterinário para saber. O calor leva à desidratação e estimula a sede, por isso, a água é o principal aliado. Nestas situações, é essencial que os gatos e, principalmente, os cães tenham sempre uma tigela com água fresca à disposição.

Se as temperaturas estiverem muito altas, os tutores podem sempre acrescentar cubos de gelo à taça, aponta a veterinária Sara Coelho. Como a água está à temperatura ambiente, os cubos vão derreter rapidamente e mantê-la fresca. “Se a água estiver muito fria, eles vão parar de beber. Por isso, não há perigo nenhum”, completa a médica veterinária.

Pôr petiscos no frigorífico ou no congelador durante uns minutos é outra das formas de refrescar o animal. Cenouras, banana madura e melancia esmagada, fruto que tem uma grande quantidade de água, são algumas das sugestões da veterinária. “Também é uma forma de os mantermos entretidos e de evitarem fazer disparates em casa”, defende.

MANUEL ROBERTO



O conselho mais importante a ter em conta em dias de maior calor é a hidratação

Passear, sim, mas nas horas de menor calor

Estar calor não significa que os tutores não possam levar os cães ou até mesmo os gatos a passear, mas estas saídas devem ser feitas nas horas de menor calor, ao início da manhã ou ao final do dia. Além de terem calor, podem facilmente queimar as almofadas plantares a caminhar. Nos passeios também é importante que não falte água fresca.

É sempre mais seguro se os donos levarem água de casa. Para os cães que não costumam beber muita água ou que só bebem numa taça específica, os bebedouros portáteis podem ser uma ajuda. Mas primeiro é importante que o animal seja treinado em casa a beber água neste novo acessório.

A par disto, os locais escolhidos para os passeios devem ter zonas com sombra.

Em casa: tapetes refrescantes

Além dos bebedouros portáteis, não faltam produtos à venda no mercado para manterem os animais frescos. Os tapetes refrescantes são um deles e o nome diz tudo. São feitos de um gel que se activa quando os cães ou os gatos se deitam e existem em vários tamanhos (e preços) consoante o porte do animal. São úteis para os donos terem em casa, nas camas dos cães e dos gatos ou nas zonas da casa onde estes animais mais gostam de estar. São leves, fáceis de limpar e a sensação refrescante do gel dura várias horas.

No entanto, só funcionam quando não estão em contacto com a luz solar e para serem utilizados novamente é necessário esperar uns minutos. Se for mais confortável para os animais, existe ainda a mesma opção em formato colchão.

Na rua: nunca deixar um animal sozinho dentro do carro

Deixar um cão ou um gato dentro de um carro num dia de calor – mesmo com um pouco da janela aberta – é tão arriscado como deixar um bebé ou uma criança pequena seja no Verão, Inverno ou em qualquer outra estação do ano.

Quer esteja ao sol ou à sombra, o interior de um carro no Verão vai funcionar como o de um forno. Como absorve os raios solares, a temperatura aumenta rapidamente ao ponto de se tornar insuportável para os cães e gatos. O interior do carro fica assim mais quente do que o exterior.

Num ambiente fechado, sem ventilação suficiente ou ar condicionado, os animais não têm como dissipar o calor que sentem, os órgãos começam a falhar e podem morrer de golpe de calor. Na grande maioria dos casos, acrescenta Sara Coelho, bastam 20 minutos no interior de um carro para não resistirem”.

“Se virmos um cão dentro de carro sem janela aberta, a primeira coisa é partir a janela e depois chamar a polícia. Segundo sei, a pessoa não tem de pagar o arranjo do carro porque o dono é que estava a ser negligente ao deixar o animal no carro”, destaca. Deixar um animal durante uma noite quente também é perigoso.

Além disto, lê-se no artigo 387.º do Código Penal, trata-se de um crime de maus tratos a animais de companhia que dá direito a pena de prisão de seis meses a dois anos ou coima que varia entre os 2000 e os 7500 euros. Em declarações ao PÚBLICO, o jurista Diogo Martins adianta que o dono pode também ser impedido de deter animais de estimação pelo período máximo de seis anos.

Nas raças que têm o focinho achatado o risco é ainda maior: basta uma viagem de carro nas horas de maior calor com o ar condicionado ligado ou janelas abertas para apresentarem sintomas de golpe de calor.

“É por isso que no Verão tento sempre que as consultas dos *bulldog* franceses sejam as primeiras do dia, de manhã cedo, ou à noite. Há muitos que durante a viagem em pleno Verão chegam ao hospital e têm de ser reencaminhados para a banheira porque estão a entrar em golpe de calor”, reforça Sara Coelho.

Ter atenção à respiração ofegante

Em dias de altas temperaturas, é através da respiração que os animais dão os primeiros alertas de que algo não está bem.

A respiração é umas das formas que os animais têm para dissipar o calor. Quando esta se torna ofegante significa que não estão a conseguir manter-se frescos. Nestes casos, explica a veterinária, o cão normalmente tem a boca aberta e a língua para fora.

Colocar panos molhados com água fresca nas partes do corpo que têm menos pêlo, como barriga, axilas e virilhas ajuda. Se não resultar, o passo seguinte é contactar um veterinário.

Questionário Pós-Proustiano

DR

A presidente do conselho directivo do .PT assume ser viciada "em exercício físico"

Luísa Ribeiro Lopes

Não sou de arrependimentos, mas gostava de ter tido mais filhos



Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma e porquê?
LinkedIn. Já desisti do Facebook, pois os conteúdos deixaram de me interessar.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Não me recordo de alguma vez me ter arrependido.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Várias pessoas, por razões da vida, deixei de contactar, mas nunca as qualifiquei como ex-amigos ou as quantifiquei.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Voluntariosa.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Lembro-me de muitos que seriam bem interessantes, mas não consigo nomear um em especial, seria provavelmente num cenário queirosiano, de Gabriel García Márquez ou de Allende.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Actualmente, Barcelona, pela proximidade familiar.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
Nunca é tarde para fazer algo que nos faz feliz.
Em que situações se considera uma "chata"?
Na defesa de algo em que acredito muito, nomeadamente a procura por uma sociedade mais igual.
Tem algum vício que gostaria de não ter?
Actualmente não; sou ex-fumadora.
E um de que se orgulhe?
Viciada em exercício físico: corrida.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Ramalho Eanes, Rosa Mota, Leonor Trindade.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Ataque de ansiedade, não. Já tive algumas situações difíceis, geradoras de ansiedade.
E já se sentiu profundamente exausta? Foi *burnout?*
Já me senti profundamente exausta, sem nunca ter sido um *burnout*.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Que não tenho conselhos a dar.
É vegetariana, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não faço nenhuma dieta especial, salvo, não ingerir lactose, por não gostar.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Noite de Solstício de Verão. O último que me marcou mais: *Ainda Temos o Amanhã*.
Qual o seu maior arrependimento?
Não sou de arrependimentos, mas gostava de ter tido mais filhos.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Surpreendo-me frequentemente com bons livros, filmes, pessoas, sítios. Talvez o último livro que acabei de ler: *A Vergonha*, de Annie Ernaux.

BARTOON LUÍS AFONSO



Puigdemont: a coragem política na era do TikTok

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares

Mas que raio foi aquilo? Na quarta-feira, Carles Puigdemont anunciou solenemente que iniciara "a viagem de regresso do exílio". "O Parlamento da Catalunha convocou todos os deputados para o debate de investidura do próximo presidente da Generalitat. Eu tenho que estar lá e quero estar lá", disse ele. A jornalista Sofia Lorena descreveu o vídeo como "uma intervenção em pose de estadista e tom grave, com as bandeiras da União Europeia e da Catalunha atrás de si. Saiu em segredo [em 2017], para não ser preso, regressa sabendo que será detido e pretende fazê-lo rodeado de apoiantes."

Só que isso era na quarta-feira de manhã. O que aconteceu 24 horas depois foi um filme inteiramente diferente. Puigdemont apareceu, de facto, no centro de Barcelona, discursou durante quatro minutos para alguns milhares de apoiantes, próximo do Parlamento catalão, mas não tentou assistir à investidura do novo presidente do governo da Catalunha. Após o seu discurso-relâmpago, Puigdemont desapareceu no meio da multidão, entrou para o porta-bagagens de um carro branco pertencente a um membro dos Mossos d'Esquadra (a polícia catalã, cuja cumplicidade com o processo independentista é severamente criticada desde o referendo de 2017), e regressou à Bélgica sem ser apanhado.


QUIQUE GARCIA/EPA

> **Puigdemont ficou malvisto. Sánchez ficou malvisto. Os Mossos d'Esquadra ficaram muito malvistos. O Estado de direito espanhol ficou bastante malvisto**

Houve grande comoção nacional, claro. E o primeiro objectivo de Puigdemont foi atingido: tomar conta do espaço mediático e distrair da evidente derrota que para si representa a subida ao poder na Catalunha do socialista Salvador Illa, o primeiro não-independentista em 14 anos. A direita espanhola atirou-se ao ar; os comentadores perguntaram pelo paradeiro do Estado de direito; Pedro Sánchez manteve-se desaparecido em férias estivais; os Mossos d'Esquadra foram acusados de serem a polícia mais incompetente do planeta – ou então a mais cúmplice de outros interesses que não a lei –; e o Governo de Sánchez, dependente do Juntos pela Catalunha, com o qual negociou obscenamente uma amnistia em troca de apoio parlamentar, está enfiado até ao pescoço no homérico embaraço que a nova aparição e fuga de Puigdemont provoca em toda a gente.

E no entanto... No entanto, estou capaz de apostar que o maior prejudicado por esta rábula estrambólica foi o próprio Puigdemont, cujos impulsos de coragem nunca parecem durar mais do que poucos minutos, até desaparecer no porta-bagagens de um carro qualquer. É coragem intermitente, para TikTok e Instagram. Em Outubro de 2017, convocou um referendo ilegal, pôs a Catalunha a ferro e fogo, e depois de proclamar a República Catalã fugiu para a Bélgica, deixando vários colegas a pagar nas prisões espanholas o preço da sua ousadia política. Agora, após um regresso anunciado com fato e gravata e bandeira, decide fugir de novo, para estupefacção dos seus apoiantes, que ficaram a olhar para os céus de Barcelona à espera de um sinal. Grande sucesso mediático? Sim – e manifesto fracasso político.

Como dizia o outro, é poucochinho. Carles Puigdemont ficou malvisto. Pedro Sánchez ficou malvisto. Os Mossos d'Esquadra ficaram muito malvistos. O Estado de direito espanhol ficou bastante malvisto. E, contudo, é possível que esta caldeirada de gente malvista, envolvida em ridicularias e num episódio essencialmente desesperado e patético, tenha ajudado a diluir a causa independentista da Catalunha e reforçado a unidade de Espanha. Menos com menos com menos com menos dá mais. A política é assim: eternamente misteriosa e fascinante.

Colunista

jmtavares@outlook.com